

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

MIRAGENS E FANTASMAS DO IMIGRANTE ITALIANO DO SUL DE SANTA CATARINA.

I VOLUME

PRELIMINARES

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LITERATURA BRASILEIRA.

VALDEMAR MAZURANA

FLORIANÓPOLIS
DEZEMBRO/1987

MIRAGENS E FANTASMAS DO IMIGRANTE ITALIANO DO SUL DE SANTA CATARINA.

VALDEMAR MAZURANA

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE

MESTRE EM LETRAS

ESPECIALIDADE LITERATURA BRASILEIRA - E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.

Celestino Sachet
Orientador

Celestino Sachet
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira.

BANCA EXAMINADORA:

Celestino Sachet
Presidente

José Curi

Jayme Paviani

A minha esposa Sueli.

A meus filhos: Michelane

Morrisson

Fernanda.

Micheline (póstuma).

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças à colaboração das seguintes entidades e pessoas:

Universidade Federal de Santa Catarina

Colégio Toneza Cascaes

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

Fundação Educacional Barriga Verde (FEBAVE)

Instituto São José

Celestino Sachet

Sueli Tereza Mazzucco Mazurana

Antônio Mazzucco

Maristela Mazzucco

Silena Zenella Mazzucco

Estevão Giordani

Olivo de Lorenzi Cancellier

Cândido Tezza

Ivo Ferraro

Isaura Ferraro Cadorin

Desidério Lavina

Angelo Sangaletti

Mons. Agenor Neves Marques

Virgílio Noriller

Iracema Moser Cani

José Caruso Macdonald

Prof. Walter F. Piazza

Maria de Lorenzi Frol Mazzucco

Iaponan Soares

Janer Cristaldo

Bética Canitrot.

RESUMO

Este trabalho enfoca o imigrante italiano de Santa Catarina, mormente aquele que se fixou no sul do Estado. Com ele pretende-se dar respostas a perguntas como: "quem é este imigrante?" "O que legou aos seus descendentes em termos de produções escritas e outros aspectos culturais que o possam tornar mais profundamente conhecido?" E a partir das respostas elaborar um trabalho criativo ficcional. Para maior clareza, agrupam-se os resultados em dois volumes. No primeiro (intitulado "Preliminares") encontram-se os referentes às respostas dadas às perguntas acima, o que, concretamente se fez de duas maneiras: a) através de pesquisa bibliográfica referente às condições sócio-econômicas e políticas que envolveram o homem do Norte da Itália na segunda metade do século XIX e o levaram a se transferir para este lugar trazendo suas características culturais, também detectadas com a devida brevidade; b) pela análise das obras (livros e jornais) escritos em língua italiana em Santa Catarina. O segundo volume (Histórias de Brenta) contém 29 histórias que realizam a experiência ficcional, objetivo principal do empreendimento. Estas histórias, a que chamaremos também "contos" (embora esta acepção tenha sentido bem amplo) vêm precedidas de uma introdução que comprova também a utilização da pesquisa de campo, principalmente no que tange à linguagem.

Assim comprova-se a hipótese da possibilidade de uma criação literária a partir da carga cultural do imigrante italiano do sul do Estado e presume-se ter alcançado o objetivo fundamental de sua incorporação à Literatura Catarinense.

ABSTRACT

This work broaches the Italian immigrant of Santa Catarina, mainly that which made his abode at the South of the State.

With it we expect answer questions as: "who is this immigrant?" "What did he leave to his descendents as written productions and other cultural aspects which can make their own more profound knowledge?" And from the answers to make a fictional original work. For more intelligibility we grouped the results in two volumes. In the first of them (entitled "Preliminares") we can find the results concerning the answers of the questions above, which we concretely made by a) bibliografy research about the socio-economic and political conditions which involved the man of the North of Italy in the second half of the nineteenth century and moved him to come to this place bringing his cultural characteristics, also seen with due shortness; b) the analysis of the compositions (books and newspapers) written in Italian language in Santa Catarina. The second volumes ("Histórias de Brenta") contains twenty-nine short stories which realize the fictional experience, the main intent of all this work. These short stories are preceded by an introduction which proves the application of the research of field, mainly about the language, afterwards doing a refference about a short story theory.

Thus we confirmed the hypothesis of the possibility of a fictional work from the cultural load of the Italian immigrant of the South of the State and we suppose to get the main intent of its incorporation in the Catarinense Literature.

SUMÁRIO

I VOLUME

	Página
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
JUSTIFICATIVA	1
METODOLOGIA	4
1. O IMIGRANTE	7
1.1. Aspectos econômicos, sociais e políticos	7
1.2. Aspectos culturais	23
2. A PRODUÇÃO ESCRITA EM LÍNGUA ITALIANA OU EM DIALETO VÊ- NETO EM SANTA CATARINA	34
2.1. Jornais	34
2.1.1. "L'Operaio"	34
2.1.2. "La Patria"	38
2.1.3. "L'Amico"	80
2.1.4. "La Voce del Parroco in Famiglia"	85
2.1.5. "Vita Coloniale"	86
2.1.6. "La Tribuna"	103
2.2. Livros de Cunho Histórico	115
2.2.1. Notizie di Brusque e Nuova Trento Ossia delle colonie Itajahy e Principe Don Pedro Nella Provincia di S. Catarina Impero del Brasile	115
2.2.2. Nuova Trento - Impressioni di Viaggio	127

2.2.3. Coloni e Missionari Italiani Nelle Foreste del Brasile	130
2.2.4. Caderno de Memórias da Família Ferraro ...	137
2.3. Livros de Canções Italianas	147
2.3.1. Cantavam Così	147
2.3.2. Canções Italianas	152
2.3.3. Cancioneiro do Imigrante Italiano	155
2.4. Obras Literárias	158
2.4.1. Gráfico Impercettibile	158
2.4.2. Stianni in Colônia	160
2.4.3. Resta Quã con Noaltri	163
2.4.4. Raconti de Rio Cedro	168
CONCLUSÃO	174

JUSTIFICATIVA

Estudar a corrente imigratória italiana de Santa Catarina visando preservar seus valores culturais e integrá-los no contexto da cultura catarinense é um empreendimento que se justifica por si mesmo. Afinal o elemento italiano deu e continua dando grande contribuição aos diversos setores do desenvolvimento do Estado catarinense. Há, no entanto, alguns aspectos que precisam ser justificados nesta proposta de trabalho. São eles referentes à parte principal, a da produção ficcional, contida no segundo volume, e podem ser expressos através de duas perguntas: 1) será válido defender dissertação universitária através de uma obra de ficção? 2) por que em dialeto?

Quanto à primeira questão, parece que a resposta óbvia seria elaborada a partir de uma nova pergunta: será mais importante a teorização de uma língua, ou seu aspecto produtivo? Ora, os falantes de uma determinada língua costumam se orgulhar de suas obras criativas antes que de suas teorizações, mesmo porque aquelas precedem a estas e estas nunca es-

gotam aquelas. Não se sabe se tal seria a justificativa de muitos doutores de Universidades que aceitam a defesa de dissertação ou tese através de obras de ficção. Mas a própria existência deles anima a se tomar esta atitude, aliás não inusitada.

Esdras do Nascimento obteve o título de Doutor em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o romance "Variante Gotemburgo", depois editado pela Nórdica (1977). O romance-tese foi defendido perante uma banca na qual figuravam os seguintes nomes: Afrânio Coutinho, Eduardo Portella, Emmanuel Carneiro Leão, Bela Josef e Mário Camarinha da Silva, que o aprovaram. Pode-se citar também o caso da Universidade Federal de Santa Catarina onde Norberto Puntel obteve o grau de Mestre com um romance intitulado "Um Profeta Sem Terra". A banca que aprovou a dissertação se compunha dos seguintes professores: Nereu do Vale Pereira, Tânia Regina de Oliveira Ramos e Celestino Sachet.

Para responder à segunda pergunta, basta dizer que mais uma língua para um povo, significa um enriquecimento cultural. Muitos países adotam mais de uma língua oficial. No caso do dialeto (dialeto italiano) possui ele grande número de falantes e algum, como é o caso do vêneto, uma literatura própria, sendo já encarado por muitos estudiosos como uma língua. Para o imigrante, os dialetos trazidos da Itália serviram durante longo tempo, como principal e, até, único veículo de comunicação. Depois tentou-se abafá-los, mas apesar dos excessos e abusos, eles sobreviveram e atualmente adquirem novo vigor. Aliás, famílias existem que nunca deixaram de utilizá-los. Estudá-los significará resgatar seus valores culturais e lingüísticos bem como proporcionar aos falantes

e estudiosos um cabedal de referências úteis para a aprendizagem de outras línguas, da História, da Geografia, da Sociologia e da Psicologia. E isto parece justificar esta iniciativa.

METODOLOGIA

O presente trabalho consta de dois volumes: no primeiro - Preliminares - faz-se um breve histórico da situação em que vivia o imigrante italiano em sua Pátria: mentalidade, situação sócio-política e cultural e dependência de estruturas obsoletas. Isto, aliado às condições do Brasil, divulgadas na Europa principalmente na década de 1870, motiva um grande contingente de italianos a emigrar. Muitos deles vêm para Santa Catarina e se estabelecem principalmente em duas regiões: primeiro, nas colônias fundadas por alemães no norte do Estado; segundo, fundando novas colônias no sul do Estado.

Em seguida faz-se um apanhado geral dos livros e jornais escritos em italiano ou em dialeto, produzidos em Santa Catarina. O conteúdo deste primeiro volume, foi elaborado a partir de Pesquisa Bibliográfica e análise de obras.

Apresentado em dois momentos, de início corresponde às "miragens" do imigrante que vivia numa situação agressiva sob todos os aspectos e lhe criava uma tensão da qual ele precisava se libertar; o segundo, poderia ser encarado como uma ten-

tativa de retorno à normalidade e ao estado de espírito lúcido, capaz de registrar a circunstância histórica.

O segundo volume - Histórias de Brenta - se compõe de 29 histórias, ou contos escritos em dialeto. O espírito, já libertado, é capaz de produzir e registrar algo mais profundo que os fatos reais da História, porque pretende examinar uma faceta da própria essência do homem.

Para elaboração desta parte, como pode ser visto na sua introdução, colheram-se elementos através de entrevistas que foram gravadas ou anotadas em fichário próprio. Estes elementos se constituem de acontecimentos, caracterização de tipos, expressões lingüísticas, crenças, usos, costumes, cenário... que, agrupados ou não, foram utilizados na elaboração dos contos. E como se tratou de produção literária procurou-se aproveitar com liberdade e de acordo com critérios literários, a teoria psicológica dos comportamentos, aproveitando as possíveis reações que poderiam ser verificadas nas personagens diante da mudança de determinada variante. Como pressuposto deve-se colocar ainda que, individualmente, cada personagem faz parte de um grupo e este grupo se insere numa situação histórica que tem suas próprias características, que provoca reações no grupo como um todo. Por isso procurou-se também estruturar os contos relacionando-os entre si, conferindo-lhes, como índices de unidade, a linguagem, a geografia, o tempo histórico, o narrador, o contador de histórias e personagens que entremeiam diversas delas.

A experiência anima a posteriores iniciativas porquanto apenas uma pequena parte do material colhido foi utilizado e muito ainda pode ser pesquisado.

Por fim quer-se esclarecer que o levantamento de livros e jornais escritos em italiano ou em dialeto, abrangeu a totalidade do território catarinense, enquanto na produção ficcional teve-se presente a Região Sul do Estado da qual fazem parte as personagens, os fatos e, principalmente, o cenário.

1. O IMIGRANTE

1.1. Aspectos econômicos, sociais e políticos

Para transformar as formas reais de vida do imigrante italiano do Sul de Santa Catarina e sua carga cultural, em obra de ficção é indispensável conhecer quem é este homem imigrante, principalmente a partir de suas características sociais, políticas, culturais e psicológicas que se manifestam na maneira de se relacionar entre grupos ou indivíduos e nas reações do seu mundo interior frente ao exterior.

As reações que nascem do confronto destes dois mundos geram os fatos possíveis de serem transformados em ficção. Se isto vale como hipótese, é necessário estabelecer que a preservação do que há de positivo (como a evidenciação de um cabedal cultural possivelmente fecundo) deve ser determinado como objetivo principal deste enfoque, além de dar-lhe uma nova dimensão: a literária. Pretende-se, como consequência, enriquecer uma Literatura (a Catarinense) além de preservar formas lingüísticas em extinção (o dialeto). A justificativa de

semelhante iniciativa apóia-se no simples fato de que toda tentativa de conhecer e compreender melhor o ser humano em suas reações frente às situações que, no decurso da História, se configuram, é válida.

Lukács, quando fala do "Romance de Educação" escreve: "É necessário ver o grande número de homens, incapazes de se adaptar, correr para a sua ruína, ao passo que outros, tendo capitulado cedo e sem condições diante de qualquer realidade, ficam empobrecidos e ressequidos, por medir este perigo que ameaça cada pessoa, perigo em face do qual existe sem dúvida para cada um, um caminho individual, mas não uma salvação assegurada a priori. Mas semelhantes caminhos existem e vê-se uma comunidade inteira de homens que, dando-se mutuamente ajuda e a despeito de todos os erros e de todos os enganos a que lhe sucede sucumbir, os percorre vitoriosamente até (o) final"¹.

A afirmativa pode servir de proposta de entendimento mais profundo da maneira como reagiu o ser humano em determinada circunstância e num determinado tempo. É, pelo menos, uma possibilidade de enfoque. Em consequência nascem as perguntas: teria sido a emigração de países europeus, uma epopéia ou uma tragédia? Ou, quem sabe, uma comédia? Para cada possibilidade abrem-se caminhos e é indispensável estabelecer limites para se chegar a uma conclusão plausível.

A busca destas respostas são possibilidades muito amplas e poderão servir para outros estudos. Este pretende ficar apenas com um aspecto desenvolvido por Lukács, o de que o ho-

¹ LUKÁCS, Georg. Teoria do romance. Lisboa, Editorial Presença, s/d. p.159.

mem se vê na contingência de dois mundos: o seu mundo interior e o mundo exterior que, uma vez em confronto, provoca reações. E para não permanecer nas mesmas possibilidades, uma vez que as reações podem ter infinitas conotações estabelece-se a busca mais adequada, não pelos caminhos apriorísticos que permitiriam ao espírito aventurar-se em feitos representativos de um povo com garantias de vitória sobre o mundo exterior, nem nos apelos que fazem a alma avançar a todo custo à procura de sua própria essência que é a adequação consigo mesma até ao aniquilamento, se lhe for exigido, mas numa visão do homem inserido numa determinada situação real.

Para compreendê-lo é necessário ir buscá-lo, se não em seu primitivo lugar de origem, pelo menos em seu ponto de partida imediato, com suas peculiaridades, sua situação económica, seu meio social. Aí vamos encontrá-lo no meio de um torvelinho de acontecimentos que o vão amalgamar tornando-o massa anônima em busca de alguma saída.

Revolução Francesa e Revolução Industrial são marcos divisores do modo de pensar, de se organizar, de se relacionar entre indivíduos e entre classes. As idéias foram evoluindo e se afirmando, principalmente após a Revolução de 1848.

A Itália, como toda a Europa da segunda metade do século XIX, vivia política e economicamente as influências do Liberalismo. A burguesia capitalista, rica e instruída, detinha o poder controlando-o tanto contra a antiga aristocracia como contra as possíveis tentativas de participação da massa popular. O Liberalismo como filosofia concedia direitos iguais a todos, mas na prática servia para justificar a ação daqueles que possuíam ou dominavam o capital tanto material quando cul-

tural, e agiam, embora em detrimento da maioria, provocando a desigualdade cada vez mais acentuada. Duas classes sofrem de modo especial os efeitos do domínio capitalista e do Liberalismo: a classe nova do operariado e a antiga dos camponeses. A primeira em formação ao redor dos centros de produção industrial que vinham se formando, provocando o fenômeno do êxodo rural com todas as conseqüências provocadas pela mudança e pela falta absoluta de leis trabalhistas. A segunda, proveniente das antigas estruturas do feudalismo, de imediato ressentia-se da falta de determinação provocada pela dependência secular de um senhor que desapareceu e da Igreja que a liderava ideologicamente. Esta classe camponesa sofrerá cada vez mais as conseqüências das mudanças sociais que vão ocorrendo e do seu atrelamento a métodos e técnicas de produção agrária ultrapassados. Toda sua atividade gravita em torno de um único fator capaz de lhe proporcionar os meios de subsistência: a terra. É o núcleo que a cultiva e dela extrai os frutos pelo trabalho, é a família. As sociedades agrárias só vão surgindo aos poucos, vão produzir seus frutos praticamente no final do século e são conhecidas pela parte mais evoluída da massa camponesa. O tradicionalismo tinha valor absoluto e de certa forma obedecia a verdades imutáveis e hierarquizadas como Deus, Igreja, pais, filhos, que transmitiam do Todo-Poderoso aos mais desprovidos o modo de se comportar e de agir para alcançar os fins que eram a produção da terra para a subsistência da família e a consecução do objetivo espiritual da salvação.

O crescimento demográfico² por si só provocará pressão

² Em 1800 a população da Europa era calculada em 187 milhões; em 1900 ultrapassa os 400 milhões. Além destes poder-se-ia acrescentar os 60 milhões que foram se estabelecer fora da Europa a fim de se ter uma idéia do crescimento demográfico daquele continente em apenas um século - Conf. REMOND, René. O século XIX 1815-1914, Cultrix, 1983. p.197 seg.

contra este sistema estabelecido: os terrenos serão divididos constantemente entre os filhos provocando a existência dos minifúndios. Mas esta é apenas a faceta menos grave do problema referente à posse da terra. A crise econômica originada pelo surgimento do capitalismo, a deficiência e inadequação das leis, as administrações mal feitas, a aquisição de importância maior do bem móvel (o dinheiro), o descontrole dos sistemas tributários são fatores que vão abalar profundamente a sociedade agrária pondo-a em situação insustentável de miséria. Uma saída imediatista são os empréstimos cujas taxas de juros são regulamentadas pelas leis daqueles que dispõem do dinheiro. Juros altos e abalos na produção (doenças da parreira - criptógama - e do bicho-da-seda - pebrina - enchentes³ e outras catástrofes) impossibilitam ao agricultor defender os compromissos assumidos. Desta forma as terras melhores vão passando para aqueles que dispõem da riqueza. O trabalhador agrário ficará na situação de agregado ou arrendatário, o que significa dividir por dois o resultado do trabalho que antes já não dava para sustentar a família; ou prefere, até por um sentimento de liberdade, ir se confinando nas montanhas onde os terrenos são áridos e o clima impróprio para o tipo de cultura que persistia em fazer por força do hábito. Os impostos que, sob inúmeros pretextos eram criados ou aumentados, são repassados pelos senhores da terra àqueles que nela ficam apenas para trabalhar e, muitas vezes, aqueles que ainda dispunham de pequenas propriedades, acabavam perdendo-as por ação da Justiça, que os

³ Renzo Maria Grosselli cita como exemplo as enchentes de 1882 e 1885, qualificando-as de "terribili alluvioni" e ilustrando-as com abundantes citações do jornal "Voce Cattolica" - GROSSELLI, Renzo M. Vincere o Morire... Trento, Ed. a Cura della Prov. Aut. di Trento, 1986. p.100-101.

apanhava na condição de parte mais fraca.

Assim, desprovidos de posses, com um nível baixíssimo de escolaridade, ou analfabetos, com fortes preconceitos contra os novos métodos e descobertas da medicina, a condição agravava-se pelas más condições de higiene que provocava o surgimento de doenças e elevava a mortalidade infantil a uma média que beirava os 30%⁴.

Esta situação por si só desesperadora, agravava-se no espírito do homem que a vivia pela constante presença de guerras e revoluções causadas principalmente pelo confronto das idéias nacional-liberais, que se alastraram após a Revolução Francesa, com o tradicionalismo monárquico em luta desesperada para sobreviver. Foram tantas, na Europa, que René Rémond qualifica o período de 1815 a 1914 de "século das revoluções"⁵. Como o presente estudo se propõe dar apenas uma visão breve das condições de vida do imigrante do Sul de Santa Catarina, nos anos que precederam imediatamente sua vinda, serão citados em resumo os episódios que envolveram os pequenos reinos, ducados, principados e repúblicas em que, até 1870 se dividia o que hoje é a Itália. Estes episódios bélicos tiveram lugar primeiro no Piemonte que fazia fronteira com a França, mas era controlado pela Áustria. Napoleão dá à França a hegemonia militar sobre a região com uma série sucessiva de batalhas con-

⁴ Renzo Maria Grosselli cita 33% de mortalidade infantil para o Trentino e 27% em média para a Europa no período de 1830-1848. *Vincere o Morire...* p.43. A propósito vale lembrar duas coisas: 1º) o que valia para o Trentino, na prática pode valer para quase todo o norte da Itália; 2º) nos anos que se seguiram, deste período ao da grande imigração, não houve melhoras sociais na região; antes agravamento das más condições de vida.

⁵ RÉMOND, René. O século XIX 1815-1914. São Paulo, Cultrix, 1983. p.13.

tra os austríacos e contra os Estados Pontifícios. Fundou diversas repúblicas (que era a forma de governo que se coadunava com a idéia da "soberania do povo"). Longe de serem estáveis, os novos governos viram-se logo às voltas com a invasão austro-russa que, aproveitando a campanha de Napoleão no Egito, restabelecia, com novas batalhas, a ordem anterior. Em 1799, com o retorno de Napoleão, é através de ação militar que se impõe outra vez o domínio francês. Segue-se um período de relativa tranqüilidade e progresso. Mas, com a queda de Napoleão (1814), o Antigo Regime se restabelece, Vítor Emanuel I, da casa de Savoia em Turim; Francisco IV, em Módena; Ferdinando III, na Toscana; Maria Luísa, em Parma; os Bourbons, em Lucca e Nápoles; Pio Sétimo, em Roma. Os austríacos reconquistam a Lombardia, o Vêneto, a Dalmácia e a Istria, além de recuperarem sua influência sobre os demais Estados. Este retrocesso ao regime monárquico não se deu pacificamente e continuará gerando conflitos até o seu desaparecimento definitivo.

Com o objetivo de lutar contra a dominação estrangeira e pela soberania do povo contra as monarquias, surgem as sociedades secretas como a CARBONARIA e a GIOVANE ITALIA nas quais se inscreveram praticamente todos os liberais italianos. Estas sociedades prepararam a revolução, como ocorreu em 1820/21 em Nápoles alastrando-se logo para diversas outras cidades, mas sufocada energicamente pelos austríacos. As Constituições que foram promulgadas frearam um pouco estes movimentos, mas em 1848 Milão se rebela vencendo as tropas austríacas, dando a arrancada para as guerras de independência. O movimento se alastra para as principais cidades do Vêneto, para o Lombardia, o Piemonte e Roma. Os austríacos, porém (principalmente após a

a Encíclica de Pio IX condenando a guerra contra eles) investiram com novas forças retomando suas posições. Em 1849, novo levante no Piemonte ocasiona batalhas ferozes como a de Novara e Brescia vencidas pelos austríacos que, após dominar Roma e Veneza, impõem seu domínio sobre praticamente toda a Itália, abolindo novamente as Constituições, excetuada a do Piemonte. O ódio ao estrangeiro crescia sempre mais. Em 1859 o Piemonte, desta vez ajudado pela França, faz guerra à Austria, uma guerra preparada diplomatica e militarmente por Cavour (inclusive com a participação de tropas do Piemonte na Guerra da Criméia - 1854-1855). Daí para frente as batalhas se sucedem até a expulsão dos austríacos de praticamente todo o território, com a tomada de Roma a 20 de setembro de 1870.

Os anos que se seguiram foram muito difíceis. Era necessário organizar o país, resolver problemas internos de reações ideológicas, pagar as dívidas contraídas durante as guerras, refazer-se de uma situação social calamitosa e afirmar-se no conceito das nações. Quando ainda em vias deste processo, a Itália, deixando-se levar pelas idéias expansionistas, empreende a campanha da África (1889-96), exigindo assim, o sacrifício de mais vidas e riqueza.

Pode-se supor as influências que estes fatos, expostos aqui com a máxima brevidade, deixaram no espírito dos moradores daquelas regiões. Pode-se inferir que todos os que viviam à época da emigração nasceram dentro do ciclo de revoluções sangrentas que culminaram com a Unificação.

As revoluções e guerras tinham enorme influência também nos campos. As famílias campesinas forneciam braços para as armas. A maioria das vezes iam para regiões distantes ou

eram convocados pelos invasores tendo que lutar contra seus compatriotas. O serviço militar era prestado durante vários anos o que significava menos força de trabalho para a família durante aquele período. A expectativa de poder ser chamado a qualquer momento dos 19 aos 30 anos (em alguns casos até os 43), causava perene ansiedade. A morte de um membro da família causava verdadeiro trauma.

Como a Itália era dividida em pequenos estados independentes tornava-se presa fácil ora de austríacos, ora de franceses e a cada derrota correspondiam pesadas indenizações de guerra que empobreciam cada vez mais a população. A passagem de tropas pelos campos significava a destruição da lavoura e outros bens, assaltos, roubos, violência.

Todas estas circunstâncias sociais, políticas, naturais e culturais vão caracterizar o homem do Norte da Itália da segunda metade do século XIX.

A Igreja, pretendendo defender suas possessões e privilégios herdados da Idade Média, bem como a manutenção de seus princípios doutrinários, disputa uma hegemonia principalmente ideológica sobre o homem do campo influenciado cada vez mais pelas idéias liberais que provocam o surgimento de novas formas de vida, baseadas principalmente nas possibilidades do capital. A sociedade agrária vê-se na iminência de ter que escolher entre a mudança com todos os riscos que ameaçam seus princípios, e a permanência nas formas tradicionais de vida, ultrapassadas e insustentáveis. A mudança significava êxodo para os centros urbanos ou pelo menos para os núcleos industriais com dependência de patrões, dia de trabalho determinado pela luz solar, legislação trabalhista rudimentar e a am-

parar os padrões, insalubridade e, principalmente, significava correr o risco de perder os valores morais, éticos e religiosos cultivados de geração em geração durante séculos, que continuavam sendo pregados com projeção de castigos terríveis e eternos para quem os negasse ou viesse a perder.

A propaganda dos agentes de imigração, intensificada na década de 1870 apanha a sociedade agrária nesta perplexidade e lhe abre uma possibilidade consiliadora: transferir-se para outro lugar onde fosse possível melhorar as condições de vida, principalmente pela posse da terra, sem ter que renunciar aos valores tradicionais profundamente arraigados no espírito⁶.

Tanto do lado da Itália quanto do lado do Brasil diversos fatores vão influir favoravelmente à emigração. A Itália, que tinha sofrido um longo processo de unificação, devia se reestruturar tendo presentes os novos fatores que passaram a influir grandemente na organização social, como era o caso da industrialização, com a formação de novas classes sociais. Muitos viram na emigração uma forma de diminuir a presença incômoda de grande quantidade de famílias pobres com todas as consequências que isto acarretava. Embora tenham existido leis que dificultaram a ação dos agentes de imigração surgidas principalmente a partir do conhecimento das péssimas condições em que os emigrantes eram transportados para o Brasil, recebidos

⁶Renzo M. Grosselli diz que o campesino não procurou mudar a sociedade, mas mudou de sociedade". - Vincere a Morire... p. 13: Il contadino "non cercò in nessun modo di cambiare la società, ma solo cambiò di società, si trasferì in America dove cercò, e in parte riuscì di ricostruire un nuovo nucleo sociale sul modello di quello lasciato in patria".

e localizados, a ação de muitos chefes de comuna facilitava, ajudava e orientava as famílias mais pobres a emigrarem. Desta maneira livravam-se daqueles que causavam prejuízos aos cofres públicos e nada produziam.

Os sacerdotes católicos, vindos do meio rural e que eram quase os únicos líderes intelectuais da classe campesina, viram também com bons olhos o fenômeno da emigração e seu aval influiu decisivamente na determinação daqueles que deixaram a pátria e vieram se estabelecer numa terra ainda não "contaminada".

A redução do número dos indivíduos sem terra e sem emprego poderia melhorar as relações proprietário-arrendatário ou patrão-operário, pela diminuição da oferta de mão-de-obra. A tendência seria a possibilidade de melhores contratos e, conseqüentemente, a elevação do nível médio de vida.

Do lado do Brasil⁷ uma série de fatores fazem o poder público e a iniciativa particular voltarem os olhos para aquele contingente da população européia (italiana) que poderia imigrar.

Não foi somente com o fito de fornecer mão-de-obra para as fazendas de café em substituição aos escravos que se procurou o europeu. Embora este tenha sido um fator importante, outros, por certo, influíram decisivamente. Era preciso ocupar as terras desabitadas, principalmente da região Sul, para prevenir possíveis pretensões da Argentina e do Paraguai, com quem o Brasil já havia guerreado; formar uma classe de peque-

⁷ Não são considerados os fatores existentes nos outros países americanos, como a Argentina, Venezuela... por não interessarem ao presente trabalho.

nos proprietários agrícolas; aumentar a produção e, como consequência, os recursos do Estado; aumentar a população e, consequentemente, ter a possibilidade de fortalecer o Exército; tornar rentáveis os terrenos dos componentes da Família Real; impedir a expansão e o crescimento de grupos etnicamente puros que poderiam satisfazer mais aos interesses do país de origem do que ao Brasil.

O Contrato Caetano Pinto, assinado a 30 de junho de 1874, tem sucesso imediato e bem prova a força com que a soma destes fatores influiu na decisão de milhares de italianos do Norte. Animado por somas fabulosas Joaquim Caetano Pinto Júnior pôde montar um esquema que envolveu embaixadores, agentes de imigração, padres, chefes de comuna, empresas de navegação, engajadores e todos os elementos necessários para trazer cem mil imigrantes no prazo de dez anos.

A ação e a propaganda desenvolvida pela organização Caetano Pinto, as notícias veiculadas na imprensa daqueles anos e as cartas dos que já haviam imigrado, canalizam uma verdadeira torrente imigratória para o Brasil. Toda aquela população pobre sentiu a possibilidade de se libertar de uma situação em que se via afundar sempre mais. Liberdade poderia significar a ausência ou o afastamento de uma série de desconfortos: impostos insuportáveis, guerras e revoluções sucessivas e Serviço Militar prolongado, ausência de propriedade, principalmente de terra, presença de um "senhor" cuja posição social superior se tornava agressiva, necessidade de imigração temporária para conseguir recursos a fim de manter a família, intempéries, enfim, pobreza e miséria. Animados pelas promessas contidas nos folhetos de propaganda de Caetano Pinto e pelas

disposições do Regulamento para as Colônias do Estado aprovado pelo Decreto nº 3.784, de 19 de janeiro de 1867, milhares de italianos vão chegar nas colônias do Norte do Estado de Santa Catarina, nos anos de 1875 até 1878. São, em sua maioria, agricultores, mas há pedreiros, sapateiros, carpinteiros, soldados, artesãos. Famílias inteiras aventuraram-se nesta travessia que levava em média um mês, quando feita em vapores; dois meses, no mínimo, quando em barcos a vela. V. Vicenzi conta que o veleiro "Gabriella"⁸ navegou durante 5 meses, perdeu a rota e chegou no estuário do Rio Amazonas. O "Vauban"⁹ demorou três meses na travessia. Mais tarde, sob a vigência de outra legislação, o Pe. Marzano (conforme ele mesmo conta em seu livro "Coloni e Missionari Italiani Nelle Foreste del Brasile") embarcou no dia 15 de novembro e desembarcou no Rio de Janeiro a seis de dezembro, levando a travessia apenas 21 dias, mas isto no ano de 1899 no "robusto" "Minas". Giovanni Ferraro¹⁰ parte de Schio dia 25 de setembro de 1891. Dia 27 embarca no "Andrea Dória" e desembarca dia 31 de outubro em Imbituba-SC, seguindo de trem até Pedras Grandes, depois a pé até Urussanga, onde chegou dia dois de novembro. Ali ficou durante nove dias por causa do mau tempo, indo a Belvedere onde se estabeleceu. Estes são apenas alguns exemplos que mostram a duração das viagens.

Todas as narrativas de viagens de pessoas comuns fazem referências a enjôos, péssima comida, bebida insuportável, su-

⁸V. Vicenzi. "História de Rio dos Cedros, 1875, 1975", Blumenau, 1975. In: Grosselli, Vincere o Morire, p.254-255.

⁹Idem, p.255.

¹⁰FERRARO, Giovani. Caderno de Memórias (inédito).

perlotação dos veleiros ou vapores. Houve casos de epidemias, avarias ou naufrágios. Algumas embarcações transportavam imigrantes e animais. Muitíssimos viram o mar pela primeira vez por ocasião das viagens, e é de se supor o trauma em que incorreram ao defrontarem-se com borrascas, calmarias, fome, sede, mau cheiro, enjôos, definhamento físico geral, mortes frequentes de companheiros cujos corpos eram jogados ao mar.

É este o homem, traumatizado, faminto, cansado e desprovido de recursos que chega em Santa Catarina e vai se estabelecer nas diversas colônias existentes ou que foram sendo fundadas. Para ele os resultados de sua decisão de emigrar são incertos, enquanto é certa a impossibilidade de retorno.

Uma vez chegados foram sendo colocados primeiramente nas colônias fundadas por alemães no norte do Estado. Aí ocuparam as linhas coloniais mais afastadas dos centros e constituídas por terrenos montanhosos e mais fracos, uma vez que os outros já haviam sido ocupados pelos alemães. Isto, aliado a outras circunstâncias, como a demorada permanência nos barracões de recepção, provocou descontentamentos e desordens e fez com que muitos abandonassem estas colônias procurando os centros urbanos existentes, emigrando para a Argentina ou procurando regressar ao país de origem. Por outro lado criou também nos administradores do Estado e das colônias e idéia de que os italianos não eram bons elementos para a colonização.

A partir de 1877, desvia-se parte desta imigração para o sul. Funda-se a colônia Azambuja em terras pertencentes à bacia do Rio Tubarão. Esta colônia terá diversas ramificações.

Mais tarde funda-se a colônia Nova Veneza por iniciativa particular e, finalmente, a colônia Torrens (oficial), cada

uma originando novos núcleos.

Para se ter uma visão geral das colônias de italianos em Santa Catarina, apresenta-se o seguinte esquema:

a) No Norte:

1. Colônia Itajaí-Príncipe Dom Pedro (Bruque) fundada por alemães em 1860. Os italianos foram colocados nas suas linhas coloniais. Das ramificações desta colônia surgiram:

1.1. Porto Franco, hoje Botuverã;

1.2. Nova Trento.

2. Blumenau. A colônia foi fundada por alemães, mas, a partir de 1875 recebe grande número de italianos que vão sendo localizados em suas linhas. Em consequência surgem:

2.1. Rodeio;

2.2. Ascurra;

2.3. Rio dos Cedros;

2.4. Apiúna;

2.5. Luís Alves.

b) No sul do Estado:

1. Colônia Azambuja, fundada em virtude de uma solicitação do presidente da província, Vicente D'escragnolle Taunay. Esta colônia dá origem a:

1.1. Urussanga;

1.2. Treze de Maio;

1.3. Acioli de Vasconcellos (Cocal);

1.4. Criciúma.

Cessada a vigência do contrato "Caetano Pinto" e modificada a legislação da imigração, o contrato com Angelo Fiorita e Cia. (que depois vende seus direitos à Cia. Metropolitana

na) faz surgir outra colônia no sul do Estado:

2. "Nova Veneza", fundada em 1891, em decorrência da qual surgem:

2.1. Belluno (Siderópolis);

2.2. Treviso;

2.3. Belvedere;

2.4. Jordão;

2.5. São Bento.

3. Colônia "Torrens" foi fundada em 1892. É colônia oficial. Constitui-se de:

3.1. Hercílio Luz;

3.2. Sangão.

Antes de serem criadas estas colônias fora feita já uma experiência colonizadora com italianos vindos da Sardenha, no ano de 1836. Trata-se da colônia "Nova Itália", de iniciativa particular, empreendida pelo médico Dr. Henrique Ambauer Schutel e o armador Carlo Demaria. A colônia, situada às margens do rio Tijucas Grande não prosperou devido à inexperiência administrativa dos empreendedores, ataques reiterados e cruéis de bugres e grandes enchentes havidas no início da colônia, como a de 1838. Lucas Alexandre Boiteux trata desta colônia no livro "Primeiras Páginas da Colonização Italiana em Santa Catarina"¹¹.

Até aqui viram-se os aspectos sociais e políticos do homem que foi introduzido no Estado para formar estas colônias, tanto as do norte quanto as do sul. É fácil imaginar que isto

¹¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento de Estatística e Publicidade - Estado de Santa Catarina, publicação nº 11 IOESC, 1939.

tenha exercido influências psicológicas. Mas não foram ainda abordados alguns aspectos muito significativos para o entendimento do espírito e do modo de viver deste imigrante: os culturais. É o que se fará a seguir.

1.2. Aspectos Culturais

Milhares foram, pois, os italianos que vieram para este Estado. Foram registradas, embora com a máxima brevidade possível, as circunstâncias históricas (econômicas, sociais, políticas) que os envolviam. Resta fazer uma abordagem sobre a cultura deste imigrante, entendendo-se por "cultura" a soma dos valores e atividades desenvolvidas pelo homem em grupo relacionado com o meio. Estes valores e atividades têm a ver principalmente com religião, pátria, família, língua, terra e trabalho. A religiosidade condicionava as determinações do homem do norte da Itália impelindo-o a buscar um lugar "seguro" onde pudesse continuar as suas crenças e práticas, centrando sua vida social ao redor da Igreja, submetendo-se à liderança do padre, tendo missa, rezando terço, cantando ladainhas e vésperas, celebrando casamentos, batizados, funerais etc. Na falta do sacerdote que presida a estas funções, surge outro líder religioso: o sacristão. Deus está presente em todos os lugares e em todos os momentos. É Ele que castiga e é Ele que perdoa e salva.

Relacionados ao valor "Pátria" estão as constantes referências à Itália, aos seus governantes (il Re), aos seus vultos históricos e militares, às suas regiões geográficas, cidades, igrejas, praças, canções, História... São prova incon-

teste disto os jornais editados em língua italiana em Santa Catarina. É por demais conhecido, ensinado e cantado nas escolas o Hino de Garibaldi. Os cônsules reais, depois de certa época, fazem freqüentes visitas às colônias e são recebidos com festas como se a Pátria e o Rei fossem também transplantados para o exílio a fim de compensar os anseios de uma longa ausência. Vale o registro de que também o padre católico (que não acompanhou os primeiros imigrantes, vindo quase vinte anos após a grande imigração) era recebido como o depositário dos poderes divinos e como representante simbólico, senão oficial, do civismo italiano.

A Família é um dos valores mais sagrados e sua estrutura é hierarquizada, despontando em primeiro lugar a figura do "pai", como autoridade máxima na administração do patrimônio e do lar. Em seguida apresenta-se a "mãe", depois os filhos mais velhos. Lugar de destaque ocupa o "nono", a "nona" e os "tios", como pessoas carregadas da força da experiência, um dos princípios mais importantes dentro do tradicionalismo das famílias italianas. Estas pessoas, são depositárias de grande respeito, principalmente o primeiro com quem nunca se discute e cuja vontade tem força de ordem. Com ele pode-se conversar, trocar idéias, mas, principalmente, deve-se obedecer. A maldição do Pai ou da Mãe significaria uma vida infeliz para um filho. Os filhos mais jovens devem respeitar os mais velhos e ao varão mais jovem corresponde a obrigação de administrar e levar adiante o patrimônio feito pelos pais. Os mais velhos, no entanto embora merecedores do respeito dos mais jovens, são os que, em geral, mais sofrem com as imposições paternas, tendo que assumir trabalhos e sacrifícios a que os outros serão poupados.

A terra está diretamente relacionada à subsistência da família e corresponde a um dos maiores anseios do imigrante. Sua posse significa a libertação da situação constrangedora anterior. Pelo trabalho da terra, a família terá sustento e dará tranquilidade a todos os seus membros. O trabalho é a maneira de conseguir subsistência, e está mais para virtude que se opõe ao vício capital da preguiça do que para meio que proporcione acúmulo de riqueza. É também sinal de honradez e serve de parâmetro para estabelecer uma superioridade racial em relação ao "brasileiro" e ao negro.

Outros elementos ligam-se aos fatores já relacionados, como, por exemplo, o lazer que se desenvolve quase sempre junto à Capela relaciona-se com o fator religioso. Os bailes, para não serem pecaminosos, necessitam de permissão do padre. A família está no centro de muitas relações, como solidariedade, proteção, saúde, subsistência etc. Não é rara a comparação da sociedade com a família: Deus é pai e os homens são todos irmãos. O espírito de solidariedade foi muito forte principalmente nos primeiros anos da imigração. Era comum famílias recém-chegadas da Itália serem hospedadas durante certo tempo na casa daqueles que já estavam estabelecidos aqui e dispunham pelo menos de alimentação para poder recebê-los. A participação comunitária revelava-se no culto, no lazer, na organização de festas ou de comissões para variados fins, bem como na construção de igrejas, escolas ou casas. Os primeiros professores foram "eleitos" e pagos pelos pais das crianças que frequentavam as escolas. Em certos empreendimentos que envolviam risco, como na defesa contra os bugres, reuniam-se grupos de pessoas para se protegerem mutuamente.

Em certas circunstâncias, ao faltar o Chefe, um dos membros assumia a responsabilidade de duas famílias. Exemplo disto se encontra na família Ferraro, de Belvedere, em cuja história o narrador refere a morte do pai, acrescentando: "Foi nesta situação que fiquei chefe de duas famílias, com 8 irmãos, a mamãe, esposa e mais três filhos, perfazendo comigo uma numerosa família de 14 membros e com bastante dívidas" (Cad. de Mem. da Família Ferraro, p.86).

Associada à fraternidade universal vinha a honestidade social: respeitar os bens alheios, não invadir a propriedade do vizinho, honrar a palavra dada, eram decorrências lógicas desta axiologia e o desrespeito a estes valores projetava igualmente a desconfiança sobre os demais elementos da família ou da mesma localidade de proveniência. São comuns as referências como: "Cuidado que esse é dos.....! (Varda che quel la l'è de.....!) O que indica a precaução que se deve ter com tais pessoas.

A Língua, finalmente, surge como um dos valores mais expressivos. É sabido que grande porcentagem dos imigrantes italianos vindos a Santa Catarina era analfabeta. Alguns sabiam ler e escrever primariamente, bem como empregar as quatro operações. Muitos eram providos de experiências e exerciam profissões que exigiam determinado grau de precisão, manifestado por exemplo na construção de casas, igrejas ou pontes de pedra. Obviamente teria sido muito difícil surgir uma literatura ficcional e mesmo histórica desta camada de imigrantes¹². Suas

¹² É possível que o nível cultural das primeiras levas de imigrantes italianos introduzidas no sul de Santa Catarina tenha sido inferior ao daqueles que vieram depois da cessão do Contrato Caetano Pinto, já que no primeiro momento não houve nenhum critério de seleção e a viagem era totalmente

manifestações limitaram-se quase que exclusivamente à literatura oral, cantada e contada. Foram trazidos livros religiosos (de orações, cânticos, ofícios...), de História e de histórias e escolares. Provavelmente tenha havido escritos de viagens, dos precedentes que motivaram a decisão de emigrar e dos primeiros anos de Brasil, que acabaram destruídos por causa dos exageros das idéias de Nacionalização postas em prática principalmente durante a Segunda Grande Guerra. Sabe-se, de entrevista com pessoas idosas, que algumas famílias jogaram baús cheios de livros escritos em italiano e outros materiais nos rios ou queimaram-nos. Um dos raros documentos que foram encontrados é um caderno da família Ferraro escrito por Giovanni Ferraro em 1921, mas o que foi encontrado é cópia do original e está escrito em português. Não foi possível, até o momento, descobrir onde está o original e se teria sido escrito em italiano.

Entre os imigrantes, aquele que sabia ler gozava de respeito especial e tinha até um certo grau de ascendência sobre os outros: o sacristão era aquele que lia as orações, entoava os cânticos e rezas contidas nos livros religiosos, em italiano ou em latim. O professor, além de possuir estes conhecimentos, sabia expressar-se e geralmente recebia também outras incumbências como a de participar de comissões de provas finais, da recepção de personalidades, da preparação de festas e outros eventos.

A escola (quando houve) e a igreja exerceram uma função

gratuita, enquanto no segundo momento os imigrantes já deviam dispor de alguns recursos próprios. Trata-se, no entanto, de levantamento de hipótese que poderá servir para estudos posteriores.

unificadora da linguagem. É preciso lembrar que nos núcleos coloniais italianos e suas linhas, não se levou em conta o lugar de origem do imigrante e só raramente formaram-se pequenas comunidades oriundas de um mesmo lugar. Isto fez com que os dialetos se misturassem, e alguns se sobrepusessem aos outros¹³. Em Urussanga são lembradas algumas pessoas que aproveitavam as festas ou outros momentos para fazerem discursos em língua italiana (oficial) o que causava comentários e a admiração de todos.

A Literatura oral manteve estreita relação com a Cultura, porquanto determinou a conservação de valores. A cantada, relativamente rica, já encontra em Santa Catarina, algumas coletâneas que serão apresentadas mais adiante. Nelas são registrados três tipos de canções: 1º) as trazidas da Itália e conservadas como eram cantadas lá; 2º) as trazidas da Itália, que sofreram adaptações; 3º) as criadas no Brasil após a chegada dos imigrantes. Não foi ainda feito um estudo completo sobre este aspecto das canções italianas.

A Literatura contada (falada) é representada pelas histórias trazidas da Itália, hoje com grande porcentagem de perda, mas ainda à espera de quem as reascenda no espírito dos anciãos e as registre para a posteridade. São histórias do tipo "La Vaca de Don Rodrigo". Por faltar-lhe o suporte da música, parece com mais facilidade que as canções que recebem o sopro da vitalidade em todos os encontros festivos. Prova disto é que a própria história acima citada fortaleceu-se na me-

¹³ Os cassanos de Rio Maior (Urussanga), grupo minoritário, deixaram de falar o seu dialeto específico, pois era objeto de hilaridade por parte principalmente dos madoradores da cidade, com quem se relacionavam.

mória dos velhos por causa de uma espécie de elemento poético catalisador: *Mi me la canto e mi me la rido/ per che la vaca de Don Rodrigo/ la me hã sodisfã de un bon intrigo*". Estas histórias podem ser agrupadas em três tipos: 1º) Histórias trazidas da Itália. Referem-se a guerras, ao serviço militar, a exemplos de cunho moralizante... Na conversa informal podem começar assim: "Na olta ghin era un che..." ("Era uma vez um que..."); ou "Me nono 'l contea che lavia in Italia..." ("Meu avô contava que na Itália..."). 2º) Histórias de viagem, geralmente referentes à travessia do oceano e suas peripécias. 3º) Histórias acontecidas nos primeiros tempos da colonização. Aguçam a curiosidade aquelas que envolvem bugres: "- E i bûlgheri, nono?" "- Eh! I hõ visti, mi!" (" - E os bugres, vovô?" "- Ah! Eu vi, sim!"); as relativas a acidentes com animais, principalmente com a onça; às derrubadas; às armas; às doenças; às brigas. Os velhos começam assim: "Te pênsito de quela olta che..." ("Te lembras daquela vez que..."). E para continuar a conversa alguém conta outra: "Ghin è anca quela..." ("Tem também aquela..."). Na elaboração dos contos (2º volume) foram utilizadas muitas delas, logicamente com roupagem ficcional. Mas antes de passar ao palco desta criatividade far-se-á um apanhado daquilo que já foi escrito em língua italiana ou em dialeto vêneto em Santa Catarina. Este levantamento tem por objetivo principal oferecer elementos que possibilitem maior compreensão do espírito de imigrante, seus interesses, características, grau de desenvolvimento, necessidades, produção, relacionamento com os centros consumidores etc.

Desnecessário seria dizer que todo este material não será esgotado na exploração ficcional, antes, a maior parte

dele permanecerá à espera de novas iniciativas que a tornarão fecunda. Mesmo assim justifica-se a inclusão destas análises e constatações como "Preliminares" porquanto a maioria das obras a serem vistas foi escrita por imigrantes inseridos também eles no momento histórico em que viviam seus conacionais. Daí decorre que seus escritos são da maior importância para quem procura interpretar-lhes os sentimentos à distância aproximada de um século.

Os jornais (foram encontrados seis) refletem de modo geral o interesse pela preservação do amor à Mãe-Pátria, pela conservação da língua, da religião e dos costumes; incentivam as iniciativas que trazem progresso às colônias, sejam elas a indústria, o comércio, a agricultura, a instrução ou qualquer outro setor. Cada um deles, porém, se insere nas particularidades históricas próprias da época em que circulou. Assim "L'Operaio" - impresso em Florianópolis - tem reflexos do movimento de unificação e traz freqüentes notícias sobre a campanha da África. "La Patria" se engaja no esforço de consolidação do recém-fundado município de Urussanga e é o único jornal em língua italiana que nasceu e circulou nas colônias do Sul. A população a que se destina, portanto, é a mesma que vai fornecer "matéria prima" para as "Histórias de Brenta". Esta a razão porque a passagem sobre suas páginas foi mais demorada e minuciosa.

"L'Amico" e "La Voce del Parroco in Famiglia" têm o objetivo comum de serem órgãos de divulgação e conservação dos princípios religiosos católicos. Ambos circularam no norte do Estado (Rodeio e Ascurra, respectivamente).

"Vita Coloniale" é impresso em Florianópolis e circula

em 1917 e 1918. Por ser a época da 1.^a Guerra Mundial, identifica amor à pátria com um sentimento nacionalista mais forte que os demais e incentiva a todos os italianos a colaborarem indo ao combate ou participando com donativos no apoio às associações beneficentes. É o jornal que publica maior número de textos literários, todos com o fim de despertar o sentimento nacionalista.

"La Tribuna", também de Florianópolis, circulou em 1932. É o jornal italiano que encerra o mais alto nível de linguagem de quantos foram publicados em Santa Catarina nesta língua. Dá especial realce às figuras nacionais italianas da época, principalmente ao "Duce" e ao Rei, bem como aos vultos históricos, sobressaindo Giuseppe e Anita Garibaldi. Contém páginas de valor literário que merecem ser registradas.

Até o presente momento pouco se sabia a respeito destes jornais e até a existência de diversos deles não era apontada pela literatura ítalo-catarinense que dedicou maior atenção aos livros, quer históricos, quer literários. Passando-se a estes (aos livros) deve-se dizer que entre os primeiros autores que registraram a saga do imigrante italiano em Santa Catarina encontram-se dois sacerdotes, naturais líderes intelectuais desta corrente imigratória. O primeiro é Dom Arcangelo Ganarini, que viveu diversos anos nas colônias do norte do Estado e deixou duas obras: "Notizie di Brusque e Nuova Trento..." (1880) e "Nuova Trento - Impressioni di Viaggio" (1901). O segundo é o Padre Luigi Marzano, que viveu diversos anos em Urussanga, no sul do Estado e deixou "Coloni e Missionari Italiani nelle Foreste del Brasile" (1904). O Professor Giovanni Ferraro também consta na simplicidade de um Caderno

de Memórias, transformado num exemplo sintetizador da vida do imigrante, trazendo uma quantidade significativa de revelações e situações concretas, utilíssimas para a consecução dos objetivos propostos na presente pesquisa.

Após os livros de cunho histórico passar-se-á às coletâneas de canções que, em número de três, encerram a produção, não de quem as publicou (embora estes tenham seu mérito), mas do próprio imigrante e revelam suas preferências sentimentais, seus interesses, seus temores e amores. Para o italiano, a forma mais autêntica de revelar sua essência sentimental.

Por fim serão abordados os livros de cunho literário, todos eles de produção mais recente (a partir de 1967). Figurarão os nomes do Professor José Curi, do Professor Fioravante V. Ferro e do Padre João Leonir Dall'Alba cuja inclusão nestas análises serve como exemplo do modo de emprego da língua, expressão de sentimentos e transformação de vivências.

A partir de agora serão vistas uma a uma estas produções, tendo-se o cuidado de recolher o que poderá ser útil na consecução do objetivo proposto. Por isso mesmo dar-se-á maior ênfase aos aspectos culturais e literários, quando houver.

Este trabalho não se interessa por documentos avulsos, crônicas de igrejas ou de conventos, discursos ou cartas escritas em língua italiana que o tornariam indevidamente longo. Não foram localizadas revistas em língua italiana em Santa Catarina. Foi incluído o Caderno de Memórias da Família Ferraro por ser, como já ficou dito, um documento rico em informações que podem subsidiar a criação literária da imigração italiana neste Estado de modo geral. Incluiu-se o livro "Stianni

in Colônia" do Padre João Leonir Dall'Alba por se tratar de autor que viveu muitos anos no Estado de Santa Catarina e cujas obras pertencem quase todas à Literatura Histórica deste Estado.

Na distribuição desta matéria, estabeleceu-se a seguinte ordem: 1º) Jornais; 2º) Livros de cunho histórico, incluindo-se o Caderno da Família Ferraro; 3º) coletâneas de canções italianas; 4º) livros de cunho literário.

A primeira manifestação que se tem, na ordem cronológica dos jornais, é "L'Operaio" e é de seu conteúdo que se falará a seguir.

2. A PRODUÇÃO ESCRITA EM LÍNGUA ITALIANA E EM DIALETO VÊNETO EM SANTA CATARINA.

2.1. Jornais

2.1.1. "L'Operaio"

Este jornal circulou pela primeira vez a 5 de julho de 1896. Declara-se órgão da Colônia Italiana de Santa Catarina e é politicamente independente. Uma assinatura anual em Florianópolis custa 6\$; semestral 3\$. No interior do Estado custa 8\$ a anual e 4\$ a semestral. Número avulso \$100 réis. Endereço de Redação: Praça 15 de Novembro, número 20. Dimensões: 37 x 25cm. Páginas: 4. O último número de que se dispõe é o número 9 que saiu com data de 30/08/1896. Sua criação é de iniciativa da "Società Unione Italiana" fundada a 11 de junho de 1896, embora o secretário da outra sociedade italiana "Società Fratellanza Italiana") Gilberto Veleggia seja o diretor do jornal, conforme aparece nas últimas três edições. Os objetivos de "L'Operaio" são: 1º) ser um eco da Pátria distante, das suas alegrias e dores, servindo-lhe de engrandecimento; 2º) ser útil aos laboriosos colonos e aos comerciantes-industriais. No cum-

primento de seus objetivos, apresenta as seguintes seções: Edital ou artigo de fundo, que vem sempre intitulado "Nota Bene"; depois "Notizie Italiane" (Notícias Italianas), "África", "Varie" (Várias) ou "Varietà" (Variedades), "Agli Italiani" (Aos Italianos), "Rivista Settimanale" (Revista Semanal), "Notizie Maritime" (Notícias Marítimas) e "Cambio". Alguns números têm ainda: "Notizie Locali" (Notícias Locais), "Comunicati" (Comunicados) e "Dalle Colonie" (Das Colônias).

A seção "Nota Bene" do primeiro número traz as justificativas e objetivos do jornal. Na sequência transcreve um artigo do "La Voce d'Italia" do Rio de Janeiro no qual o articulista defende o direito dos italianos que vivem no exterior de tomarem parte ativa na vida política da mãe-pátria exercendo o direito de voto elegendo assim seus representantes que venham a defender seus direitos de italianidade. O número 2 faz uma crítica à campanha da África dizendo que seria melhor consolidar e fortificar "esta dócil menina", a Itália, do que enfraquecê-la em conquistas arriscadas onde muitos jovens perdem a vida. O número 6 (09/08/1896) trata dos Estatutos da Federação das colônias Italianas do sul do Estado, também referida pelo Padre Luigi Marzano em seu livro. Informa que há no Estado quase 50.000 italianos, mas que não estão fazendo sentir sua presença. Onde estão eles? - pergunta o redator. Por que não sobressaem, se são em número tão elevado? Da pergunta passa a uma resposta, indicando três fatores principais que asfixiam as iniciativas das colônias italianas catarinenses: 1º) o abandono em que o régio governo as deixou; 2º) a aproximação das colônias alemãs do Norte que se estabeleceram antes de os italianos chegarem e que, portanto, têm a hegemonia; 3º) os

próprios italianos se acomodaram. Duas iniciativas, no entanto, devem ser louvadas e são justamente a Confederação das Colônias Italianas do sul do estado de Santa Catarina, e o jornal *L'Operaio da Società Unione Italiana* (Sociedade União Italiana), de Florianópolis. Mas o redator não poupa uma crítica ao exclusivismo das colônias do Sul que põem nos Estatutos um dispositivo dizendo que poderão fazer parte da Confederação as colônias fundadas ou que vierem a ser fundadas no sul do Estado. As do Norte ficam assim impedidas de participarem, por força deste dispositivo, aponta ele.

A seção de notícias italianas (*Notizie Italiane*) traz muitas notícias daquele País, quase todas resumidas em poucas linhas. Refletem a política italiana do momento, os fatos que envolvem a Família Real, o relacionamento com os outros países principalmente da Europa, o estado de saúde de Leão XIII etc.

A seção "Africa" apresenta pequenas notas que dizem respeito às possessões da Itália naquele Continente, principalmente o relacionamento entre o general Antônio Baldissera, governador da colônia italiana da Eritrêia, e Menelik, rei da Etiópia, que nesse mesmo ano de 1896 derrotou os italianos em Adua, repelindo seu protetorado.

Destas pequenas seções é interessante ainda a que trata das notícias locais (*Notizie Locali*). A edição número 4 (26/07/1896) divulga um encontro entre o Cônsul Alberto Roti e o Governador do Estado (Hercílio Luz, 1894-98) no qual se trataria apenas de "preliminares". Em nota após a notícia (procedimento muito comum neste jornal) o redator intervém: "Esperamos que os preliminares não roubem muito tempo. Menos preliminares e mais fatos". Noutra edição uma nota denuncia problemas no

relacionamento com os brasileiros. "Diz-se que muitos italianos pretendem publicar um manifesto expondo a situação e constatando as provocações feitas ao nosso decoro e declarando que se os brasileiros querem ser respeitados, devem também respeitar esta numerosa coletividade".

Do interesse dos comerciantes e industriais importadores e exportadores, L'Operaio publica em cada edição uma lista de preços com quase 50 artigos, e nas notícias marítimas (Notizie Maritime) diz quais são os vapores que vêm do Sul ou do Norte e em que dia chegam. Na primeira edição encontra-se: "São esperados do sul do Estado e prosseguirão para o Norte, os seguintes valores: Alexandria, dia 6 corr; Desterro, dia 9 corr.; Itapacy, dia 9 corr.; Industrial, durante a semana. São esperados do Norte, que prosseguirão para o Sul: Santos, dia 5 corr.; Itaperuna, dia 7 corr.; Oceano, dia 9 corr.; Aymoré, dia 12 corr.; Moewe, dia 12 corr.

"L'Operaio" é um jornal pequeno, que teve, porém sua importância como traço de união entre os imigrantes italianos em Santa Catarina. É o primeiro jornal italiano de que se tem notícia, que circulou e foi impresso neste Estado. Sua importância não é literária, mas ele fornece elementos que propiciam o conhecimento dos interesses do imigrante, do seu modo de vida, seu relacionamento com a Mãe-Pátria bem como com a pátria de adoção. É um marco histórico e é um documento importante. Os números pesquisados encontram-se na Biblioteca Pública do Estado.

Cinco anos após este jornal ter circulado na capital, o Sul fez ecoar seu grito. Urussanga, que alcançara o privilégio da emancipação política em 1900, mostrava a todo o Esta-

do que possuía um nível cultural invejável. Nesta pequena cidade nascia, a 26 de maio de 1901, "La Patria" com uma qualidade de impressão surpreendente, clareza de objetivos, altivez e equilíbrio ímpar na exposição de suas idéias. Nas próximas páginas centralizar-se-á a atenção sobre o jornal urussanguense.

2.1.2. "La Patria"

Este semanário circulou durante um ano¹⁴. O primeiro número levou a data de 26 de maio de 1901 e o último, o nº 52, comemorativo do primeiro aniversário, saiu a 26 de maio de 1902. Seu Diretor foi o Dr. Giuseppe Caruso Macdonald. Era publicado em Língua Italiana, exceto alguns avisos, editais, leis e raros artigos em Português. Dimensões: 37cm x 26cm. Em seu programa de apresentação, declara-se um jornal independente que propugnará pela "defesa contínua, corajosa, inteligente de uma classe a mais subalterna, a mais laboriosa, aquela dos colonos" (nº 1, p.1). Este objetivo será alcançado com esforço orientado para a defesa dos direitos dos colonos frente ao poder público do Estado. E a Redação pergunta: "Deveremos nos permitir ainda, em nome de prejuízos consideráveis, de não nos valermos dos direitos que a Carta Magna do País nos concede, e de não tomar, na vida pública, o lugar que, com mérito, conquistamos?" E prossegue afirmando que a falta de participação acarreta mesmo prejuízos. O Estado, que arrecada impostos, nem sempre devolve os benefícios que a comunidade merece. "Considere-se que muito dinheiro foi gasto sem que estas regiões te-

¹⁴A julgar pela coleção pertencente ao senhor José Caruso Macdonald que a cedeu para esta pesquisa.

tenham sido contempladas, que aqui existem bons contribuintes como em qualquer lugar, e que o Estado teria a obrigação de distribuir igual e honestamente com uma mão, aquilo que toma com a outra sob a forma de tributos" (nº 1, 26/05/1901).

O segundo objetivo expresso em seu programa é o de fazer conhecer as glórias e os valores da pátria de origem, a Itália, no que acompanha todos os demais jornais editados em Língua Italiana no Estado. A sua opinião é a de que, como estrangeiros, têm um dever precípua: "o de fazer conhecer aquilo que a nossa Pátria verdadeiramente é, não através do véu das exagerações nacionalísticas, nas suas glórias, nas suas artes, nas suas indústrias, nas suas ciências; quanto de civismo e de educação moral tenhamos herdado, devemos conservar e manter..." (nº 1, 26/05/1901).

Referentemente ao primeiro objetivo vamos encontrar nas primeiras três edições, extratos do Dr. Gensch ("Commemoração do 50º aniversário da fundação de Blumenau, 1850 - 2 de setembro - 1900") com alguns comentários. No primeiro número, sob o título "Il Dr. Gensch ed il problema coloniale nello Stato di Santa Caterina" (O Dr. Gensch e o problema colonial no estado de Santa Catarina) são traduzidas e transcritas as conclusões a que chegou o analista alemão sobre a realidade das colônias do Estado, que são as seguintes:

"I - Não será possível conseguir uma colonização sadia no estado de Santa Catarina se o Governo Federal não as subvencionar;

II - Para o desenvolvimento da colonização, é necessário que se providencie imediatamente uma boa rede de estradas na região montanhosa, preferentemente uma estrada-de-ferro que

ligue a Serra às Colônias;

III - Conceder, no futuro, lotes maiores do que aqueles que estão sendo consignados no presente;

IV - Na região montanhosa, a cultura extensiva de pastagens chegou a tal ponto que já se faz sentir a necessidade de passar para a cultura intensiva;

V - É necessário evitar escrupulosamente toda e qualquer manifestação de "chauvinismo". Esta é a primeira condição para uma próspera colonização no estado de Santa Catarina;

VI - Facilitar a nacionalização dos imigrantes é, sobretudo nas atuais contingências, um ato de elementar sabedoria governamental."

Com estas conclusões concorda o articulista do "La Patria".

Nos números dois e três o artigo leva o subtítulo: "Come il Dr. Gensch giudica il colono Italiano" (Como o Dr. Gensch julga o colono italiano). E cita uma passagem significativa que bem retrata o julgamento dos alemães com referência aos italianos. Estes, na concepção daqueles, não teriam estabilidade e se aproveitariam da imigração oportunisticamente para fazer riqueza e depois viver tranqüilamente os últimos anos, de rendas. "Verdadeiro cigano da agricultura" procura logo outros trabalhos para ir morar na cidade e conseguir dinheiro fácil. Isto seria possível dada a aproximação dos dois países e a facilidade de aquisição de passagens de terceira classe. Eis o texto:

"A imigração italiana sempre foi flutuante. Na América do Sul o imigrante italiano sempre foi censurado porque rara-

mente se estabelece onde vai. Principalmente o italiano do Sul considera a imigração como um meio de fazer dinheiro no exterior e depois voltar à pátria para viver tranqüilamente os últimos anos de sua vida, de rendas. Nos campos argentinos, próprios ao cultivo dos cereais, raramente o italiano fixa raízes.

Podendo, desfruta a terra com culturas temporárias, vinculando-se a contratos que lhe dão a meia ou a terça; em seguida, verdadeiro cigano da agricultura, anda por aí à procura de outra coisa. Está sempre disposto a renunciar aos trabalhos do campo para ir às cidades do litoral ou outra, como diarista, a fim de tentar dinheiro fácil sem ter de esperar muito.

O mesmo sucede com os italianos ao longo do litoral brasileiro.

Uma grande parte dos imigrantes italianos ao longo da costa oriental da América do Sul se compõe de trabalhadores temporários, que em perpétuo fluxo e refluxo, vão e vêm da Mãe Pátria para lucrar mais que podem em ambos os países e capitalizar em algum banco as suas economias.

Este sistema é favorecido pela relativa proximação do Reino e pelos preços de passagens em terceira classe excessivamente reduzidos nos vapores interoceânicos".

O doutor alemão feriu os bríos do italiano, que procurou responder com razões convincentes e objetivas. "Francamente - diz ele - do cosmopolitismo e da objetividade do ilustre doutor (...) esperava-se um pouco mais de equidade; pelo menos parece que depois de ter exposto com tanta "verve" as razões

que desaconselham a imigração italiana, instável, oportunista, parasitária, deveria indicar também aquelas que a tornam recomendável; uma vez que a imigração italiana deve possuir algum mérito para ser tão desejada, procurada e solicitada na América Latina.

O próprio Dr. Gensch deve convir.

Gostaríamos que respondesse a esta pergunta: tratando da imigração e da colonização do estado de Santa Catarina, onde muitas famílias italianas estão desde 1836 e onde os italo-brasileiros não são menos do que vinte e cinco ou trinta mil, por que necessitou ele dar um salto à Argentina para julgar as atitudes do colono italiano?

Mas ao menos o tivesse feito com os olhos abertos! Teria observado que são exatamente os nossos imigrantes que fizeram da Argentina um dos graneleiros do mundo enquanto ontem ainda importava grãos da Rússia, da Hungria e dos Estados Unidos; que são os oportunistas italianos que plantaram os magníficos vinhedos de Mendonça e de San Juan, premiados em todas as exposições do mundo, e destinados, num dia talvez não muito distante, a dar um golpe mortal à importação vinícola européia; que são os italianos, estes ciganos da agricultura, que constituem os 4/5 da população agrícola da província de Buenos Aires, Entrerios, Corrientes, Santa Fé e Córdoba..." (nº 2, 02/06/1901).

Continuando a crítica o articulista (que não revela o nome, mas que deve ser o próprio Dr. G. Caruso Macdonald) se pergunta por que o Dr. Gensch se referiu aos italianos do Sul, se a grande maioria dos imigrantes italianos de Santa Catarina são oriundos das províncias do Norte. E avisa que sem sair de

Blumenau Gensch poderia ter visto que Guaricanas, Ascurra, Rodeio e Rio Cedros são centros que provam a estabilidade dos italianos e que tendo chegado depois dos colonos alemães os italianos foram localizados em terras mais distantes e menos produtivas. Faz também uma referência à falta de líderes no que os alemães foram mais afortunados. E prossegue: "Abandonados a si mesmos, cercados de todo tipo de dificuldades, de prejuízos e de antipatias, tratados por seus predecessores com desconfiança e com exclusividade de critérios, "abbindolati dal clero", maltratados pela polícia local, criaram e aprofundaram suas raízes no País que não abandonarão jamais". Nestes termos prossegue o artigo até seu final, transmitindo, de maneira clara o confronto entre as duas raças colonizadoras, uma equivocadamente hegemônica, enquanto a outra em situação de inferioridade, dado o abandono tanto do país de origem como do hospedeiro, bem como por outras circunstâncias históricas ou geográficas.

Embora os textos do Dr. Gensch não digam respeito diretamente ao relacionamento dos colonos com o Estado, mostram o relacionamento dos componentes da população do Estado e são do interesse dos imigrantes italianos, porquanto tocam à sua reputação e imagem dentro do contexto social.

Quase um ano depois encontra-se um outro julgamento do elemento italiano (nº 51, 18/05/1902) escrito por Alfredo Fouillée, traduzido do Francês. Neste, o julgamento é psicológico, muito equilibrado e aceito. Começa dizendo que "não está muito longe ainda o tempo em que Gioberti, elogiando o "Prímado" da Itália, declarava que a melhor qualidade do homem é a vontade - vontade paciente, tenaz e enérgica no italiano..."

Prossegue o artigo dizendo que o italiano tem um sangue ardente e impetuoso, mas controlado a ponto de parecer frio porque sabe se controlar pelo domínio da vontade. O italiano padrão é cauto, não se aventura, não se precipita. "Se o francês é 'o homem do primeiro impulso', pode-se dizer que o italiano, salvo nos casos passionais, é "o homem do terceiro impulso". Quando um italiano fala é necessário entender o que fica nas entrelinhas. "Sabe calar, falando pelos cotovelos. A arte oratória lhe serve para convencer os outros, não para confessar-se", diz Fouillee.

Prosseguindo, o articulista francês afirma que o italiano não é tão associativo como os saxões, Seu individualismo, se sob certo aspecto é negativo, acaba sendo superado pela regularidade da sua laboriosidade. "O neolatino tem a vantagem de unir uma inteligência muito lúcida, uma sensibilidade muito forte, uma vontade robusta e uma grande paciência". É assim que o italiano atravessa as crises, se organiza e se transforma num dos países que mais cresce na Europa. De certa forma ficam assim contestadas as colocações do Dr. Gensch.

Prosseguindo com artigos de fundo, em três edições sucessivas, "La Patria" apresenta o Programa do "Volkspartei" - Partido do Povo - constituído em Blumenau. Começa dizendo que não é uma sociedade secreta, podendo todo cidadão brasileiro inscrever-se. Seu programa econômico tem pontos positivos que podem ser postos em prática pelo município de Urussanga. É um programa voltado para o futuro, capaz de prever já em 1901, entre outras coisas, a necessidade de uma Lei que proíba a venda pelo Estado dos terrenos com mais de 60 graus de declive a fim de preservar áreas verdes e evitar a erosão (nº 8, 14/07/1901).

O segundo artigo resume e comenta o programa político e o econômico do "Volkspartei" (nº 9, 21/07/1901), e o terceiro critica a falta de um programa que vise a administração séria da justiça e adverte que tolhendo-a aos magistrados para confiá-la aos políticos é a melhor maneira para se anarquizar a sociedade, destruindo nas massas o critério do justo e do honesto. Detém-se o comentarista em outras considerações principalmente sobre o sistema tributário, apontando os efeitos do que se pratica, dando uma visão do que poderia ser feito, exemplificando, inclusive com a própria situação de Urussanga. O nº 17 (15/09/1901) tece mais alguns comentários sobre a possível participação dos italianos no programa partidário do "Volkspartei" embora as divergências raciais ainda existam. As edições nºs 12, 13 e 14 abordam a distribuição dos 4.000 contos pagos pelo governo brasileiro aos italianos flagelados pela Revolução de 1893. Os italianos dos três estados do Sul é que sofreram com ela: tiveram que entregar suas economias, suas armas, seus alimentos e animais. Tiveram suas casas queimadas quando relutavam ou eram suspeitos e foram mortos quando não se prestaram às vias propostas dos revoltosos. Ora, diz o articulista que os 4.000 contos foram distribuídos em São Paulo, sem nenhum critério, a não ser o de que os conacionais de lá tinham mais condições de pedir e menos escrúpulos em receber ou exigir os recursos, muitas vezes por danos que não sofreram. E cita dois exemplos: o do médico que exige 20 contos por uma "scafitura" na cabeça, e o do tipógrafo que foi indenizado com 14 contos pelos vidros quebrados das janelas. Diz o comentarista que se inclina a acreditar que a idéia do hospital italiano de São Paulo nasceu como forma de tentar receber o "resto da torta!". De fato, em seguida reproduz uma correspon-

dência do cônsul Geral da Itália ao presidente da Sociedade Italiana de Beneficência Cav. Francesco Pignatari, afirmando que o Ministério do Exterior da Itália concede 350 contos de réis ao Hospital Umberto I e 100 contos de réis ao orfanato Cristóvão Colombo. Isto provoca indignação. O Governo Italiano deve estar equivocado, pensando que as colônias italianas do Brasil se resumem a São Paulo, e ignora que bem 200.000 italianos vivem nos três estados do Sul. Seria interessante para estes o Hospital dos Italianos de São Paulo? Alguém poderia ir daqui para lá? Mil vezes mais conveniente seria tomar um lugar entre as bananas que Bonfante de Maria¹⁵ manda a Buenos Aires a pedir assistência a um dos hospitais italianos daquela cidade" (nº 13, 18/08/1901). Na mesma edição vem transcrita a carta enviada ao Rei italiano, seguida de 700 assinaturas, conforme está explicitado, e outra enviada à Rainha Elena, seguida de 130 assinaturas de crianças. A edição nº 14 de La Patria transcreve trechos do jornal "Avanti" que põe possíveis restrições aos atos de Cav. Francesco Pignatari à frente da "Società Italiana di Beneficenza".

Sob o título "Le dolenti Note" (Notas dolorosas) "La Patria" faz um comentário sobre a situação econômico-financeira do Estado e relaciona os preços dos produtos exportados pelo estado de Santa Catarina, desfavorecidos em relação aos de São Paulo e Minas, devido à aproximação daqueles da Capital e em relação aos produtos de primeira necessidade importados quer dos Estados Unidos, quer da Argentina. O Governo do Estado erra quando tira os impostos municipais para favorecer a exportação, mas mantém os estaduais. O comentarista sugere medidas

¹⁵Comerciante de Florianópolis.

protecionistas para não haver desigualdade de preços que vão favorecer os mais afortunados ou os estrangeiros (nº 15, 19/09/1091). Na edição seguinte tem-se notícia de veementes protestos dos italianos do Rio Grande do Sul com respeito ao destino que foi dado aos 350 contos destinados a ajudar os italianos prejudicados com a Revolução de 1893.

O comentarista de "La Patria" passa a tratar especificamente de alguns problemas de desenvolvimento da colônia italiana e escreve uma série de artigos com o título comum: "Pensiamo ai casi nostri" (Pensem nos nossos problemas). No primeiro (nº 18, 22/09/1901) detecta uma crise e sugere uma solução. Não adianta se lamentar contra o fisco, contra a Agência Torrens, contra as Companhias de Navegação e contra a estrutura de modo geral. A primeira medida a ser tomada deverá ser a mudança na agricultura. Não adianta insistir no milho e no feijão que não remuneram suficientemente o agricultor. Os países vizinhos cultivam estes produtos, talvez em condições mais favoráveis. Cita o exemplo de Blumenau que direcionou sua atividade para a criação de gado, e para o cultivo do fumo que está lhe proporcionando uma boa remuneração. Aqui, além do que foi dito, os colonos recebem em mercadorias o pagamento do produto que vendem e isto não estimula. É uma agricultura de subsistência.

No segundo artigo descreve-se a dificuldade por que está passando a exportação dos produtos suínos. Sugestão para a Colônia: cultivar o fumo. A terra produz e os países da Europa que pouco fumo plantam, estão consumindo cada vez mais. No terceiro, fala-se da possibilidade de se produzir a seda, a uva, o amendoim, o queijo, o mel, os tecidos como alternati-

vas rentáveis. Finalmente, para serem bem sucedidos os colonos deveriam confiar mais nas suas iniciativas que no incentivo que o Estado pode dar, diz o articulista no último destes artigos (nº 21, 13/10/1901). E trazendo mais uma vez o exemplo de Blumenau, cita algumas possibilidades de organização: 1º) Constituir uma Associação Comercial; 2º) criar na praça do Rio de Janeiro uma agência própria, a fim de eliminar os intermediários; 3º) alugar embarcações para fazer o transporte dos produtos sem excessivas despesas nem perda de tempo. Para tais realizações não poderia haver tanta timidez e individualismo, confessa o articulista.

Outros destes artigos "de fundo" enfocam o problema do italiano das fazendas de São Paulo; sugerem a possibilidade de se fazerem feiras livres; reclamam da ordem de fazer medir novamente os lotes assim que o colono termina de pagá-los, fazendo, com isto o lucro do "Registro Torrens" e o prejuízo daquele que quer trabalhar o lote, trazem o exemplo dos Estados Unidos onde muito contribuem para o desenvolvimento agrícola as estações experimentais e colégios agrícolas. Três destes artigos enfocam o problema do "Registro Torrens". É uma agência de venda e registro de terrenos, que, ao invés de garantir a propriedade dos colonos, cria distúrbios unicamente para gerar lucros a agentes inescrupulosos, amparados numa enxurrada de leis e decretos que não são entendidos nem por quem os emana, quanto menos pela população constituída por 60% de analfabetos. O colono poderá perder o lote, ou dele não poderá dispor, nos seguintes casos (mesmo depois de pago): 1) quando não o inscreveu no Registro Torrens; 2) quando não fixou moradia nele; 3) quando não o cultive constantemente; 4) quando,

tendo mais de 60 hectares, não tivesse ainda sido medido; 5) quando o proprietário não permitisse a medição que o Registro Torrens quisesse fazer; 6) quando, depois de seis meses após o pagamento do lote, não fizesse requerimento para a obtenção do registro definitivo. Todos estes itens vêm acompanhados do competente Ato do Governo do Estado (nº 37, 02/02/1902).

Outras duas edições publicam, sob o título "La Dante Alighieri" trechos de um discurso do senador italiano Pasquale Villari no qual comenta a situação do colono italiano do estado de Santa Catarina, a partir do relatório do cônsul Gherardo Pio di Savoia. Este relatório é consequência da atenção que o Governo Italiano, muito tardiamente, voltou aos seus emigrados, após tê-los deixado em completo abandono durante decênios. As palavras do senador referem-se principalmente aos núcleos de Rio dos Cedros e Nova Trento, comentando a ação dos jesuítas alemães que dominam tiranicamente os colonos italianos que, para não cair em seu desabono, "tinham renunciado a celebrar os funerais de Umberto I" (nº 34, 12/01/1902). Citando o relatório feito pelo cônsul, o senador diz que por tudo vêem-se igrejas, que são em maior número do que o necessário e do que permitem as condições financeiras dos colonos que as constroem e mantêm, e que as funções religiosas, procissões e festas são contínuas e quem não participa é denunciado e posto à margem da sociedade. Muitos italianos chegam a fugir para São Paulo ou para a Argentina. E a descrição dos exageros continua: "Um jesuíta tem dois cachorros. A um deu o nome de Minghetti; ao outro o mais bravo, chama Crispi" (nº 35, 19/01/1902).

Há ainda outros artigos que referem polêmicas de cunho

político (um deles com Michele Nãpoli, ex-diretor da colônia Nova Veneza) ou a preocupação com as próximas eleições e com os problemas sociais como o da saúde, levemente acenado por "La Patria", mas que aflige a população do município.

A seção "Le Nostre Legi" (As Nossas Leis), publicada em cinco edições sucessivas a partir do nº 3, comenta as leis municipais ou as transcreve. O primeiro destes artigos faz referência à recessão do Conselho Municipal, louva sua ação desenvolvida no curto espaço de tempo em que atuou. Seu trabalho teve que nortear-se por dois princípios: não criar novas taxas e prover com urgência à instrução pública e às estradas. A receita do município ficam em torno de 7 contos e 893 mil réis, o que é pouco se comparado com o dos outros municípios. Muitas despesas foram feitas com a instalação do Município. Um conto foi gasto com estradas. Uma Lei recentemente aprovada destina dois contos do orçamento de 1902 para subsidiar as 10 escolas surgidas por iniciativa privada, já que seria impossível criar e manter escolas municipais, o que além de dispendioso, destruiria a iniciativa particular. Segue o texto da Lei autorizando o Superintendente a fazer tal despesa, impondo as condições - ter pelo menos trinta pais interessados; bancos para trinta crianças; local de funcionamento; material escolar; pessoa indicada para lecionar com comprovação de sua capacidade -, declarando que será obrigatório o ensino da Língua Portuguesa. Fica estabelecido que o Superintendente solicitará à Diretoria de Instrução Pública o livro, papel, tinta e os demais materiais necessários. Haverá quatro horas diárias de aula, seis dias por semana, excetuados os feriados que forem estipulados por decreto. Num raio de 4 km da escola, toda criança terá

obrigatoriedade escolar dos 7 aos 14 anos, e ao professor caberá fazer um levantamento estatístico destas crianças. Estabelece a multa de 5 mil réis para os pais que não mandam os filhos para a escola, dobrando esta soma em caso de reincidência. A mesma multa é estabelecida para o caso de três faltas não justificadas. Os professores destas escolas subvencionadas não poderão cobrar mais de 800 réis por aluno, por família; ou 1.200 réis por dois, 1.700 por três e 500 réis a cada um acima deste número. No caso da escola ter menos de trinta alunos, esses números variam para um mil réis, 1.500 e 2 mil réis até três filhos e mais 600 réis para cada um acima deste limite.

Esta mesma Lei Municipal número 3, de 4 de junho de 1901, é publicada em Língua Portuguesa na edição número 19 do La Patria (29/09/1901). O Regulamento desta Lei começa ser publicado na edição número 29 (08/12/1901) quando são publicados dois artigos seguidos da expressão "continua", mas cuja continuação não aparece daí para frente. O primeiro artigo regulamenta os dias feriados: "São considerados dias feriados: Janeiro: 1º, Circuncisão de Cristo (8ª do Natal); 6, Epifania; 20, São Sebastião. Fevereiro: 2, Purificação de Nossa Senhora; 24, São Matias Apóstolo. Março: 14, Promulgação da Constituição da Itália; 19, São José; 25, Anunciação de Nossa Senhora. Abril: 21, Tiradentes. Maio: 3, Santa Cruz; 13 (desconhecido); 31, Nascimento da Princesa Yolanda. Junho: 24, São João; 29, São Pedro e São Paulo. Julho: 7 (desconhecido); 14, São Camilo de Lellis. Agosto: 15, Assunção de Nossa Senhora. Setembro: 7, Independência do Brasil; 8, Natividade de Nossa Senhora; 20, entrada das tropas italianas em Roma.

São ainda feriados escolares os últimos três dias da

Semana Santa, o dia de Páscoa e a segunda-feira seguinte; Ascensão e Corpo de Deus.

O segundo artigo trata da comissão para proceder a exame de capacitação dos mestres. Esta comissão será nomeada pelo Superintendente todos os anos nos primeiros quinze dias de novembro.

A segunda seção de "Le nostre Leggi" aborda a necessidade de exportação de produtos para aumentar os recursos da administração municipal. É necessário somar os esforços da iniciativa privada com os da municipal e a ajuda do Estado a fim de superar o problema da concorrência dos outros países. E aponta os modos de fazê-lo: 1º) que os produtos sejam de boa qualidade; 2º) que não sejam taxados pela exportação; 3º) que gozem de tarifas de transporte mínimas. Para a consecução do primeiro item seria interessante instituir prêmios para os melhores produtos da colônia, o que é dificultado pelo baixo orçamento do município. As taxas existentes não podem ser suprimidas. Seria uma loucura, diz o articulista substituí-las por impostos diretos. E escreve textualmente: "O nosso agricultor é inimigo acérrimo das taxas que o atingem diretamente mesmo quando se destinam a obras utilíssimas" (nº 4, 16/06/1901). E constata: pouquíssimos pagaram o tributo de 3 mil réis por lote de terra. Aumentar estes impostos seria aumentar os ódios e as recriminações. Por isto pensou-se pedir algo mais aos braços do colono, antes que ao seu bolso, ou seja: cada proprietário de lote dedicará quatro dias de trabalho à conservação das estradas públicas. Esta Lei atende ao terceiro item supracitado, pois com melhores estradas os carros poderão levar os produtos a Pedras Grandes em todas as estações do ano. Estas

medidas, no entanto, não resolverão o problema de exportação. Outras medidas mais radicais deverão ser tomadas.

No terceiro artigo, o articulista de "La Patria" aponta como indispensável para se processar a exportação dos produtos, a ação do Governo. Os carreteiros cobram hoje (1901) 300 réis por arroba transportada de Urussanga a Pedras Grandes. Um jacã de toucinho (90 kg conf. nota ao pé da página) que aqui custa 27 mil réis, até chegar à praça do Rio de Janeiro será acrescido de mais 19\$780 (dezenove mil, setecentos e oitenta réis). Isto vale para grandes carregamentos. Os pequenos sofrem mais acréscimos. Como podem estes artigos concorrer com os que vêm da América do Norte ou da Argentina? - pergunta o articulista. A mesma quantidade de toucinho vinda de Chicago pagará apenas o equivalente a 6 mil réis. E compara os preços do transporte marítimo de Laguna ao Rio de Janeiro: Rs 33\$333 por tonelada, enquanto que do Rio de Janeiro à Europa custa Rs 32\$440; do Rio de Janeiro a Nova York 30\$000. A diferença da duração da viagem é de 4 para 20 dias. O Estado e o Município deveriam, pois empenhar-se em eliminar os tributos de exportação, criar um sistema de boas estradas para escoar os produtos dos centros produtores, subvencionar o transporte e obrigar as companhias de transporte marítimo e ferroviário a reduzir os preços.

Sem dúvida "La Patria" vem batalhando pelos direitos do colono nesta seção. O quarto artigo (edição nº 6, de 29/06/1901) comenta a fixação de taxas para os empréstimos, reputando-a uma medida justa, porquanto fará com que se empregue o capital de maneira mais produtiva e útil. Esta determinação é feita através da Lei Orçamentária publicada parcialmente nas

edições nº 8, de 14/07 e nº 9, de 21/07/1901. Não é justo que alguém aumente consideravelmente seu capital sem esforços e sem levar em conta as necessidades alheias, como faz o usuário. A Lei Orçamentária do Município de Urussanga taxou em 6% os lucros de aplicação de capital. É pouco se comparado com a Itália que cobra até 25%. (A Lei Orçamentária para 1902 fixa esta taxa em 7%).

O último artigo, que sai na 7ª edição (7/7/1901), faz uma recapitulação dos aspectos de leis abordados nos artigos anteriores. Diz que as demais leis são comuns aos demais municípios do Estado e que, portanto, nada têm de original. Parabeniza o Conselho Municipal que, diante das dificuldades orçamentárias e das necessidades do novo município, saíram-se muito bem. Assim fica desfeita de uma vez por todas a idéia de que Urussanga não tem homens que possam dirigir um município. Em edições posteriores o jornal traz o balancete de Receita e Despesa do Município referente ao primeiro semestre (1901), referente ao terceiro e ao quarto trimestres do mesmo ano, bem como o do primeiro de 1902.

A Lei Orgânica do Município é publicada em Português na edição nº 29 (08/12/1901) sendo Superintendente o Sr. Jacintho de Brida e Secretário Giuseppe Caruso Macdonald, conforme aí consta. Na edição de 15/12/1901, encontra-se parte do Código de Posturas, artigos 31 a 60 (final). As edições dos dias 10 e 17 de novembro e de 08 de dezembro de 1901 (nºs 26, 27 e 29) trazem uma "Parte Ufficiale" com atos do Poder Executivo Estadual deferindo pedidos dos colonos ou indicando as condições indispensáveis para que isto acontecesse.

A edição nº 39-40 de 23 de fevereiro de 1902 publica a

relação dos contribuintes do Município para o ano de 1902. São 148 contribuintes e 190 estabelecimentos, assim distribuídos: 33 na Sede; 3 em Rio Salto; 10 em Rio América; 4 em Rancho dos Bugres; 13 em Rio Maior; 11 em Rio Caeté; 7 em Rio Gallo; 12 em Urussanga Baixa; 3 em Rio Carvalho; 4 em Rio Comprudente; 14 em Rio Carvão; 26 em Cocal; 25 em Nova Belluno; 23 em Novo Treviso e 2 em Novo Palermo. Os estabelecimentos se distribuem em: ferrarias (8), atafonas (27), casas de negócios (38), padarias (9), sapatarias (13), casas de pasto (2), açougues (2), curtumes (2), engenhos (79), farmácia (1), serrarias (5), olarias (3) e cervejaria (1).

Uma seção de interesse do agricultor, que aparece na maioria das edições a partir da 5ª é a "Sezione Agricola". Ocupa quase sempre o equivalente a dois terços de página e versa sobre os mais variados assuntos da agricultura e da criação de gado. Ensina os procedimentos que o agricultor e criador devem tomar e dá conselhos visando a consecução de melhores resultados. No primeiro destes artigos, por exemplo, o jornal registra algumas considerações do Prof. Garbaglia sobre uma perfeita ordenha. Deve-se extrair até a última gota de leite, diz ele. Operando diversamente, além de perder o melhor leite, que é o último, diminui-se a atitude produtiva do animal. Foram feitas experiências que provaram que o leite de ordenhas incompletas adquire um gosto particular desagradável e torna-se pior para o fabrico do queijo. Perde muito de sua composição gordurosa e o animal fica para sempre defeituoso. Sobre a maneira de tirar o leite, dá os seguintes conselhos: operar rapidamente; ordenhar todos os dias às mesmas horas; ordenhar em cruz, por exemplo um teto dianteiro esquerdo, depois um

traseiro à direita; ordenhar com os cinco dedos da mão, não usando somente o polegar e o indicador; refutar aparelhos ou máquinas de ordenhar; levantar uma pata dianteira das vacas jovens ou assustadas; manter as mãos, os tetos e utensílios esrupulosamente limpos; cercar a vaca de todas as condições para que a ordenha se processe na maior tranqüilidade. Em outra edição (nº 6, 29/06/1901) o jornal aborda o tipo de alimentação e o modo como deve ser fornecido para que as vacas produzam mais leite.

O Dr. O. Eletti - no jornal "Corriere Agricolo Commerciale" - chama atenção os agricultores sobre a influência da água contaminada para as vacas prenhas. O aborto pode ocorrer por causa da água e das condições de higiene de modo geral, e que, se isto for levado devidamente em conta muitas vezes não precisará o agricultor atribuir este desagradável acidente à constituição do animal, ao touro muito jovem ou muito velho, ao contágio etc. (ed. nº 8, 14/07/1901). Em outros números "La Patria" fala de experiências feitas com folha de parreira como forragem (nº 1, 08/09/1901) ou ensina preparar um medicamento com carvão vegetal moído e ácido fênico líquido que será útil para sarar feridas, inflamações, queimaduras etc. Finalmente no nº 52 (26/05/1902) o artigo versa sobre os estábulos, modos de construção, material, características...

Diversos artigos da "Sezione Agricola" são dedicados à parreira ou algo que lhe diga respeito. Tratam do assunto os nºs 5, 7, 10, 14, 15, 17, 20, 21, 27 e 29. No primeiro destes artigos é dada a sugestão do Prof. E. Manzato para corrigir a acidez do vinho: bicarbonato de potássio, 70 a 75 gr. a cada grau de acidez de um hectolitro de vinho.

O segundo ensina o método sugerido pelo jornal "La Puglia Agricola" de preparar o sulfato para as parreiras. O terceiro trata da fabricação de um vinagre de boa qualidade. Condições: 1) contacto do vinho com o ar, onde se encontram as "bacterium aceti"; 2) presença destas bactérias; 3) temperatura superior a 15°C; 4) presença de substâncias azotadas. O artigo segue expondo os critérios para se conseguir um bom produto. Os métodos são vários. O método Orleans é o mais antigo e o mais difundido na França, diz o articulista, que passa a descrevê-lo em seus pormenores técnicos.

O quarto (edição nº 14, 25/08/1901) ensina usar a clara do ovo para clarear os vinhos tintos. A clara do ovo possui aproximadamente 12% de albumina que vai agir sobre o tanino formando flocos que se depositam ao fundo juntando as demais impurezas. Usam-se duas ou três claras de ovos frescos para cada hectolitro de vinho. É aconselhável fazer a clara passar por uma peneira e depois é necessário batê-la até formar "neve". Mistura-se com um pouco de vinho, derrama-se no vinho que se quer clarear, mexe-se energicamente durante mais 5 a 10 minutos. Depois se fecha o recipiente deixando-o em repouso durante 8 a 10 dias.

A mesma edição faz referência à praga denominada "tignuola" e às experiências que se estão fazendo para preveni-la. O próprio sulfato parece ser o mais eficiente.

O quinto dos artigos ora enfocados (nº 15, 19/09/1901) trata do problema dos vinhos, mesmo velhos, que apresentam aspecto turvo, citando as possíveis causas do prejuízo.

O sexto (nº 17, 15/09/1901) dedica-se à descrição de

uma doença chamada "peronõspera" que se fixa na folha da parreira. As tentativas de prevenção e cura foram diversas, mas é o sulfato, usado pela primeira vez em 1885, que produz os efeitos mais positivos.

O sétimo texto (nº 20, 06/10/1901) trata da necessidade de se retirar os brotos infrutíferos da parreira, o que pode ser feito antes da floração.

O oitavo (nº 21, 13/10/1901) é um retorno ao assunto de doença tratada no sexto artigo.

O nono (nº 27, 24/11/1901) dedica-se também à praga denominada "tignuola" já vista anteriormente. Descreve os métodos de destruição do flagelo.

Finalmente o último artigo dedicado à cultura da parreira e produção do vinho, trata dos vinhos fabricados com a uva doentia. A "peronospera" deixa conseqüências que vão provocar a má qualidade do vinho: gosto desagradável, instabilidade, perda da cor original, fraqueza e formação de depósitos. Alguns procedimentos, como escolher a uva, poderão ser úteis neste caso.

Uma doença muito parecida com a que foi vista aqui ataca também o tomateiro, e sobre esta, "La Patria" dedica um artigo em seu nº 10, 28/07/1901. Outros artigos ainda tratam da cultura do tomate (nº 6, 29/06/1901 e nº 26, 17/11/1901).

A "Sazione Agricola", da edição nº 6 ensina ainda quando o plantio conjunto de milho e feijão pode ser efetuada e quando esta prática é desaconselhável. O nº 7 (07/07/1901) ensina utilizar corretamente o adubo orgânico. Depois reporta-se ao "Journal of Franklin Institute" para falar da fabricação do

óleo de milho, e termina a seção enumerando as vantagens do emprego do cálcio na correção dos terrenos. Na seção Agrícola do nº 8, "La Patria" ensina como se devem lavar utensílios de madeira. A melhor maneira, diz o periódico, é usar a água de cal. Desmancha-se a cal em água, deixa-se esfriar e repousar durante algum tempo. Quando a água estiver com o aspecto límpido, estará pronta para ser usada para este fim, pois contém certa quantidade de cal em solução. Esta mesma edição do jornal trata da cultura do melão que volta a ser enfocada na edição nº 15 (19/09/1901).

As culturas do morango e da melancia são tratadas no nº 9 (21/07/1901). Outras culturas do interesse dos agricultores da região são apresentadas nas seguintes edições do jornal: Apicultura: nº 10, 28/07/1901. Fumo: nº 17, 15/09; nº 27, 24/11/1901; nº 34, 12/01; nº 38, 09/02; nº 39-40, 23/02/1902. Batata: nº 24, 03/11/1901. Alho: nº 28, 19/12/1901. Albicoco: nº 29, 08/12/1901. Chuchu: nº 49, 04/05/1902.

O agricultor podia ainda encontrar orientações sobre a cura das galinhas pelo uso de uma mistura de vinho com suco de alho, ou sobre os benefícios da prática do enxerto, ou ainda como acabar com os piolhos das plantas (nº 29, 08/12/1901). Também notícias de cunho sensacionalista, na área da agricultura, foram publicadas, como "o maior pomar do mundo" (nº 5), "árvore incombustível" e "pés de batata de três metros de altura" (nº 49, 04/05/1902).

Na seção "Varietã" La Patria publica curiosidades como "O Progresso Agrícola na Argentina", no qual, através de números mostra o desenvolvimento agrícola daquele país (nº 1, 26/05/1901); comenta possibilidades ou alternativas econômicas

para a agricultura, como é o caso das fibras de ananás (nº 3, 09/06/1901). No final o articulista faz um apelo: "Esperamos que também aqui alguém se interesse e possa surgir, com o tempo, uma nova atividade industrial".

As curiosidades científicas são bem mais numerosas e ao mesmo tempo em que mostram uma preocupação em divulgar o progresso científico aos colonos italianos, estes pequenos artigos deixam transparecer um grau muito elevado de informação do Diretor do jornal. No nº 4 (16/06/1901) prevê-se o fim do uso do carvão pela utilização da energia solar. Em outros artigos desta seção, fala-se do telefone transatlântico ou da luz elétrica sem fio (nº 11, 04/08/1901); descoberta de gases com certas propriedades antes desconhecidas (nº 17, 15/09 e nº 28, 1º/12/1901); um novo tipo de ventilador (nº 30, 15/12/1901); o triunfo de Marconi que conseguiu transmitir uma mensagem a três mil quilômetros de distância (nº 37, 02/02/1902); a lâmpada que fala (nº 45, 06/04/1902) e uma nova armadilha para ladrões (nº 49, 04/05/1902). O número 15 (1º/09/1901) dedica esta seção aos últimos experimentos da navegação aérea. E se refere à imprensa de Paris que comenta os feitos de Santos Dumont. O aerôstato deste cientista brasileiro é o quinto fabricado por ele. O aparelho desprende-se da terra, dá uma volta em torno da Torre Eiffel e retoma o caminho de volta ao ponto de partida. Mas o motor falha e o aparato cai sobre um castanheiro na propriedade do senhor Edmond Rotschild. Por causa desta falha do motor Dumont não ganha o prêmio de 100.000 francos estabelecidos pelo senhor Deutsch para quem resolvesse o problema da navegação aérea, pois estava determinado que o aparelho deveria voltar ao ponto de partida.

Em outras edições, "La Patria" publica descobrimentos de guerra, como é o caso do fuzil chinês (nº 43, 16/03/1902); ou curiosidades do comportamento humano, tais como o nascimento de quadrigêmeos em Mòdena (nº 14, 25/08/1901); "record" matrimonial da jovem Isabella Caporali, italiana de 28 anos, que se casa pela sexta vez, depois de perder tragicamente 5 maridos (nº 24, 03/11/1901); o casamento de um centenário com uma jovem de 26 anos (nº 29, 08/12/1901); o homem da Calábria de 104 anos que ainda trabalha (nº 41, 02/03/1902) ou o homem que se transformou numa fera por ser fruto de uma infidelidade e ter sido confinado desde a infância (52, 26/05/1902). Mas há também curiosidades animais, como é o caso do chipanzê que fala e escreve (nº 18, 22/09/1901) ou a existência de um asilo para animais em Sodepur e dez milhas da capital indiana, onde são recolhidas todas as espécies de animais velhos ou enfermos, desde o elefante à formiga. Muitas são as maravilhas que causam estupefação aos visitantes, entre as quais uma sala de partos que é muito utilizada pelas gatas "pois em Sodepur, como em qualquer outro lugar, as gatas dão o maior percentual de nascimentos ilegítimos!" (32, 20/12/1901).

A seção das notas locais (Noterelle Locali) dá ao leitor uma retrospectiva dos principais fatos ocorridos no ano de 1901 em Urussanga e que interessaram à colônia italiana. São notas breves que anunciam visitas importantes à Redação de "La Patria", recebimento de outros jornais, notícias sociais, festas, religiosas e profanas, educação, ação do Conselho Municipal e do Executivo, cartas de felicitação e avisos aos assinantes, aliás reiterados e que culminam com a divulgação de parte da lista dos "parasitas da imprensa" (nº 48, 27/04/1902).

Nas primeiras duas edições, as palavras desta seção versam sobre a importância de um jornal para o novo Município e sobre a festa de lançamento de "La Patria".

O jornal anuncia ou comenta as principais festas religiosas dos diversos núcleos coloniais, como a de Rio Comprudente, a de Rio Maior, a de São Pedro de Urussanga Baixa, a de São Miguel de Belvedere, a de Armazém. Em Tubarão, dia 2 de junho de 1901 haverá festa com missa concelebrada, fogos de artifício e bandas musicais (nº 1, 26/05/1901); A festa de Corpus Domini reuniu mais de três mil pessoas. As Filhas de Maria, completamente de branco com laços vermelhos deram um realce especial (nº 3, 9 de junho de 1901); Na festa de Santo Antônio haverá missa cantada às 10 horas. Vésperas e Procissão às 14 horas (nº 3, idem); a 8 de dezembro de 1901 (nº 29) "La Patria" publica uma nota sobre a festa de Urussanga, dizendo que este ano a festa de Urussanga não será das melhores. Ainda assim haverá sorteio de prêmios, carrossel, corridas de cavalo... à noite a praça estará iluminada fantasticamente e haverá música para alegrar a todos. O número seguinte diz que a festa da Padroeira foi brilhantíssima com as crianças vestidas de branco, mais ou menos 100 filhas de Maria e umas três mil pessoas estavam presentes. As casas estavam enfeitadas. Ao redor da praça colocou-se uma fila de palmitos. Houve procissão, quermesse e dois bailes à noite.

Relativamente à indústria, comércio, finanças etc. encontram-se notas sobre a instalação de estabelecimentos como serrarias, fecularia, açougue e outros. A edição nº 7 (07/07/1901) refere os preços do toucinho da banha, que se mantém bons no Rio de Janeiro: 700 a 800 réis o quilo de toucinho; 1\$300 a

l\$400 o quilo da banha. Isto beneficia a Colônia, pois exporta principalmente produtos suínos. O "Bolletino Commerciale" registra em cada edição os preços do mercado de Laguna e da praça do Rio de Janeiro, bem como as taxas oficiais de câmbio. A edição nº 45 (06/04/1902) avisa os comerciantes de Urussanga que o senhor Giovanni Bonfante de Maria, de Florianópolis, recebeu grande quantidade de farinha procedente de Buenos Aires, de ótima qualidade e a preços inferiores aos dos demais comerciantes da capital. Mas o nº 48 (27/04/1902) dá conta que o vapor "Laguna" não está fazendo suas viagens normais entre Laguna e a Capital devido a avarias e não se está ainda pensando em substituí-lo. Reclama-se da negligência do "Lloyd Brasileiro" que está provocando prejuízos aos comerciantes locais.

Algumas notas interessam diretamente ao agricultor: recebimento de sementes - feijão branco, forragens, fumo. Em setembro (nº 19, 29/09/1901) avisa-se que é o melhor tempo para semear o fumo. Mais adiante aponta-se para outra cultura: a vinha. O Sr. Gervasio Bortolluzzi colhe belos cachos de uva Moscato e o Sr. Luigi Vendrame está conseguindo bons resultados com sua plantação de parreiras, inclusive vencendo as pragas. Aconselha-se visitá-lo e adquirir as técnicas (nº 37, 02/02/1902). Estão sendo dispendidos esforços no sentido de se conseguir mudas que, ao chegarem serão distribuídas preferentemente a quem já tenha dado demonstração de dedicação a este tipo de cultura (nº 45, 06/04/1902).

Politicamente, o Conselho Municipal esteve ativo. De primeiro a seis de junho/1901 aprovou a Lei Orçamentária, a Lei Orgânica, a Lei sobre o Ensino Público e o Código de Posturas (nº 3, 09/06/1901). Estas Leis serão publicadas como su-

plemento de La Patria. A Lei Orçamentária resolve também uma questão prática. Estabelece que os moradores dos lotes de uma certa faixa deverão ajudar a construir a ponte de Urussanga Baixa que foi interrompida por causa de desavenças. O Município poderá contribuir com uma soma não superior a 50 mil réis. Os trabalhos de conservação das estradas também deverão começar, de acordo com o que estabelece a Lei Orçamentária (nº 38, 09/02/1902).

Um dos assuntos que "La Patria" mais evidencia é a instrução. Em princípio de julho de 1901 foram feitos os exames referentes ao bimestre maio-junho. A comissão dos examinadores era composta pelo Padre Michele Pizzio, Torquato Tasso, Dr. G. Caruso Macdonald e Giacomino de Brida. Houve prova escrita de Aritmética e cópia, e prova oral (nº 7, 07/07/1901). O chefe escolar do Município, Sr. Torquato Tasso visita as escolas de Cocal e de Urussanga. A qualidade de ensino é boa. Os professores Giacomo de Brida e Vendramino Zandonati Rosso não estão recebendo seus vencimentos, o primeiro há 13 meses e o segundo há 7 meses (nº 8, 14/07/1901). O Ministro do Exterior da Itália enviará grande quantidade de livros a fim de que sejam distribuídos aos alunos pobres das escolas italianas (nº 12, 10/08/1901). O Padre Luigi Marzano e o Padre Michele Pizzio recebem correspondência da Itália dando esperanças sobre a possibilidade de vinda de uma congregação religiosa feminina para dirigir uma escola feminina (12, 10/08/1901). Um fato de muita importância para a Colônia foi a visita do cônsul italiano de Florianópolis às colônias do sul do Estado. Na edição nº 13 (18/08/1901) encontra-se uma carta-resposta do Cônsul ao senhor Lucas Bez Batti, presidente da Sociedade Escolar "Dante

Alighieri", aceitando o convite de vir à "villa" por ocasião da festa das premiações das escolas italianas, que deveria ocorrer em setembro. Constituiu-se comissão para preparar a festa: Dr. Giuseppe Caruso Macdonald, Padre Luigi Marzano, Padre Michele Pizzio, Padre Vittório Pozzo, Padre Antonio Mano, Padre Ludovico Cocolo, Sr. Lucas Bez Batti, Torquato Tasso, Pietro Damian, Giacomo de Brida, Andrea Tezza, Sebastiano Fontana, Gregório Bosa, Antônio Remor, Giovanni Ferraro e Giovanni Pescador. Na primeira reunião foi decidido o seguinte: 1º) convidar a banda musical de Urussanga para abrilhantar a festa; 2º) fica estabelecido possivelmente o dia 15 de setembro para realização da festa; 3º) o maior número possível de pessoas irá até os limites do Município para receber o Cônsul na sua chegada; 4º) conceder três prêmios a cada escola italiana que participar da festa; 5º) incentivar a todos os comerciantes e industriais da praça de Urussanga a embelezar suas casas com bandeiras e outros enfeites e à noite iluminar a fachada de suas casas. Dia 26 de agosto de 1901 começaram os exames finais em todas as escolas do Município. A 19 de setembro haverá exames orais para o segundo ano das escolas italianas de Urussanga; dia 20, para o primeiro ano. Após isto as escolas ficarão fechadas até 1º de janeiro. A festa da premiação se realizará assim que o Cônsul chegar, provavelmente na primeira quinzena de outubro (17, 15/09/1901). Comissão que presidia aos exames orais: Dr. G. Caruso Macdonald, Giacomo De Brida, Padre Luigi Marzano, Padre Michele Pizzio, Giacinto De Brida, Lucas Bez Batti, Pietro Damian, Torquato Tasso, G.B. Cadorin, Antonio Ferraro e Vincenzo De Bona (nº 18, 22/09/1901). Finalmente pode-se marcar a data da festa. Segue-se o programa da festa em detalhes (21, 13/10/1901). O Cônsul, que chegou em

Urussanga a 15 de outubro, já está visitando as escolas. As crianças o recebem cantando o Hino de Garibaldi (nº 22, 20/10/1901) que foi impresso na gráfica do "La Patria" e é vendido a 40 réis a folha comum e a 60 réis a folha de luxo. O Cônsul visitou as colônias de Criciúma, Nova Veneza, Armazém, Rio dos Pinheiros e outras. Dia 11 de novembro o Cônsul parte para Florianópolis.

Realizaram-se exames de habilitação para quem aspira ser professor e foi indicado pelo menos por 30 pais, conforme manda a lei. As provas foram as seguintes: 1ª) escrever uma carta; 2ª) leitura; 3ª) quatro operações (27, 24/11/1901). O Dr. Giuseppe Caruso Macdonald recebe um Diploma de Benemerência concedido pelo Conselho Central da Sociedade Escolar "Dante Alighieri" com sede em Roma. O Motivo é a difusão da língua e da cultura italiana em Santa Catarina (29, 8/12/1901).

Em 1902 existem 12 escolas, das quais 11 são municipais. Total de alunos: 536; 377 são meninos e 159 meninas (35, 19/01/1902).

O diretor da escola elementar de Urussanga publica semanalmente opúsculos de gramática, geografia, geometria, botânica e agricultura com o fim de facilitar o trabalho dos professores (45, 06/04/1902). Foi criada a escola noturna para adultos - scuola serale - que funcionará das 19 às 21 horas (46, 13/04/1902).

O cônsul Gherardo Pio di Savoia voltou a Urussanga em princípio de maio. Incentivou a que se ensine a Língua Portuguesa nas escolas, conforme está previsto em lei. Os italianos precisam dela neste país (50, 11/05/1902).

A seção "Noterelle Locali" divulga ainda outras notas sobre o consulado italiano de Florianópolis. Dizem respeito às colônias do sul do Estado aquelas que referem reclamações de colonos que foram prejudicados pela Revolução de 1893-94 (11, 04/08/1901).

Nas colônias italianas era costume içar a bandeira tricolor nos dias de festas cívicas italianas, como no aniversário natalício do Rei Vítor Emanuel III, quando houve uma "bichierata" (brinde) na casa de Torquatro Tasso. Encontram-se também outras datas de cunho social, inaugurações etc. Entre as notas que têm caráter político encontra-se a que procura incentivar os urussanguenses a participarem das eleições para Presidente da República. É a primeira vez que exercerão o voto. Os candidatos oficiais, segundo a nota, são: o Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves para presidente e o Dr. Silviano Brandão para vice (39-40, 23/02/1902).

Notas tristes são as do suicídio de Domenico De Brida, - que já estivera demente - ocorrida a 08 de junho de 1901, e a morte de Albina Febbraro Marzano, irmã do Padre Luigi Marzano. Em Nova Veneza acontece um ataque de bugres. Inocente Francesco foi atingido por uma árvore em queda e Antônio Cavaliere foi atacado por uma onça que acabou sendo morta a foice por Sperandio Stefanini (25, 10/11/1901). Enfim é narrada a tragédia ocorrida com o Padre Vittorio Pozzo, muito conhecida na região. Outras mortes são noticiadas como a de Salvatore Leonardi ocorrida em Nova Veneza, que causou alguma polêmica.

Não se encontra, no percurso destas notas locais, alguma iniciativa no setor da saúde. Parece que este setor ficou mais na dependência de iniciativas particulares e de práticos.

O próprio Padre Marzano, em seu livro, conta que aprendeu alguma coisa neste sentido e com o pouco que aprendeu ajudava em muito os colonos.

Com o título de "Crisantemi" (Crisântemos) o próprio Giuseppe Caruso Macdonald assina os anúncios das mortes ocorridas nas colônias, como a de Giovanni Damian e a de Domenico Bez, com não mais de vinte anos, atingidos por uma árvore (15, 19/09/1901).

Vistos sob o ângulo de atendimento às necessidades da população, também os comerciais podem ser considerados de interesse do imigrante italiano. O primeiro que aparece é o da "Farmacia Coloniale de Torquatro Tasso - si eseguiscono ricete a qualunque ora" - (atendem-se receitas a qualquer hora). O segundo é o "Grande Negozio di tessuti, ferrareci, chincaglieria e prodotti coloniali de GIACINTO DE BRIDA" (Grande Negócio de tecidos, utensílios, quinquilharia e produtos coloniais...). Noutras edições encontra-se a "Charuteria Siebert - em Tubarão..." - "Ovos e manteiga podem ser adquiridos em qualquer quantidade no estabelecimento de Antônio Ferraro" - "Ourivesaria de Fioravante Tiziani em Urussanga, executa qualquer trabalho em ouro ou prata...". "Terrenos à venda... Dirija-se a Jacob Weber, em Pedras Grandes". Anuncia-se o "Grande Espetáculo! Circo de Cavalinhos Mecânicos, dia 12 de setembro, em Rancho dos Bugres. O empresário é Domingos Busnardo, de Nova Trento". Anuncia-se a venda de: bomba para sulfatar as parreiras, revólver de pequeno calibre, um burro de dois anos e meio e outro de um ano. Alguns anúncios são mais incisivos e querem convencer: "Vermicida de G. Goettger - uma só experiência basta para convencer-se; vendas por atacado - Hugo Von Franken-

berg Ludwigdorff - Laguna". Em letra grande lê-se também: "Refinação de Assucar de Sala e Riera - 29500 a arroba - Florianópolis". Da Capital é ainda o "Restaurant italo-brasileiro de Luiz Damiani". Na "Paneteria e Dolceria Antonio del Pizzo" de Tubarão encontram-se pães e roscas a 50 réis cada; biscoitos e doces por 700 réis o cento; biscoitos d'água a 600 réis o cento; bolachas americanas e bolachas Rio Grande a 2\$000 o quilo...

Se até aqui foi referido o conteúdo do "La Patria" que atendia, com grande dedicação, aos interesses dos colonos italianos do sul de Santa Catarina, torna-se necessário ainda dizer de que maneira o jornal cumpriu o objetivo de fazer conhecer as glórias e valores da Pátria-Mãe daqueles a quem se dirigia, conforme preconizado no programa contido na primeira edição. Muita coisa já ficou dita, pois é impossível abordar um assunto sem entrar no outro. Mas, como norma, este jornal não é tão nacionalista a ponto de querer preservar o amor à Pátria de origem, sem ter presente que o contexto em que vivem os imigrantes tem características próprias, bem diferentes daquelas do Velho Mundo, e que referir-se àquelas, sem considerar estas seria incorrer em graves erros. Ao contrário, implicitamente fica entendido que é necessário viver a realidade presente, encarar e resolver os problemas da Pátria de adoção para poder ocasionar um impulso em direção ao progresso e ao bem-estar, sem necessariamente desprezar a Pátria-Mãe, para onde, no entanto, será impossível retornar. O próprio cônsul Gherardo Pio di Savoia em sua segunda visita a Urussanga adverte que os colonos italianos necessitam aprender a Língua Portuguesa e que é preciso imediatamente começar a ensiná-la nas

escolas. O "La Patria" adota uma posição equilibrada quanto a este assunto. Este juízo deve ser o daquele que for capaz de imaginar as circunstâncias, o grau de desenvolvimento e a situação das colônias italianas do sul de Santa Catarina, em 1901-02.

Mais do que publicar artigos com o objetivo de enaltecer a Itália, motivados por um saudosismo e exaltação puramente nacionalista, "La Patria" prefere deter-se na ação dos italianos no exterior, como na Argentina, por exemplo, em cuja capital existem mais de quinhentas associações a provarem o espírito de iniciativa, laboriosidade e capacidade de adaptação dos italianos. São associações de mútuo auxílio, recreativas e carnavalescas, além daquelas chamadas de resistência. Como exemplos cita: "Società Italiana di Beneficenza", "Unione e Benevolenza", "Unione Operai Italiani", "Margherita di Savoia", todas associações filantrópicas e educacionais, com milhares de sócios (nº 4, 16/06/1901). Dos jornais italianos transcreve artigos que dizem respeito aos imigrantes, ao que se faz em favor deles principalmente no que tange à educação e outros auxílios do governo italiano.

Para falar sobre a Itália, "La Patria" prefere buscar fora dela o que os outros testemunham a respeito do seu progresso e desenvolvimento. Procura na imprensa italiana os momentos em que este país se relaciona "gloriosamente" com outras nações. Assim acontece com "Le Feste Franco-Italiana" (1, 26/05/1901); "L'Arrivo delle truppe italiane reduci dalla Cina" (A chegada das tropas italianas de volta da China) ou "La Futura Italia publicado pelo "Berliner Tageblatt" de Berlin que analisa e qualifica de "ótimo" o sistema de aproveitamento

da força hidráulica da Itália (27, 24/11/1901). O relacionamento direto com o país de origem é feito através do consulado, algumas vezes mediante correspondência a Sua Majestade o Rei ou a Rainha, ao Senador Pasquale Villari - presidente da Associação Dante Alighieri, em Verona.

O consulado italiano de Florianópolis tem grande importância para as colônias. O cônsul Gherardo Pio di Savoia é benquisto pelos seus compatriotas de todo o Estado que sentem sua ação se desenvolver principalmente no setor educacional. É a convite do presidente local da Sociedade "Dante Alighieri", senhor Lucas Bez Batti, que o cônsul vem a Urussanga e visita todas as colônias do Sul, em outubro de 1901. É por esta ocasião que "La Patria" publica os mais belos textos, com características subjetivas, deixando falarem os sentimentos de quem registrou os fatos, na tentativa de fazer eco aos sentimentos dos compatriotas que viram no Cônsul a encarnação da Pátria que tiveram que abandonar e fizeram dele o alvo de suas manifestações de saudade e carinho de filhos distantes.

A seguir, numa rápida análise dos aspectos literários de "La Patria", serão abordados estes textos.

Aspectos Literários

Na tentativa de identificar aspectos culturais do imigrante italiano principalmente do sul de Santa Catarina, depara-se em "La Patria" com o expoente mais significativo no que concerne a produção escrita, pela extensão de assuntos e pela multiplicidade de interesses, de comportamentos, de sentimentos e atitudes aí registrados. As limitações são referentes

à linguagem que é jornalística e, portanto, limita, de certa forma a livre expansão da criatividade. O fato de ser escrito em Italiano e não no dialeto falado pela maioria dos imigrantes, se de um lado mostra que, a partir de determinada época, alguns intelectuais acompanharam o expoente emigratório da Itália, de outro lado cria um distanciamento entre aqueles e este. O jornal defendeu os interesses do Italiano no Brasil, mas a integração ao meio não foi completa, vistas as coisas por este ângulo. Na verdade, em Santa Catarina, tudo o que foi produzido por esta corrente imigratória em termos de jornais e livros, foi em língua italiana oficial. Isto pelo menos até o fim do terceiro quarteto deste século. As primeiras manifestações em dialeto são as três coletâneas de canções e as obras de José Curi, podendo-se acrescentar a do Padre João L. Dall'Alba, todas produzidas a partir de 1974. Três podem ter sido os motivos que levaram a esta atitude: 1º) a formação dos que escreveram - sacerdotes ou pessoas de nível acadêmico elevado, como é o caso do Dr. Giuseppe Caruso Macdonald, que era advogado; 2º) a necessidade de unificação do sistema de comunicação. Os dialetos eram diversos e os grupos formados eram heterogêneos; 3º) o preconceito de que os dialetos serviam apenas de veículo de comunicação familiar para pequenos grupos e caracterizava baixo índice cultural.

Considerando-se, no entanto, o que foi escrito neste idioma verificar-se-á que alguns textos podem ser classificados como "literários" embora esta não tenha sido a intenção do autor, na maioria dos casos. Nelly Novaes Coelho define Literatura de maneira muito simples, dizendo que ela "é, em geral, uma verdade humana transfigurada em beleza, em arte, através

da palavra" (O Ensino da Literatura - FTD, 1966. p.38).

Ora, neste sentido amplo, muita coisa de "La Patria", penetra no Santuário da Literatura quando analisa os acontecimentos dos homens. Para trazer um exemplo apenas, pode-se recorrer à crônica que relata a festa de lançamento (de nascimento) do semanário. Depois de descrever as circunstâncias do momento, depois de citar o nome das pessoas mais importantes presentes à festa, depois que o sacerdote deu a bênção às máquinas, lemos: "Il momento è solenne; molti sono commossi. Subito dopo gemono i torchi e "La Patria" esce alla luce."⁷⁷

Il piccolo giornaletto nella sua veste semplice ed elegante riscuote la generale approvazione; e siccome tutti i salmi finiscono in gloria, finita la distribuzione del giornale a tutti i presenti, si passò nella sala vicina ove venne offerto un bicchiere di vino" ("O momento é solene; muitos estão emocionados. De repente gemem as prensas e La Patria vem à luz.

O pequeno jornal, em vestes simples e elegantes, recebe aprovação geral; e como todos os salmos terminam em glória, acabada a distribuição a todos os presentes, passou-se à sala vizinha onde foi oferecido um copo de vinho" - nº 2, 02/06/1901).

Na edição nº 4 (16/06/1901) encontra-se o texto "Dores Intimas", redigido em Português, com procedência de Tubarão. O autor se identifica apenas pelas letras H.M. e dedica a expressão de seus sentimentos a Mariolizza Lauricêa Jardelina. Por ter sido escrito em Português, não interessaria a este trabalho, mas é ao final deste texto que há uma Nota de Redação dizendo que "La Patria", em linha de máxima, não publica artigos de cunho literário: "Embora o nosso periódico, em li-

nha de máxima, refute, por esiguidade de espaço, publicar artigos literários, damos lugar, excepcionalmente, a estas "Dores Intimas", que, se afligem um pouco o leitor, denotam em seu autor, que não temos o prazer de conhecer, boas qualidades intelectuais, dignas de serem encorajadas..."

Assim sendo, poder-se-ia desistir de imediato de procurar alguma relação com a Literatura no "La Patria". Mas não teriam algum valor as cartas publicadas, por exemplo? O Padre Luigi Marzano escreve ao Redator agradecendo as manifestações de carinho recebidas da parte do jornal, das autoridades locais, dos colegas e amigos, por ocasião da morte da irmã Albina Ferraro Marzano (6, 29/06/1901). E no último número, por ocasião do primeiro aniversário do jornal, o mesmo Padre Marzano envia outra carta, esta criativa e fluente, volvendo o olhar de artista sobre a história não só do semanário, mas de Urussanga. Eis alguns parágrafos: "Pouco a pouco as recordações reavivam o espírito enfraquecido pelas lutas, e o passado não retorna se não para fazer bem ao coração.

Vinte e quatro anos se completaram, desde que, vencida a floresta pelas forças em luta, nasceu Urussanga, povoada pelas laboriosas famílias italianas. Paremos um instante, olhe-mos ao redor: O "ontem" recorda tempos funestos; o abandono da pátria querida, os sofrimentos impostos pela nova vida, necessidades sofridas, os longos suspiros acrescidos ao abandono, na impotência de ressurgir para uma vida civilizadora, num ambiente de negligência e desprezo.

Com a esperança, com a mansidão e com o gesto dos "homens unidos", chegou-se ao "hoje", conforto das peripécias passadas.

.....

E se, pela aurora se pode julgar o novo dia, o "amanhã" será promissor, o caminho está aberto, o programa é claro: "união e coragem"..." (nº 52, 26/05/1902).

Outras cartas são escritas pelo Dr. Giuseppe Caruso MacDonald, uma delas é endereçada ao Rei para reclamar da falta de critérios na distribuição do dinheiro destinado a socorrer os flagelados da Revolução de 1893 (nº 13, 18/08/1901). Outra é dirigida ao senador Pasquale Villari, descrevendo a situação cultural das crianças filhas dos colonos, que não têm condições de evoluir no ensino e conseqüentemente de ter uma mentalidade progressista, uma vez que não têm uma visão real do progresso do mundo. E sugere que a Sociedade "Dante Alighieri" subvencie viagem e estadia para os cinco melhores alunos egressos das escolas italianas de Urussanga, cada ano (nº 36, 26/01/1902). Mas voltando à edição anterior, na mesma página em que se encontra a carta dirigida ao Rei e assinada por setecentos imigrantes, existe outra que foi assinada por 130 crianças e é dirigida à Rainha, fazendo as crianças apelarem aos sentimentos maternos e de amor pátrio desta para que influencie seu consorte movendo-o ao envio de recursos para se construir "uma casa grande, com bonitas salas, com abundante material escolar... Sabíamos que esta escola teria um nome muito caro a Vossa Majestade: "Yolanda", e este nome tinha se tornado muito caro para nós e o reevocávamos sempre na memória..."

Mais forte que nas epístolas, o lirismo, o saudosismo romântico, o telúrico derrama-se na crônica intitulada: "In Alto i Cuori", (Corações ao alto), que descreve o significado da presença do cônsul italiano na Colônia. O Cônsul tornou-

se um mito e concentrou em si o que de mais caro possa ter uma Pátria distante. "Todos quiseram levar sua contribuição, se não outra, a do seu aplauso; se não outra, a de alguma lágrima furtiva...

Os velhos junto com os jovens e talvez os velhos mais do que os jovens!

Vimos muitas cabeças encanecidas a desafiar o mau tempo que se desencadeou na terça-feira passada para ter a consolação de render uma modesta homenagem ao representante do País que lhes serviu de berço" (nº 22, 20/10/1901). A crônica prossegue até o seu final num linguajar fluente enriquecida por antítese e metáforas. Registra os sentimentos que um líder tenta transmitir ao povo no momento em que um fato novo surge, capaz de criar novas esperanças e despertar novas forças antes insuspeitadas. "Os primeiros passos de Urussanga neste ano, são os de um menino robusto e cheio de energia que logo se emancipa das andadeiras incômodas". Junto com esta energia nascida na América permanecerá o sentimento de amor autêntico à Pátria da qual este povo herdou sua moral e sua consciência.

O texto seguinte "La Festa della Premiazione" (Festa das Premiações - 23, 27/10/1901) descreve o momento máximo no qual se reúnem as pessoas com seu ídolo, com seus líderes, consigo mesmas e com seus filhos. A festa é significativa. A presença do Cônsul é um despertar, simbolizado numa frase contida no início da crônica: "Ribomba o morteiro e de súbito as casas se adornam para a festa". Os corações de toda aquela gente vinda de todas as direções, por todos os sendeiros sentem mais forte a saudade de tudo aquilo que viveram e deixaram num lugar para onde jamais voltarão. No meio do colorido da festa, a bandeira

trouxe um pedaço (talvez o mais significativo) da Pátria: "As três cores dominam todos aqueles matizes". Quando tudo está no seu lugar, quando todos estão a postos, "um canto solene e altíssimo se liberta do peito de cem crianças". É o Hino de Garibaldi¹⁶, que se encontra anexo à coleção de "La Patria"

16

INNO DI GARIBALDI

I

Si scopron le tombe, si levano i morti,
 I martiri nostri son tutti risorti!
 Le spade nel pugno, gli allori alle chiome,
 La flamma ed il nome - d'Italia nel cor!

Veniamo, veniamo, su, a giovani schiere!
 Su al vento per tutto le nostre bandiere!
 Su tutti, col ferro, su tutti col foco,
 Su tutti col foco - d'Italia nel cor.

Va'fuora d'Italia, va'fuora, che'è ora,
 Va'fuora d'Italia, va'fuora, o stranier.

II

La terra dei fiori, dei suoni e dei carmi
 Ritorni, qual'era, la terra dell'armi!
 Di cento catene le avvinser la mano,
 Ma ancor di Legnado - sa i ferri brandir!

Bastone tedesco l'Italia non doma,
 Non crescono al giogo le stirpi di Roma:
 Più Italia non vuole stranieri e tiranni,
 Già troppison gli anni - che dura il servir.

Va'fuora d'Italia, va'fuora, ch'è ora,
 Va'fuora d'Italia, va'fuora, o stranier.

HINO DE GARIBALDI

I

*Abrem-se as tumbas, erguem-se os mortos, / Os nossos márti-
 res ressuscitaram todos! / Espadas em punho, cabeças com lou-
 ros, / A chama e o nome da Itália no coração! - Vamos, vamos,
 sus, jovens fileiras! / Elevem-se ao vento, por tudo, as nos-
 sas bandeiras! / Vamos todos com o ferro, vamos todos com o
 fogo / Vamos todos com o fogo da Itália no coração. / - Sai
 da Itália, vai para fora, que é hora, / Sai da Itália, vai pa-
 ra fora, ó estrangeiro.*

II

*A terra das flores, dos sons, da poesia / Volte a ser, como
 era, a terra das armas! / Com cem cadeias a atar-lhe as mãos, /
 Ainda de Lugnano - sabe o ferro brandir! - O cetro alemão a
 Itália não doma, / Não crescem no jugo as estirpes de Roma: /
 A Itália não quer mais estrangeiros e tiranos, / Já são mui-
 to...*

que foi pesquisada. Como se pôde ver, é um poema de seis estrofes com oito versos endecassílabos cada, seguidos de dois versos que constituem o refrão. Pode-se afirmar que é um grito de guerra contra o invasor (o alemão - o austríaco) e faz um

III

Le case d'Italia son fatte per noi,
E' là sul Danubio le case de' tuoi:
Tu i campi ci guasti, tu il pane c'involi,
I nostri figliuoli - per noi li vogliam.

Son l'Alpi e i due mari d'Italia i confini,
Col carro di fuoco rompiam gli Appennini:
Distrutto ogni segno di vecchia frontiera,
La nostra bandiera - per tutto innalziam.

Va'fuora d'Italia, va'fuora, ch'è ora,
Va'fuora d'Italia, va'fuora, o stranier.

IV

Sien mut le lingue, sien pronte le braccua.
Soltento al nemico volgiamo la faccia,
E tosto oltre i monti n'andrà lo straniero,
Se tutta un pensiero - l'Italia sarà.

Non basta il trionfo di barbare spoglie,
Si chiudan ai ladri d'Italia le soglie,
Le genti d'Italia son tutte una sola,
Son tutte una sola - le cento città.

Va'fuora d'Italia, va'fuora, ch'è ora,
Va'fuora d'Italia, va'fuora, o stranier.

III

As casas da Itália são feitas para nós, / Às margens do Danúbio estão as casas dos teus: / Estragas os campos, o pão tu nos roubas, / Nossos filhos para nós os queremos. / - São os Alpes e os dois mares da Itália os confins, / Com o carro de fogo rasgaremos os Apeninos: / Destruído todo sinal da velha fronteira, / Nossa bandeira - por tudo ergueremos. / Sai da Itália...

IV

Estejam mudas as línguas, estejam prontos os braços, / Sô ao inimigo voltamos a face, / E logo, para além dos montes era o estrangeiro, / Se um só pensamento a Itália formar. / - Não basta o triunfo de bárbaros despojos, / Fechem-se aos ladrões as portas da Itália, / Os povos da Itália são todos um só. / Estão todas unidas as cem cidades. / Sai da Itália...

apelo ao entusiasmo do espírito italiano de amor à liberdade, à autonomia e à unidade da Pátria. Este hino era ensinado nas escolas italianas e era entoada nos dias de festa como no das premiações expressando o momento épico das solenidades.

Para finalizar, será necessário dizer (ou repetir) que o "La Patria" é, na verdade, um tesouro escondido. Em suas páginas vê-se surgir a reconstrução da vida dos imigrantes nos anos de 1901 e 1902. Causa estranheza quando se descobre que,

V

Se ancora dell'Alpi tentasser gli spaldi,
Il grido di allarmi darà Garibaldi,
E' s'arma allo squillo che vien da Caprera,
Dei mille la schiera che l'Etna assaltò,

E dietro aila rossa vanguardia dei bravi.
Si movon d'Italia le tende e le navi;
Già ratto sull'orma del fido guerriero,
L'ardente destriero Vittorio spronò.

Va'fuora d'Italia, va'fuora, ch'è ora,
Va'fuora d'Italia, va'fuora, o stranier.

VI

Per sempre è caduto degli empi l'orgoglio,
A dir Viva Italia va il Re in Campidoglio,
La Senna e il Tamigi saluta ed onora,
L'Antica Signora che torna a regnar.

Contento del regno fra l'isole e i monti
Soltanto ai tiranni minaccia le fronti;
Dovunque le genti percuota un tiranno
Suoi figli usciranno per terra o per mar.
Va'fuora d'Italia, va'fuora, ch'è ora,
Va'fuora d'Italia, va'fuora, o stranier!

V

Se ainda dos Alpes tentassem o espaldão, / O grito de alarme darã Garibaldi, / E se arma ao som que vem de Caprera, / Dos mil a fileira que o Etna assaltou. / - E atrás da vermelha vanguarda dos bravos, / Movem-se da Itália as tendas e as naves. / Já rápido sobre o passo do fiel guerreiro, / O ardente ginete Vítório esporeou. / Sai da Itália...

VI

Caiu para sempre do ímpio o orgulho, / A dizer Viva a Itália vai o Rei ao Capitólio, / O Sena e o Tâmis saúdam e louvam, / A antiga senhora que volta a reinar. / - Contento do reino entre ilhas e montes / Sô aos tiranos ameaça as fronte; / Onde quer que um tirano subjuque seu povo / Seus filhos sairão por terra e por mar. / Sai da Itália...

naquela época, numa cidadezinha do interior de Santa Catarina, fundada por imigrantes italianos, circulou um jornal com tal nível técnico e intelectual. O conhecimento de seu valor e conteúdo é indispensável quando alguém se propõe fazer um estudo a respeito dos aspectos culturais do imigrante italiano do sul do Estado. Daí, a razão por que se optou por uma abordagem até certo ponto prolixa deste jornal. Tudo servirá de alimento e inspiração para quem quiser conhecer na essência o elemento que transformou esta região, através do trabalho e do sacrifício abnegados, numa moradia digna, confortável e pacífica. Resumindo, transformou estas terras inóspitas em LA PATRIA de seus filhos.

Ao terminar este enfoque far-se-á um vôo até Rodeio para encontrar o prolongamento desta viagem pelo tempo e pelas páginas dos jornais catarinenses de língua italiana. É o norte que se faz presente com a força da sua religiosidade cristã confirmada e divulgada por "L'Amico" cuja apresentação ocupará algumas páginas.

2.1.3. L'Amico

Aparece a 3 de abril de 1904, e circula até 1917, em Rodeio, então município de Blumenau. Foram localizados três números: nº 8, ano III - 18/02/1906; nº 21, ano VI - 23/05/1909; nº 27, ano VI - 04/07/1909.

Estes exemplares pertencem ao Sr. Virgílio Noríller, morador de São Pedro Velho, município de Rodeio, que entregou mais dois exemplares para o museu daquela cidade.

O primeiro número consultado (nº 8) é em tamanho menor: 26 x 35,5 cm. Os outros dois são maiores: 32,2 x 48 cm. É redigido em língua italiana, exceto alguma propaganda. Foi fundado por Frei Lucínio Korte, dinâmico sacerdote que atendia os fiéis da região. Sua tiragem estava entre 250 a 300 exemplares. J. Ferreira da Silva¹⁷ diz que Frei Lucínio, que era redator-chefe "tinha como auxiliares, o seu companheiro de hábito Frei Fidélis Kamp e o professor Giuseppe Zanluca. Este, homem inteligente e de bastante cultura, foi, igualmente, o chefe das oficinas impressoras, aliás bem modestas."

Jornal católico, doutrinava e zelava pela conservação dos princípios cristãos. Após o título, declarava-se "Periodico settimanale del popolo cattolico" (periódico semanal do povo católico), acrescentando a frase bíblica: "L'Amico fedele è una protezione possente; e chi lo ha, ha trovato un tesoro" (O amigo fiel é uma proteção poderosa; e quem o tem, encontrou um tesouro - Ecl. 6,14). E ainda: "Assai più valgono i rimproveri del'amico che i dolci, ipocriti baci del nemico" (Muito mais valem as admoestações do amigo que os beijos doces e hipócritas do inimigo).

O número 8 (18/02/1906) dá o calendário dos santos da semana de 18 a 24 de fevereiro, seguido pelo Regulamento dos Fabriqueiros da igreja, feito e publicado no Boletim Eclesiástico por D. Duarte Leopoldo da Silva. Aparece depois parte do texto: "Gli Ultimi Giorni di Gerusalemme" (Os Últimos Dias de Jerusalém) de Antonietta Klitsche de la Grange, cuja continuação deve ter-se dado nos números seguintes. Seguem notícias

¹⁷ SILVA, J. Ferreira da. A imprensa em Blumenau. Florianópolis, Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1977. 206p.

locais e nacionais, ligadas aos interesses da Colônia, principalmente as locais. Este número notícia a visita do Deputado Federal Dr. Victorino de Paula Ramos que, segundo informação do Sr. Virgílio Noríller, começou como agrimensor em Blumenau. Ao comentar os resultados da eleição de um senador e de três deputados, em outra notícia, encontra-se que só metade dos eleitores votaram. O jornal atribui esta pouca acorrência às urnas às seguintes causas: 1) Pouco interesse; 2) Viagem longa e difícil e em época em que a lavoura requer trabalho. Os colonos mais distantes teriam que perder até dois dias e fazer gastos de manutenção para se apresentar à votação. Na seção "Varietã" encontra-se uma reprimenda à prática da usura. Sem pôr-se problema de consciência cobra-se 1 a 2% ao mês, ao invés de 5 ou 6% ao ano permitidos em lei. As leis existem, mas parece que a necessidade do próximo legitime esta prática desleal.

Neste número encontra-se também uma pequena seção de humorismo, que não aparece nos demais números nem em outros jornais escritos em italiano em Santa Catarina. Trata-se do seguinte: "Due amici s'incontrano per via:

- Dove vai?
- Mah! non lo so. E tu?
- Non ho alcuna direzione.
- Bene, affrettiamo il passo, altrimenti arriveremo in ritardo"¹⁸.

¹⁸ Dois amigos se encontram pelo caminho:

- Para onde vais?
- Pois, nem sei. E você?
- Não tenho nenhum rumo definido.
- Bem, andemos rápido, a fim de não nos atrasarmos.

O segundo número consultado, após o calendário dos santos da semana traz a História dos Franciscanos no Brasil. Segue-se a explicação de um texto evangélico com outros tirados da vida prática com o objetivo claro de induzir à imitação do bem ou à reprovação do mal. O Socialismo é apresentado como uma desgraça que cabe à responsabilidade de cada um evitar: "ognundo stia attento sopra sè, acciochê tale disgrazia non accada anche a lui. La vita del uomo é una lotta continua tra il bene e il male" (Cada um vigie sobre si mesmo, a fim de que tal desgraça não se abata sobre ele. A vida do homem é uma luta contínua entre o bem e o mal).

O terceiro exemplar consultado tem fundamentalmente as mesmas seções dos números anteriores. Nele encontra-se um comentário depurativo da religião feito a partir de uma "oração" que o relator diz ter caído em suas mãos, e que vinha acompanhada de observações que diziam ter sido encontrada no Santo Sepúlcro de Jerusalém e conservada por Sua Santidade e por Carlos V Imperador em seus oratórios em caixa de prata. A oração concederia graças especiais para a vida e para a hora da morte. As explicações são muitas e a desaprovação é clara.

Outro artigo pretende mostrar como os próprios animais em estado natural vivem a monogamia, ou tornam-se polígamos no estado doméstico.

Na seção "Estero" encontra-se um comentário a um projeto de lei referente à assistência do Governo italiano aos emigrados. Diz ele: "Um novo projeto de lei que estabelece a representação para as diversas colônias italianas no exterior, quer criar para cada colônia junto à seção do Instituto Colonial um comitê que deverá concorrer para instituir em Roma um

Conselho das Colônias composto, a metade por delegados dos comitês e a outra metade por delegados eleitos pelo Instituto. Este Conselho estudará os problemas relativos à emigração e aos interesses dos italianos e das diferentes nações onde se encontram domiciliados.

Será unificada a proteção aos emigrantes, solucionando as eventuais rivalidades entre o Instituto e as associações no seio das colônias, desenvolvendo nessas a ação da unidade. Os comitês não poderão manter relações diretas com as autoridades locais, mas se relacionarão com os Cônsules."

Teria isto relação com as reclamações de "La Patria" de Urussanga, feitas alguns anos antes referentes ao destino dos recursos aos flagelados pela Revolução de 1893?

Uma notícia sobre o incremento das relações entre o Brasil e a Áustria, está redigida numa linguagem que denota simpatia por este país de cujos domínios vieram muitos italianos para Rodeio. "... Sembra il più bel momento propizio per entrare di nuovo in ragionamento coi nostri compatriotti transatlantici, All'opera dunque..." (Parece ser o momento mais propício para entrar novamente em relacionamento com os nossos compatriotas de além mar. Mãos à obra, portanto...) escreve o redator.

Os dois números que o senhor Virgílio Noriiller doou ao museu de Rodeio, são os n.ºs 26 e 39, que levam as datas de 27 de junho e 39 de setembro de 1915, respectivamente.

O jornal não apresenta nenhum artigo de cunho literário. Todo ele é voltado ao ensino da Religião, sua prática e conservação e destina-se aos colonos italianos das linhas da

colônia de Blumenau. A linguagem é simples e desprovida de artifícios.

Objetivos semelhantes parece ter tido "La Voce del Parroco in Famiglia" de Ascurra, também no norte do Estado.

2.1.4. "La Voce Del Parroco in Famiglia"¹⁹

Este jornal apareceu manuscrito, mimeografado, no ano de 1913, em Ascurra. Suas dimensões são de 27 x 36 cm com 4 páginas, em língua italiana. Além do primeiro número foi possível localizar o quarto número impresso na gráfica de Hoemke Irmãos, formato de 23,5 x 33 cm artigos religiosos em italiano e um em português: "Pelo desenvolvimento da indústria".

O número 1 traz um artigo intitulado "Chi è il Vescovo" (Quem é o Bispo) dedicado a D. João Borges Quintão que deveria substituir D. João Becker transferido de Florianópolis para Porto Alegre. Por motivos de saúde, porém, Dom João Borges Quintão renunciou ao bispado antes de assumi-lo. O objetivo do jornal era levar às famílias dos colonos italianos as mensagens religiosas do padre vigário. Continha artigos de fundo, avisos referentes a horários de funções religiosas, festas, casamentos, batizados e óbitos ocorridos no mês anterior.

O idealizador do jornal foi o Padre João Canônico. Demonstrava simpatias para com o Governo Italiano.

Como não foi possível localizar nenhum número deste

¹⁹ Todos os dados referentes a este jornal foram tirados de J. Ferreira da Silva "A Imprensa de Blumenau" ed. do Gov. do Estado, 1977. O Padre Brasília Prim do Convento Franciscano de Rodeio forneceu-lhe os números do jornal que se encontravam no arquivo do convento. Hoje não se encontram mais lá e seu paradeiro é desconhecido.

jornal, cabe registrar um apelo a que as autoridades culturais da região de Ascurra tentem salvar, caso ainda exista, algum exemplar do mesmo.

Voltando a Florianópolis encontrar-se-á "Vita Coloniale", um apelo da "Fratellanza Italiana" ao espírito de colaboração dos italianos do Brasil, num momento particularmente difícil para a pátria distante.

2.1.5. Vita Coloniale

Órgão das Colônias Italianas do estado de Santa Catarina. Redação e administração: sede da Frattellanza Italiana. Diretor: Salvatore Taranto. Publicado em Florianópolis. O primeiro número circulou a 15 de agosto de 1917. O último número pesquisado (nº 27) leva a data de 1º de outubro de 1918. Começou com tiragem mensal, passando logo a quinzenal. Dimensões: 35 x 25 cm. Escrito em língua italiana. Contava com 4 páginas cada edição. A anuidade era de 5\$000 réis (cinco mil réis) e a semestralidade, 3\$000 réis.

No Editorial da primeira edição a Redação faz uma constatação que, se não de todo exata, serve como justificativa e de base para estabelecer a linha mestra do seu programa: "Nenhum meio existiu até agora para manter vivo o sentimento da nossa italianidade entre nós tão distantes e, no entanto, tão próximos com o coração da Mãe Pátria". No mesmo texto apresenta o programa que será o de divulgar: "I - Notícias sobre a Itália; II - notícias sobre a Grande Guerra Mundial; III - notícias sobre quanto de muito importante possa interessar ao

Brasil e especialmente ao estado de Santa Catarina; IV - correspondências sobre a vida que se desenvolve nos diversos centros coloniais italianos deste Estado; V - Prestação de contas dos fundos recolhidos em prol da Cruz Vermelha Italiana e da Obra de Assistência aos Militares e às suas famílias; VI - daremos publicação a quanto o régio Cônsul da Itália queira comunicar com tal fim; VII - falaremos das escolas italo-brasileiras; VIII - incitaremos a uma vida colonial fecunda, disciplinada e digna do nosso país."

Como o jornal foi criado no tempo da Primeira Grande Guerra e atendendo a seus objetivos, dedica suas edições a comentar, descrever e noticiar os acontecimentos da Guerra, principalmente os que dizem respeito à Itália, prevendo, até, com certa antecendência, a vitória dos aliados. Com forte tendência nacionalista, tem sempre em mira desprestigiar a ação dos alemães e dos austríacos que são, segundo o jornal, os eternos inimigos dos latinos.

A participação da Itália na Guerra é retratada a partir de fatos heróicos, abnegados e patrióticos; solidários entre si, os italianos são valorosos quando enfrentam o inimigo, mesmo em condições adversas. Muitos artigos exortam o ânimo dos italianos do Brasil para que vejam na Itália um modelo de determinação, valor, princípios e força. É assim, por exemplo, que acontece, quando um punhado de soldados italianos, diante de uma ofensa dos austríacos "apertam os fuzis, cerram os dentes e com olhos cintilantes de audácia e de ódio olham para seu comandante como incitando-o a desfazer a ofensa". Os austríacos são em dobro, mas ao grito de "Savoia" os italianos atacam e, em pouco tempo, os braços vigorosos destes vencem o

arrogante inimigo (nº 5, 19/11/1917). Outro fato que demonstra a heroicidade exemplar é o do capitão Amério Emílio que, mesmo ferido permanece na linha de fogo, encorajando e incitando seus soldados. Quando é forçado a apartar-se deles para se curar, promete que dentro de um mês estará novamente entre eles. E exatamente um mês após está ele à frente da companhia regando com sangue o Trentino ainda entulhado de invasores. Noutra oportunidade, um coronel avisa que precisa de 100 soldados valentes para procederem a uma ação perigosa e se surpreende com um coro de três mil vozes ardorosas que respondem ao apelo gritando "Viva l'Italia".

O jornal dá notícia de um italiano, Eliseo Tonelli, que chegou a Florianópolis procedente da Itália para onde fora a fim de participar da Guerra. Perdeu os dois pés, mas voltou sereno porque cumpriu seu dever, diz o jornal. Depois conclui: "Ó Tonelli, tu viveste para um grande ideal, tu sofreste para uma grande Pátria, tu enobreces a todos... porque tu és um verdadeiro herói" (nº 1, 15/08/1917). Exemplo parecido é dado por Giuseppe Piccolo, que também residia no Brasil e deixou mulher e filhos para ir combater na Europa em defesa da Pátria. Ele foi ferido na tomada de Monte Santo e está se tratando no hospital militar de Milão. Seu desejo é ver-se logo curado para volta ao campo de batalha. "Bravo il nostro Piccolo!" exclama o articulista. Mais adiante, outra notícia diz que o valoroso soldado Piccolo já está curado e voltou para a fronteira. (nº 11, 19/11/1918).

Assim sucedem-se os atos heróicos "com moral sempre altíssimo", demonstrando às vezes até boa dose de humor como é demonstrado no epitáfio a um 305 que não explodiu:

"Sepolto in mezo a questo verdi zolle
 Un colpo da 305 giace
 Che per vergogna sua, scoppiar non volle.

Lascialo, o passagier, dormir in pace
 che certamente scopiarà di rabbia
 quando Guglielmo sarà chiuso in gabbia"²⁰ (nº 5).

Ou encontram-se títulos hilariantes que têm o objetivo de ridicularizar o inimigo, como "Il patriotismo nei piedi" (O patriotismo nos pés) que comenta um possível anúncio oficial publicado em Baden pedindo a toda a população que ande descalço, uma vez que é impossível fabricar calçados por causa da guerra. O artigo conclui: "Questo - dicono - è il dovere di tutti i tedeschi patrioti" (Este - dizem - é o dever de todos os alemães patriotas (11, 19/12/1918).

Os artigos de fundo são geralmente longos, não escapando à visão nacionalista dos fatos. A primeira edição faz uma retrospectiva geral da Guerra até a data de circulação do jornal. O artigo ocupa quase duas páginas. O número 12 (15/02/1918) num texto intitulado "I due doveri" (Os dois deveres) refere-se à participação do Brasil na Guerra.

Segundo o articulista, "o Brasil também deu-se completamente à causa da liberdade... Seus vinte milhões de habitantes podem dar certamente um milhão de mobilizados". O mesmo artigo faz um apelo aos italianos residentes no exterior para que não aguardem uma convocação individual, uma vez que todos,

²⁰ Sepultada no meio destas terras verdejantes / A explosão de um 305 jaz / Que para vergonha sua estourar não quis. / Deixa-o, ó passageiro, dormir em paz / que certamente arrebitará de raiva / Quando Guilherme estiver na prisão.

dos 18 aos 43 anos, são chamados. Suas famílias serão suficientemente socorridas. A viagem de ida e volta será paga pelo Governo Italiano. Quem não for, não poderá mais se valer da sua italianidade para fazer prevalecer a justiça, para impor respeito aos seus direitos e para poder gozar dos frutos de seu trabalho.

Os números 13 e 14 (19/03 e 15/03/1918, respectivamente) reproduzem "o vigoroso discurso do Presidente (do Conselho de Ministros) Orlando" sobre "a defesa do País contra os inimigos internos". É um longo e erudito discurso voltado quase todo contra os socialistas e suas idéias e pregações de paz que, para o momento, são comprometedoras. A proposta do Presidente do Conselho é resistir e agir porque "a ação salva e o raciocínio mata!". Outros artigos de fundo são, por exemplo, "A Constituição e a Morte de Garibaldi" (nº 20, 15/06/1918). O artigo se refere ao significativo avanço da Democracia ocorrido com a promulgação da Constituição pelo Rei do Piemonte Carlos Alberto, da casa Savoia (1848) ocorrida e celebrada dia 02 de junho. Faz um retrospecto dos inícios do movimento de independência com a declaração de guerra contra a Áustria, aproximando-a da ação de Garibaldi, na concretização definitiva deste objetivo. "Se a Constituição é a palavra do Rei - diz o articulista - Garibaldi é a voz do povo".

A edição nº 26, de 20 de setembro de 1918, comenta a entrada em Roma, no mesmo dia e mês, no ano de 1870, quando se consumava a Unificação Italiana. E diz textualmente que "os primeiros passos da Itália menina foram penosos e duros" e enumera: descrença do exterior; tropeços e lutas com os católicos fora e dentro da Itália; ameaças austríacas de um lado e

francesas do outro; lento desenvolvimento industrial e agrícola; lutas políticas intestinas, muitas vezes estêreis; pobreza, impostos exorbitantes para pagar débitos contraídos pelos ex-Estados em que estava dividida a Itália, para impedir a unificação. Mas com o tempo as coisas melhoraram, até que a Itália teve que entrar na Guerra. O artigo se conclui com um desejo do autor: que neste 20 de setembro se inicie o ano definitivo da vitória dos aliados. O autor dedica o segundo parágrafo deste artigo a considerar que o mundo católico pode pensar que a Itália seja um país opressor do catolicismo, mas que nunca o Papa foi tão livre para exercer seu ministério espiritual como agora.

O que interessa ao estado de Santa Catarina confunde-se com o que interessa às colônias existentes no Estado. A primeira edição solicita notícias breves das colônias. Apresenta um balancete dos recursos recebidos pelas obras de Assistência (Cruz Vermelha e Socorro aos Militares e às suas famílias) que é do interesse dos colonos que enviam seus donativos. Há recebimentos do vice-cônsul real, seguindo-se os dos representantes de Indaial, Laguna, Rio Maior, Jaraguá, Florianópolis e Urussanga.

O artigo "Le Colonie Patriottiche" (nº 5) recrimina severamente aqueles que, dizendo-se italianos, nada fazem por sua Pátria. Mas cita belos exemplos que vêm do sul e do norte do Estado. De Nova Veneza partiram os Gava (ex "carabinieri"), os Scussel (ferido, mas retornado ao fronte), os Lazzeris, os Panciera, os Toldo, os Nazzari, os Mandelli. E de Luiz Alves, os irmãos Brugnago, os Dalie Cort, os Deveglieri, além de outros de muitos lugares do Estado, "para dar amor e a vida se

for necessário pela Itália amada".

Nesta mesma edição encontra-se uma carta de Giacomo de Cesaro ao régio cônsul de Florianópolis, que é a página literária mais original deste jornal:

Azambuja, 7/10/1917.²¹

Ilmo. Sr. Cônsul

Tenho a honra de participar a S.S. Ilma. que no dia em que chegou aqui a notícia que os nossos irmãos, combatentes do fronte triestino, tinham tomado ao inimigo as posições mais importantes e que estavam perto da Capital, a colônia inteira exultou e, todos, indistintamente elevaram vivas à Itália, ao exército e à marinha.

Esperamos que não esteja distante a tomada de Trieste, e eu, se pudesse me encontrar entre os nossos e combater a seu lado contra os nossos eternos inimigos infames, ficaria muito contente: pena que minha idade não o permita.

21

Azambuja, 7/10/1917.

Ilmo. Signor Console

Ho l'onore di partecipare alla S.S. Illma. che il giorno che giunse qui (la) notizia che i nostri fratelli, combattente al fronte triestino, avevano preso al nemico le posizioni più importanti e che erano vicini alla capitale, la colonia tutta ne gioiì e, tutti, indistintamente elevarono evviva all'Italia, all'esercito, alla marina.

Speriamo che la presa di Trieste non sia lontana, ed io, se potessi trovarmi in mezzo ai nostri, e combattere a loro fianco contro l'infami nostri eterni nemici, sarei molto contento: peccato che l'età non me lo permetta.

Ansiosi, tutti, aspettiamo la lieta notizia della vittoria delle nostre armi abbattuto che avranno l'infame nemico, daranno libertà ai nostri fratelli irredenti ed arrecheranno al mondo intero quella pace che le nazioni civili desiderano, la pace madre del progresso e della civiltà, di fronte alla forza brutale, al selvaggio dominio, alla prepotenza dei maledetti imperi centrali.

Ansioso, todos, esperamos a benfazeja notícia da vitória das nossas armas as quais, assim que tiverem vencido o infame inimigo, libertarão os nossos irmãos irredentos e proporcionarão ao mundo inteiro aquela paz que as nações civilizadas desejam, a paz que é mãe do progresso e da civilização, de frente à força brutal, ao domínio selvagem, à prepotência dos malditos impérios centrais.

Queira receber benevolmente, Senhor cônsul, as manifestações do meu profundo respeito.

Devotíssimo servo

Giacomo di Cesaro.

Logo após a carta o jornal desfaz suspeitas e desconfianças havidas contra um certo senhor Antônio Farre, que abriu uma escola italiana no município de Orleans e manteve funcionando a de Rio das Furnas. Além disto o senhor Farre foi encarregado de visitar a escola de Barracão, de recolher donativos para a Cruz Vermelha e para o Socorro além dos abonos de assinaturas de Vita Coloniale. "O senhor Farre é um mestre bom e paciente e vive tranqüilamente em Orleans" diz o jornal.

O nº 11 (19/02/1918) traz a continuação de um suplemento iniciado no nº 10 (não encontrado) com os nomes e quantias correspondentes dos colaboradores das Instituições que o jornal coordena (Croce Rossa, Soccorso, Pro Profughi Veneti). As prestações de contas são mensais.

Voglia gradira, Signor Console, gli atti del mio profondo ossequio.

Devotíssimo servo
Giacomo de Cesaro.

A presença do cônsul italiano é constante no jornal e tem como objetivo geral manter vivo o amor e a dedicação à Pátria, e como objetivos específicos: 1º) incentivar a aquisição de títulos de renda pública (Préstito Nazionale Italiano - di guerra) e de fazer participar com doações da ação da Cruz Vermelha Italiana, do Socorro aos militares e às suas famílias e ajuda aos prófugos Vênetos; 2º) coordenar o serviço de alistamento e engajamento dos italianos em idade apta; 3º) coordenar as diretivas de funcionamento das escolas italianas.

O régio cônsul é o senhor Cav. Attilio Carnelutti, que assumiu suas funções em junho de 1917.

Quanto às escolas italianas, encontra-se na edição nº 12 (15/02/1918) o Decreto nº 1.063, de 08/11/1917, que regula-menta a Lei nº 1.187, de 05/10/1917 que estabelece diretrizes referentes ao ensino da língua vernácula nas escolas particulares estrangeiras. O Art. 1º do Decreto estabelece que "as escolas estrangeiras deverão incluir em seu programa o ensino das seguintes matérias, em língua vernácula: 1) Linguagem oral e escrita; 2) História do Brasil e Educação Cívica; 3) Geografia do Brasil; 4) Canto e Hinos Pátrios.

Noutra edição encontra-se uma circular do Cônsul avisando da necessidade de se cumprir o Decreto Governamental. (Esta determinação faz lembrar a visão do Cônsul Gherardo Pio di Savoia que, em 1901, conforme registra o jornal "La Patria", já recomendava o ensino da Língua Portuguesa, necessário, segundo ele, para a integração dos colonos italianos ao novo meio - nº 50, 11/05/1902). Na mesma edição de "Vita Coloniale", uma disposição retifica uma anterior e avisa pais e professores que crianças não matriculadas pelos pais deverão ser matriculadas

compulsoriamente pelo professor, correndo uma multa para os pais de 5\$000 e 20\$000 réis. Importante é notar que a introdução do artigo faz menção ao jornal "La Nuova Urussanga", dizendo textualmente: "Riportiamo, a riguardo dell'apertura delle scuole, il seguente annunzio pubblicato dal giornale "La Nuova Urussanga" (Trazemos, a respeito do início das aulas, o seguinte anúncio publicado no jornal "A Nova Urussanga"). É ignorado se se trata de um jornal em italiano ou em português, cujo título tenha sido vertido para o italiano pela Redação de Vita Coloniale.

Literariamente este "Vita Coloniale" não apresenta nenhuma originalidade criadora. Redige as notícias e comentários em italiano que pode ser classificado de erudito. Procura unificar os interesses e atenções em torno de um fator principal: a Grande Guerra da qual a Itália está participando. Da Guerra deve sair um valor: a vitória dos aliados e a conseqüente afirmação da Itália como grande nação unificada que reconquista todos os domínios da Língua Italiana e impõe o respeito à raça que a dominou durante muito tempo: a teutônica. Para conseguir este objetivo é necessário que todos os italianos dêem sua contribuição com braços ou com ouro. Para isto estão acionados os consulados e as associações (como a Fratellanza Italiana). No entanto, em determinados momentos, lança-se mão de páginas poéticas a fim de intensificar o Amor Pátrio, fazendo quiçá o coração vibrar com as pulsações de um poeta ou soldado como Gabriele D'Annunzio. Ao ver-se estas páginas será preciso lembrar o epitáfio a um 305 e, principalmente, a carta de Giacomo di Cesaro, que tem tanto de original quanto de despretencioso. Na edição nº 12 (15/02/1918) encontram-se as oito máximas de

Gabriele n'Annunzio ao soldado da Itália que trazem a marca do grande poeta e da tragicidade do momento impressa no refrão: "soldato d'Italia qui si vince e si muore" (soldado da Itália, aqui se vence e se morre) ou na frase: "soldato d'Italia spegni col tuo fucile il canto insolente del nemico" (soldado da Itália, apaga com teu fuzil o canto insolente do inimigo). E no nº 19 (19/06/1918) "Il Nuovo Pater Noster" (O Novo Pai Nosso) do mesmo autor faz lembrar o Hino de Garibaldi: "Todos os homens livres mortos que estais na terra e no céu, santificados sejam os vossos nomes, venha ao Reino o vosso espírito, seja feita na terra a vossa vontade. Dai, por nossa fé, o pão de cada dia, mantende em nossos corações o ódio santo, assim como nós jamais renegaremos vosso amor, afastai de nós toda tentação ignominiosa, livrando-nos de toda dúvida covarde. Se for necessário nós combateremos até a última molécula das nossas cinzas, se for necessário nós combateremos até que o Deus da Justiça venha julgar os vivos e os mortos. Amém"²².

Aliás, entre os dois momentos, o das guerras de Independência e Unificação nas quais brilhou o espírito guerreiro de Giuseppe Garibaldi, e o da Primeira Guerra Mundial, quando brilhou o espírito sensível de D'Annunzio, havia algo em comum pois foi após a Guerra que a Itália conseguiu anexar os chamados Estados Irredentos. E não teve que libertar-se mais uma

²²"Tutti gli uomini liberi morti che siete in terra e in cielo, santificati siano i nomi vostri venga nel Regno il vostro spirito, sia fatta in terra la vostra volontà. Date per la nostra Fede il pane quotidiano, mantenete nei nostri cuori l'odio santo, così come noi mai rinnegheremo il vostro amore, allontanate da noi ogni infame tentazione, liberandoci da ogni dubbio codardo. Se sarà necessario noi combatteremo sino alla ultima molecola delle nostre ceneri, se sarà necessario noi combatteremo sino a che il Dio della Giustizia venga a giudicare i vivi ed i morti. Amen."

vez do jugo alemão? Prova disto é o poema²³ que "Vita Colonialle" publica em sua edição nº 12, de autoria indicada apenas com o nome (pseudônimo?) EGO.

Dentro do mesmo espírito nacionalista alinham-se mais dois poemas de autor não dado pelo jornal. O primeiro exalta a bandeira italiana, sua forma e suas cores. Encontra-se no nº 19 (19/06/1918) e se intitula "Tricolore"²⁴.

23

L'INNO DEI VENDICATORI

Su fratelli, su soldati! / Su venite in fitta schiera / La fatidica bandiera / Non vogliamo ripiegare! / Nel tedesco, austriaco insulto / Ci stringiamo in nuovo patto; / È l'italico riscatto / Che nessun vorrà tradir. / La risaia e la miniera / La campagna e le officine / Sariam preda alle rapine / Del teutonico invasor. / L'invasor che sconfigemmo / Sul'Isonzo in cent'impreses, / Non calpesti il bel paese / Che i nostr'avi ci affidari / Se la patria non è frode, / O l'Italia un ironia / Se il pugnar non fu follia / Per la santa libertà. / Sia nel nostro cuore ardente / Per la patria un sol pensiero / Fuori! Fuori lo straniero, / Che il bel suol contaminò! / I confini scelerati / Ha varcato lo straniero; / E il nemico, per davvero, Non è lunge, ma stà qui. / Ributtarlo è dover nostro! / Ributtarlo è nostro drito! / Siamo uniti, ed ei sconfitto, / Dall'Italia fugirà.

Ego

HINO DOS VINGADORES

Erguei-vos irmãos, erguei-vos soldados! / Vinde em cerradas fileiras / A fatidica bandeira / Não queiramos recuar. / - No alemão, austriaco insulto / Estreitamo-nos num novo pacto; / É o itálico resgate / Que ninguém quererá trair. / - O arrozal e a mina / O campo e a oficina / Seriam presa da rapina / Do teutônico invasor. / - O invasor que derrotamos / No Insonzo em cem empresas / Não insulte o belo país / Que nossos avós nos confiaram. / - Se a pátria não é engano / Ou a Itália uma ironia / Se o lutar não é loucura / Pela santa liberdade / - Esteja em nosso coração ardente / Pela pátria um só pensamento / Fora, fora o estrangeiro / Que o belo solo contaminou. / - Os celerados confins / O estrangeiro transpôs / E o inimigo, na verdade / Não está longe, está entre nós. / - Rechaçar-lo é dever nosso! / Rechaçar-lo é nosso direito! / Sejamos unidos, e por desconfiança / Da Itália fugirá.

24

TRICOLORE

O colombella vestita di bianco / Su la finestra mia de! ferma il volo! / Il Triestino, o mia carina, è stanco/D'ancor vederti in un colore solo. / Vieni c'hio ti pinga in rosso il petto e il fianco / E in verde la testina... Or mi consolo / E tu

O segundo poema é "La Camicia Rossa"²⁵, que se encontra na edição nº 20 (15/06/1918) e invoca o espírito de Giuseppe Garibaldi para animar os soldados italianos.

dispiega il vol spedito e franco: / Sappia Trieste ch'è finito il duolo. / Se tu lo porti bianco, il verde, il rosso / Ben sei la gioia de la vostra terra, / Simboli di pace dopo l'aspra guerra. / Di straniero potere il giogo scosso. / In dolce riso ogni lutto si sperde... / O benedetto il bianco, il rosso, il verde!

TRICOLORE

Ô pombinha vestida de branco / À minha janela, oh! retém teu vôo! / O Triestino, querida, está cansado / De ainda te ver numa só cor / - Vem para que eu tinja de vermelho teu peito e teu flanco / De verde a cabeça... então me consolo / E tu desprende o vôo despachado e franco: / Saiba o Trieste que o dolo acabou. / - Se tu levas o branco, o verde, o vermelho / Bem serás a alegria da vossa terra, / Símbolo de paz após a áspera guerra. / - Do estrangeiro poder o jugo sacudido / Em doce riso cada luto se transforma / Ô bendito o branco, o vermelho e o verde.

25

LA CAMICIA ROSSA

I

Garibaldi diceva ai suoi guerrieri: / - Figli, con me si mangia e dorme poco, / Chi a casa nostra non vol piû stranieri, / Non deve mai trovar posa ne loco, / E per valli e per monti, i mesi interi, / Sempre al sole, alla neve, all'acqua, al foco / Con me chi vol portare veste d'onore, / Se la deve acquistar col suo valore, / Una camicia bianca avete indosso, / Col vostro sangue tingetela in rosso.

II

S'era perduta nel mare la conchiglia / Che tingeva la porpora ai tiranni: / S'e perduta, e mai piû non si ripiglia, / Ne si rifà con l'oro e con gl'inganni; / Ma la santa camicia ognor vermiglia / Sarà veduta e passeran mill'anni / Finchè di patria durerà l'amore, / Si troverà per tingerla il colore: / Finchè di patria durerà l'affetto, / Per tingerla c'è sangue in ogni peto!

A CAMISA VERMELHA

I

Garibaldi dizia aos seus guerreiros: / - Filhos, comigo se come e se dorme pouco, / Quem, em nossa casa, não quer mais estrangeiros, / Não deve nunca encontrar pousada nem lugar, / E por vales e montes, meses inteiros, / Sempre ao sol, à neve, à água, ao fogo / Comigo quem quiser levar vestes de honra, / Deve conquistá-las com seu próprio valor, / Tendes uma camisa branca vestida, / Com vosso sangue tingi-a de vermelho.

Outro poema ainda reflete uma das campanhas encetadas pelo jornal que era a de recolher fundos para a Cruz Vermelha Italiana. Enquanto os soldados defendem a Pátria e caem feridos, a Cruz Vermelha socorre os feridos e os que não vão à guerra formam o exército daqueles que, com seus ôbulos, acrescentam uma gota de bálsamo na tentativa de aliviar a dor de quem combate e morre. O poema é de Fanny R. e tem por título "Croce Rossa"²⁶.

II

Estava perdida no mar a concha / Que tingia a púrpura dos tiranos : / Perdeu-se e nunca mais será reconquistada, / Nem se refaz com ouro ou com enganos / Mas a santa camisa sempre vermelha / Será vista e passarão mil anos / Enquanto da pátria durar o amor, / Se encontrará, para tingi-la a cor: / Enquanto da pátria durar o afeto / Para tingi-la há sangue em cada peito.

26

CROCE ROSSA

Via con orrendo sibilo / fischian le palle, seminando morte: / ma sempre avanza indomito / verso la meta della gloria, il forte. / Di Savoia il fatidico / grido risuona pel deserto piano; / le schiere avverse ondeggiano, / volge in fuga il nemico, é già lontano. / Nell'urlo di vittoria / sventola al sole superbo, il tricolore; / lieti i soldati tornano / accesi ancora di guerresco ardore, / Ma là, sul campo, giacciono / i feriti, i languenti, e il lor lamento / va tristemente a mescersi / delle esultanti musiche al concerto, / Chi in lor soccorso affretasi? / chi li raccoglie con pietosa cura? / chi li trasporta rapido / al fido tetto alla tenda sicura? / Eccoli i santi militi, / segnati al braccio dalla rossa croce / ad allevar solleciti / il mal che opporta la pugna feroce, / Oh, nella santa impresa nessun ricusi d'aiutar quei buoni! / offriamo tutti un obulo, / in lor lode per tutti un'inno suoni... / E perfino noi piccoli / diamo il tributo d'un sincero amore... / É una goccia di balsamo / offerta a chi per noi combatte e muore.

CRUZ VERMELHA

Saindo com horrendo sibilo / assoviam as balas, semeando morte: / mas sempre avança indomito / na direção da meta gloriosa o forte. / - De Savôia o fatídico / grito ressoa pelo deserto plano; / ondeiam fileiras adversas, / toma a fuga o inimigo e já vai longe. / - No grito de vitória / tremula ao sol, soberba a tricolor; / jubilosos os soldados retornam / animados ainda de guerreiro ardor. / - Mas lá, no campo, jazem / os feridos, os desfalecidos, e seu lamento / vai tris-

Finalmente o poema "Rinascendo"²⁷ publicado na edição nº 23 (19/08/1918) é uma exclamação ao grande momento em que a Pátria começa a vibrar pela consumação de uma Esperança, mas que ainda exige a morte de muitos de seus filhos. Mais uma vez ela chama os próprios mortos, principalmente num momento em que aos mortos da guerra somam-se os do pirôscapo "Generale Salsa" naufraga no dia 07/07/1918 na costa catarinense, quando

temente se mesclar / de exultantes músicas ao concreto. / - Quem em seu socorro se apressa? / Quem os recolhe com piedoso cuidado? / Quem os transporta rapidamente / Ao leal teto, à tenda segura? / - Eis os santos militantes, / assinalados no braço com a cruz vermelha / a aliviar solícitos / o mal causado pela luta feroz. / - Oh! na santa empresa / Ninguém recuse de ajudar aqueles abnegados! / Ofereçamos todos um ôbulo, / em seu louvor por todos ecos um hino... / - E até nós pequenos / demos o tributo de um sincero amor... / É uma gota de bálsamo / Oferecida a quem por nós combate e morre.

27

RINASCENDO

Grande ora di fede, / ora suprema, questa, / che nutre il germe d'una vita nuova, / Oh guai a chi s'arresta, / a chi vacilla o cede / o a in scoltar s'indugia le nefande / lusinghe dei mercanti! / É l'ora, questa, della ferrea prova. / Avante, o popolo d'Italia, avanti: / come l'ora anche l'anima sia grande! / Avanti avanti! Prega / di sangue é la tua strada, / ma lucente: ma sale dritta e pura, / dritta come una spada, / pure come un'insegna. / Oh non tremar anche se la sventura / oggi ti passa accanto, / oggi ti spezza il cuore / e vi ritrova un mai trovato pianto! / La forza nasce là dove é il dolore. / Ormai solia una voce, / grave alta crescente, / giunge, fra tutte... e per quasi una squilla / un rintocco dolente. / Pallida in volto, gli occhi fisi assorti / nell'olocausto immane, / é la Patria che chiama i propri morti / e su la loro croce / giura il sangue di dar che le rimane, tutto, tutto fino a l'ultima stilla. / O madre benedetta, / no, no nondisperare! / Pur se il tua crucio é grande... ed io lo sento / che non ti se lasciare... / leva la fronte e guarda ben lontano... / Torna già il sole là, sopra la vetta, / che vide l'uragano, / come in un sogno immondo... / Guarda..., e sia pace, o Madre il tua tormento: / i figli tuoi lassù salvano il mondo!

Guido Fanna.

RENASCENDO

Grande hora de fê, / hora suprema esta, / que nutre o germe duma vida nova, / Oh! ai de quem se detiver, / de quem vacila e cede / ou se se induzir a escutar as nefandas / lisonjas dos mercantes! / Esta é a hora da férrea prova. / Avante, ó povo da Itália, avante: / Como a hora, também a alma seja grande! / - Avante, avante! Cheia / de sangue está tua estrada, /

pereceram 24 marinheiros italianos, salvando-se apenas 15. O navio bateu numa pedra, num dia chuvoso e de neblina, e em 5 minutos afundou. A edição nº 22 de Vita Coloniale noticia e descreve o sinistro (15/07/1918) a partir da narrativa do 2º comandante, que se salvou. Dos que pereceram, alguns corpos foram encontrados na praia dos Ingleses.

Não se tem elementos para descobrir se alguma destas páginas teria sido escrita em Santa Catarina. No entanto circularam em "Vita Coloniale", incentivando aqui muitos italianos a participarem, alguns diretamente indo à Guerra, outros com seus donativos (estes em maior número) em prol das instituições de auxílio e socorro. "Vita Coloniale" também procurou unir os italianos de Santa Catarina pelos sentimentos de patriotismo e nacionalismo, num momento particularmente crucial que foi o da Primeira Guerra Mundial. Fes despertar com maior vigor o sentimento de solidariedade do imigrante para com os compatriotas que lutavam na Europa. Traz alguns reflexos do primeiro momento de nacionalização, o que ocorreu principalmente no campo da instrução. (Como exemplo mais palpitante pode-se citar a publicação do Decreto nº 1.063, de 08/11/1917 que regulamenta o ensino da língua vernácula nas escolas estran-

mas brilhante: surge direita e pura, / direita como uma espada, / ou como uma insígnia. / Oh! não tremas também se a desventura / hoje passa por ti, / hoje te amassa o coração / e faz surgir um recôndito pranto! / A força nasce onde existe a dor. / - Já uma voz solitária, / grave, alta, crescente, / alcança, entre todas... e como se fosse de um sino / um dobrar dolente / O vulto pálido, os olhos fixos, absortos / no holocausto cruel, / é a pátria que chama os próprios mortos / E na sua cruz / jura dar o sangue que ainda resta, / todo, todo, até a última gota. / - Ó mãe bendita, / não, não desesperes! / Embora o teu desgosto seja grande... e eu o sinto / que não sabe te deixar... / Ergue a fronte e olha bem longe... / Retorna já o sol sobre o cume, / que viu o tufão, / como num sonho imundo... / Olha..., e seja paz, ó mãe, o teu tormento: / Teus filhos lá em cima salvam o mundo!

geiras.) Enfim, "Vita Coloniale" revela facetas importantes do italiano, podendo-se citar, embora já se torne repetitivo, o amor à terra de origem e à liberdade, a solidariedade e o ódio (santo) contra aqueles que o impedem de viver esta liberdade e de se organizar como grande nação. Mas há também o outro lado da medalha: enquanto os intelectuais incentivam à participação e à abnegação e até ao heroísmo, vê-se, por diversos artigos que reclamam pela falta de atendimento ao apelo feito, que já passou a época do sentimento romântico da guerra. É que o imigrante (não intelectual) como já foi visto, havia fugido das revoluções e guerras constantes que o prejudicavam e dizimavam. E uma vez num lugar seguro, com terra que lhe garantia a subsistência e, a estas alturas, lhe proporcionava lucros, para que retornar à situação anterior? Esta revelação contida em "Vita Coloniale", ainda que por vias de conclusão, é concretizada no conto "La Guerra" onde a personagem de nome Quintílio afirmava que gostaria de ir à guerra, mas quando se encontra numa situação real, conscientizado do perigo em que incorre, assume uma atitude oposta e foge degradando-se cada vez mais até chegar à humilhação total.

Uma vez citado o caso concreto do conto, fica comprovado que "Vita Coloniale" traz elementos preciosos para o cumprimento dos objetivos estabelecidos para este estudo: subsidiar a criação literária. Assim foi encarada a sua leitura. Felizmente correspondeu à expectativa.

A coleção pesquisada encontra-se na Biblioteca Pública do Estado, onde também pode ser encontrado o "La Tribuna", não menos importante e rico de elementos que poderão contribuir para o conhecimento dos valores e interesses da camada mais in-

telectualizada do imigrante italiano deste Estado, na década de 1930.

2.1.6. La Tribuna

O primeiro número deste jornal aparece a 1º de fevereiro de 1932. Logo após o título declara que se trata de um órgão independente. Mantém-se através de comerciais e assinaturas. Seu primeiro diretor é o Professor Arnaldo Suarez Cuneo e o redator-chefe é o senhor Biagio D'Alascio. A partir do número 9, Biagio passa a ser diretor, uma vez que o Prof. Cuneo se afastou por motivos particulares. Sediava-se à Rua Marechal Guilherme, nº 9, edifício da "Società Fratellanza Italiana", Florianópolis. A assinatura anual custava 10\$000 (dez mil réis); a semestral 7\$000 réis, e o número avulso \$200 réis (duzentos réis). A coleção que se encontra na Biblioteca Pública do Estado possui até o nº 16-17, que circulou a 15 de setembro de 1932. Suas dimensões são de 47 x 33 cm. As edições saíram com 8 páginas (a 1ª), 6 (a 2ª) e 4 (as demais). Do terceiro número em diante LA TRIBUNA circula semanalmente, enquanto os dois primeiros números tiveram intervalos maiores. É escrito em italiano gramatical, exceção feita de alguns anúncios e de um artigo de José Boiteux em português (outros dois artigos deste autor estão escritos em italiano. Além de José Boiteux e Biagio D'Alascio encontram-se escritos de Gabriele D'Annunzio, Luigi Barzini, José de Diniz e Enzo Brajone. Do edital da primeira edição pode-se extrair o programa do jornal, que se resume nos seguintes objetivos: 1º) Defender os interesses das colônias, contribuindo para o desenvolvimento das suas possibili-

dades; 2º) Contribuir na propagação das indústrias, do comércio, da agricultura e dos outros ramos de atividades exercidas pelos 70.000 italianos espalhados pelo Estado; 3º) Manter acesa a italianidade e a consciência dos direitos sagrados defendidos tenazmente pelo Homem²⁸ que dirige os destinos da Itália; 4º) Levar a todos a voz da Mãe-Pátria, porque "já vai longe o tempo em que os governos não se interessavam pela sorte dos trabalhadores que procuravam no exterior um remédio contra o crescente desemprego"; 5º) Estreitar os laços de amizade entre o Brasil e a Itália.

O primeiro e o segundo objetivos prometem defender os interesses das colônias italianas do estado de Santa Catarina. Na verdade, poucas vezes o jornal se refere especificamente às colônias do interior do Estado, talvez por falta de correspondentes nas mesmas. José Boiteux escreveu dois artigos em italiano sobre o núcleo colonial Nova Itália fundado por iniciativa particular de Carlo Demaria e de Henrique Schutel. Outro pequeno artigo (nº 3, 06/03/1932) trata das dificuldades das colônias do sul do Estado que, por falta de meios de comunicação deverão ter sua produção reduzida. Cita os núcleos de Palermo, Nova Treviso, Nova Veneza, Nova Belluno que, ficando longe de estações ferroviárias, não dispõem de boas estradas para escoar seus produtos. A mesma edição divulga a comissão que foi constituída para a construção do hospital de Nova Veneza, elencando donativos recebidos, o que ocorre também em outras edições. É do interesse destas colônias, caracterizadas pela atividade agrícola, o anúncio de Inspetoria Federal sobre o Concurso de Cereais, mas este se estende a todos os agricul-

²⁸"Uomo" - refere-se a Mussolini.

tores.

Sobre a colônia italiana de Florianópolis, logicamente, as notícias são bem mais freqüentes destacando-se aquelas que dizem respeito ao próprio jornal ou à Sociedade Fratellanza Italiana, fundada (significativamente) a 20 de setembro do ano de 1891, com suas festas sociais, seu grupo musical, suas comemorações patrióticas como as do cinquentenário da morte de Garibaldi e outras. A "Società di Mutuo Soccorso Fratellanza Italiana" nasceu do sentimento filial de amor à pátria de seus 71 sócios fundadores que estabeleceram os seguintes objetivos (Estatuto de 1892): assistência médico-farmacêutica em caso de doença e outros infortúnios, além de um subsídio diário em caso de desemprego aos sócios necessitados deste auxílio... Assistência à velhice. Em caso de morte de um sócio, a Sociedade usaria do fundo de caixa para as despesas de funerais e assistência à família. Estes eram os pontos fundamentais e imediatos, além do fortalecimento da união e fraternidade entre italianos e brasileiros. Como objetivos futuros ficaram estabelecidos a instrução e a construção de um hospital para atender as necessidades dos italianos do Estado.

Após as primeiras dificuldades a Fratellanza conseguiu construir sede própria. Seguindo o lema "Lottare e Vincere" "chegou a ser estrela de primeira grandeza" entre as associações de italianos no exterior (nº 15, 15/08/1932).

Sobre o próprio jornal destaca-se uma polêmica havida entre o diretor Biagio D'Alascio e o vice-cônsul italiano em Florianópolis. Parece que a centelha dos desentendimentos tenha sido mesmo o surgimento do jornal. Existiam planos para que um jornal italiano de Curitiba servisse também Santa Cata-

rina. La Tribuna veio à luz assim mesmo. Os desentendimentos aí nascidos, mais tarde orientaram-se para outro alvo: a dissolução do "Fascio Italiano di Florianópolis", apoiado pela Fraternanza, com seu patrimônio recebendo o destino determinado pelo vice-cônsul Giacomo Ungarelli, contra o beneplácito dos "fascistas" de Florianópolis. Nas últimas edições são publicados longos artigos contra a atitude do vice-cônsul e alguns reflexos saem no "Italico" do Rio de Janeiro, também contestado por "La Tribuna". Mas este dedicou-se muito mais a manter acesa a chama de italianidade naqueles que deixaram a Mãe-Pátria para procurarem melhores oportunidades em Santa Catarina. Para a Redação, este facho se manterá aceso pela divulgação de tudo o que diz respeito à Itália - o que é divulgado nos jornais de lá, o que dizem e fazem suas altas personalidades, principalmente o Duce" e o Rei. Não é por nada que na primeira página da primeira edição, aparece estampada a figura do Rei Vítor Emanuel III, "il Re soldato" (o Rei soldado) acompanhado de um artigo que, a partir do livro "Giornate di Guerra del Re Soldato" (Jornadas de Guerra do Rei Soldado) de Vittorio Solaro del Borgo, descreve a simplicidade e a presença do Rei em todas as frentes durante a Primeira Grande Guerra. Também não é por acaso que na primeira página da segunda edição (15/02/1932) se encontra a figura de Benito Mussolini. O artigo que se segue reporta-se ao significado do dia 11 de fevereiro para os católicos e para os italianos: dia da assinatura do Tratado de Latrão, cujos autores são o "santo" Pio XI, o "prudente" Vítor Emanuel III e o "vigoroso" Benito Mussolini. Este estará sempre no vértice das idéias e fatos que devem lembrar aos italianos daqui o valor da Pátria que os viu nascer. Para re-

sumir a admiração que estes italianos votam ao líder, basta traduzir um panegírico de José de Diniz da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico, pelo qual tenta comunicar os sentimentos daqueles, votados ao grande reformador:

"MUSSOLINI

Existem homens que atraem a admiração do mundo. Seus nomes são bandeiras.

Napoleão e César vivem em mim, vivem na minha admiração. Quase os venero. Conheço-os desde os doze anos. Tenho-os na retina: inapagáveis, fulgentes, apoteóticos, epopéicos. São os reflexos da alma. É a voz do coração.

Erijo altares aos heróis. A luz votiva é eterna: ilumina sempre.

Hoje Mussolini! Sim, Mussolini!

É a Itália épica, cuja grandeza atrai, maravilhosa, nascida de sua própria glória.

Mussolini é o homem-século! O homem-pátria!

Ao redor de seu nome vigiam os incensadores e os corifeus da inveja.

É o incenso e o veneno.

Mussolini trabalha e edifica. Sua vida prescinde de adulações. O barro não o mancha, não o atinge, fica nos sapatos.

"HOMO NON SIBI SOLI NATUS, SED PATRIAE"

("Homem que não nasceu só para si, mas para a pátria").

Assim o grande italiano. Ele vive para a sua pátria. Se sacrifica, com risco da própria vida. E se fosse necessário, oferecê-la-ia em holocausto pela liberdade da Itália.

Mussolini - Itália! Itália - Mussolini!

Admiro o maior dos reformadores, olhando encantado, através do esplendor de sua obra, o orgulho da terra e do povo italiano.

Como brasileiro que ama patrioticamente o Brasil, exclamo saudando o grande latino: Ave, Mussolini!"

O texto parece resumir o que a Redação quer transmitir com tantos outros publicados em Roma, Milão ou outras cidades, transcritos aqui; ou com notícias como a visita do "Duce" ao Papa, amplamente descrita (nº 4, 13/03/1932) ou até com a publicação da mensagem de Mussolini aos "camisas negras" por ocasião da passagem do 13º aniversário de fundação do Fascismo ("Fasci de Combattimento"), fundado a 23/03/1919.

O culto à Pátria se concretiza no culto às pessoas que a fazem, que a dirigem e a engrandecem. Esta veneração espargese sobre personalidades como as já citadas, ou como Marconi, Pio XI, ou ainda Giuseppe e Anita Garibaldi. É sobre esta que José Boiteux escreve um artigo (nº 1, 1º/02/1932), referindo, como ponto de partida para os dados que registra, a próxima inauguração de uma estátua da legendária catarinense, numa das sete colinas de Roma.

Giuseppe Garibaldi é outro grande herói. Pela passagem de sua morte, "La Tribuna" dedica a edição nº 10 (02/06/1932). Primeiro Biagio D'Alascio faz a biografia: nascimento a 4 de julho de 1807; grande amor pelo mar e pela pátria que deseja ver livre e unida; ingresso na "Giovane Itália" de Mazzini; tentativa de marcha sobre Turim e condenação por Carlos Alberto; exílio no Brasil; encontro com Anita Ribeiro; campanha do Uruguai; constituição da "Legião Italiana" que pela primeira

vez veste a legendária "Camisa Vermelha". Os acontecimentos de 1848 atraíram-no de volta para seu país para onde foi com 70 legendários e a mulher. Em Turin oferece a espada ao Rei. Chegou a ser nomeado Ministro da Guerra. Lutou ferozmente contra os austríacos. Organizou a famosa expedição dos Mil, lutando e vencendo na Sicília. Depois entrou em Nápoles. Declarou-se ditador da Itália Meridional, mas depois a ofereceu ao Rei Vítor Emanuel II. Elegeu-se deputado. Viveu os últimos anos em Capera, dedicando-se à agricultura. Faleceu a dois de junho de 1882.

Aproveitando a passagem do Cinquentenário de Morte do grande guerreiro, Mussolini inaugura em Roma a "Mostra Garibaldina" com manequins vestindo a camisa vermelha; com obras de muitos artistas que dedicaram seus talentos a reproduzir os feitos do libertador; com bandeiras usadas nas campanhas; com objetos de uso pessoal, documentos etc. A descrição da Mostra é de Enzo Brajone, que vem indicado como Correspondente particular de "La Tribuna".

A seção de documentação desperta a atenção dos estudiosos, diz Brajone, desde as Memórias Autobiográficas à carta que demonstra a vontade de entrar na Sicília, ao mesmo tempo que revela sua devoção ao Rei Vítor Emanuel II: "Direis a Sua Majestade que não se incomode comigo, pois serei amigo dele a vida inteira. Se eu tivesse participado a ele o meu projeto ele não teria permitido que o pusesse em prática, por isso achei melhor calar. Eu era contrário ao movimento da Sicília, mas estando com aqueles bravos italianos, achei por bem ajudá-los. De qualquer modo assegurai a Sua Majestade que a honra da Itália ficará ilesa... Vosso Giuseppe Garibaldi". A carta

foi escrita ao Barão Tecchi o dia antes da partida.

Estavam também expostos diversos decretos de Garibaldi, Ditador da Itália Meridional, inclusive o decreto de 14/09/1860 que promulga a Constituição do Reino da Itália, no qual Garibaldi substitui de próprio punho a expressão: "Questi continentali domini delle dua Sicilie" (Estes continentais domínios das duas Sicílias), por: "Questa Itália Meridionale" (Esta Itália Meridional).

A narrativa termina com Anita: Garibaldi conheceu Anita quando tirava água de uma fonte junto à qual (ele) queria matar a sede, e foi atraído pelo nobilíssimo olhar, pelo fascínio e altivez da jovem loura que de súbito lhe ofereceu a vasilha cheia. Por um amor também divino, renovava-se nos séculos o mito de Madalena de Mágdala". Daí para frente o guerreiro não sentiu mais tanto o peso das fadigas como quando escreveu: "Em vão procurei um vulto italiano; mortos todos; parecia que eu estava sozinho no mundo. Eu vagava e me parecia pesada aquela existência salva com tanta fadiga". Depois do encontro escreve: "Eu andava a cavalo com a mulher do meu coração. E que me importava não ter outra roupa além daquela que cobria o meu corpo e servir a uma pobre República que não pode dar um soldo a ninguém?..."

"La Tribuna" oferece oportunidade de estudo de aspectos literários em língua italiana em Santa Catarina, principalmente por se tratar de uma linguagem correta e elevada; os textos são longos e podem ser classificados como crônicas ou reportagens nas quais tem participação a subjetividade dos autores. Assim acontece com o texto já transcrito de José de Diniz; com "O Rei Soldado" ou com "Tutta L'Italia stretta intorno al Du-

ce" ("Toda a Itália solidária com o Duque", nº 01, 19/02/1932); com "Passeiate Napolitane" ("Passeios Napolitanos", nº 2, 15/02/1932) de correspondente especial; ou de "Terra Natia" ("Terra Natal", nº 16-17, 15/09/1932) de Pecoraio, cuja introdução merece ser transcrita para registro de uma metáfora que denota grande sensibilidade artística. Mas antes é preciso ainda dizer que Anita Garibaldi é a figura que excita a verve das almas sensíveis que deixaram a terra de Dante e de Manzoni para morar nas terras virgens de Santa Catarina. "La Tribuna" não registrou o autor da crônica que se intitula "A Sublime morte de Anita Ribeiro Garibaldi - A Heroína Catarinense" (nº 10, 02/06/1932). O texto é longo, por isto fica aqui registrado apenas o seu final: "... Garibaldi desceu dos braços Anita para descansar um pouco, mas a mulher, postos os pés no chão, caiu pesadamente como coisa morta. Ao momento de angústia seguiu-se um breve silêncio, no qual se ouviram alguns rumores nos arbustos longínquos.

Ei-los!... Garibaldi pôs-se rapidamente em pé e novamente tomando Anita nos braços exclamou: É a desgraça! - e retomou a fuga.

.

Naquele trágico silêncio Anita abriu os olhos, girou-os deixando ver o branco da córnea, ergueu o braço direito como se pretendesse acariciar o rosto do herói, disse três nomes: Peppino, Menotti, Ricciotti, e espirou".

Finalmente o texto de Pecoraio, publicado na edição que recebeu os números 16-17 (15/09/1932) serve, por seu belo significado, de conclusão para tudo o que foi escrito em língua

italiana nos jornais de Santa Catarina, a começar por "O'Ope-raio", passando por "La Patria", "L'Amico", "Vita Coloniale" até chegar neste "La Tribuna". Será a conclusão desta viagem pelo papel dos jornais, mas, na verdade, é o começo de uma nova realidade para milhares de imigrantes. Assim diz o texto:

"Existem pássaros que, aproximando-se a estação inclemente, emigram, com vôos longos e difíceis, de sua terra natal, para lugares mais propícios à vida. Voam na direção do sol, à procura de melhores condições.

Muitas destas pobres criaturas aladas sucumbem ao esforço, e, vítimas anônimas de um grande desejo caem pelo caminho que outros percorrem e percorrerão vitoriosos.

Em terras distantes os pequenos mas corajosos emigrados, com árduo trabalho, constroem seu ninho: sob a "grandaia", no bosque, sobre uma árvore, não importa aonde. A natureza generosamente concede tudo: o sol e o alimento; a água e a terra. E reconhecidos os degredados voluntários cantam a alegria que os invade nas auroras e nos ocasos dourados.

Assim como a andorinha e outros pássaros, muitos homens oprimidos pelas privações, atraídos pela miragem da distância, separando-se das coisas que fizeram parte integrante da sua vida, lançaram-se rumo a terras distantes e desconhecidas..."

Pecoraio prossegue dizendo que o imigrante deixa atrás de si um rastro de lágrimas, porém com sua extraordinária capacidade de adaptação pode fixar-se e prosperar em outras partes do mundo. Na nova pátria o imigrante vai formar um núcleo de conacionais. Por que, pergunta ele, mesmo formando uma segunda pátria, o homem não consegue esquecer a pátria de ori-

gem? É que da Mãe-Pátria emanam as vozes que calam mais profundas no coração do homem, como a voz materna, cuja lembrança sempre o comove. E que majestosa sinfonia de outras recordações! O sino da matriz; o campo santo onde dormem entes queridos; a escola, o velho mestre, os colegas e os folguedos; um velho castelo; um campo de espigas douradas; a pequena fonte de águas cristalinas. "Tais e uma infinidade de outras recordações ficarão impressas em nosso cérebro - diz o autor - e circularão com o sangue de nossas veias até o último anseio de nossa vida. E é talvez por causa delas principalmente que a terra onde nascemos será sempre a mãe, embora se possa tornar cidadão de qualquer país, amando-o, respeitando-o e contribuindo para o seu progresso".

Por estes textos e pela autoria daqueles que deixaram impressos seus nomes, estilos e idéias, pode-se afirmar que "La Tribuna" é o jornal mais intelectual de quantos foram publicados em Língua Italiana em Santa Catarina. Fiel a seus objetivos, lança luzes sobre a comunidade italiana, principalmente de Florianópolis e sobre sua principal associação - a "Società Fratellanza Italiana". Através de suas páginas descobre-se quais são as personalidades da época que concentram maior admiração de seus compatriotas, despontando uma espécie de mito, o "Duce" (o jornal é de 1932) e quais as personalidades históricas que merecem maior veneração, sobressaindo Giuseppe e Anita Garibaldi.

As reportagens de "La Tribuna" encerram valores históricos e literários, uma vez que seus autores, além de registrar os fatos, derramaram seus sentimentos e impressões ao descrevê-los ou comentá-los. O material que este jornal encer-

ra tem grande importância como revelador dos interesses e motivações do imigrante italiano, principalmente do mais intelectualizado, a essa época.

"La Tribuna" veio à luz em 1932. Cronologicamente é o último jornal que possui os requisitos para uma abordagem neste trabalho. Será, portanto, necessário que agora o leitor retroceda novamente no tempo até chegar às últimas décadas do século XIX. Assim terá oportunidade de conhecer o primeiro livro escrito em língua italiana em Santa Catarina. Trata-se de "Notizie di Brusque e Nuova Trento..." de Dom Arcângelo Ganarini, um livro de cunho histórico que, como se pode ver pelo título, se refere às colônias do norte do Estado.

2.2. Livros de Cunho Histórico

2.2.1. Notizie di Brusque e Nuova Trento Ossia delle Colonie Itajahy e Principe Don Pedro Nella Provincia di S. Cattarina Impero del Brasile²⁹.

GANARINI, D. Arcangelo. 1.^a ed. Trento, Stab. Tip. G. B. Monauni, Ed. 1880. 100p.

O AUTOR - Dom Arcângelo Ganarini nasceu em Torcegno, Província de Trento, Itália. Partiu para o Brasil em 1877 (02 de fevereiro). Em primeiro de abril chegou em Brusque onde trabalhou até 1883, tendo também se estabelecido em Nova Trento, durante este período. De 1886 a 1900 foi vigário de Santo Amaro da Imperatriz, passando, a partir desse ano, a exercer suas atividades como capelão do Hospital de Caridade de Nossa Senhora do Desterro. A 19 de janeiro de 1909 é nomeado Vigário Geral Provisório da Diocese de Florianópolis, cargo que ocupou por um ano, quando pediu demissão para continuar como capelão do Hospital de Caridade. Exerceu diversos cargos na diocese inclusive como substituto do Bispo, quando este se ausentou em 1912. Neste mesmo ano é nomeado Canônico onorário da Catedral Metropolitana. Colaborou com o jornal "Voce Cattolica", da cidade de Trento (Italia), tendo sido um dos mais assíduos correspondentes das colônias italianas de Santa Catarina. Defendeu a idéia de que os italianos deviam procurar as colônias do sul do Brasil, principalmente Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Nestas o clima e a água são sadios e a terra con-

²⁹ Notícias de Brusque e Nova Trento, ou Seja Das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro na Província de Santa Catarina Império do Brasil.

diz com o que os colonos estão acostumados a plantar. O Padre Ganarini não é a favor da imigração a não ser quando, em caso extremo, não houver outra alternativa. O desenvolvimento material não satisfaz a todos e o abandono espiritual em que se encontram os imigrantes é muito grande. Mas, mesmo assim, não deixa de censurar largamente os colonos queixosos. Além de "Notizie di Brusque e Nuova Trento..." Dom Ganarini escreveu "Nuova Trento - Impressioni di Viaggio"³⁰, publicado pela Mo-nauni em 1901, que será enfocado mais adiante.

A OBRA - Esta obra de Dom Ganarini enfoca as colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro³¹, do norte do estado de Santa Catarina, e o distrito de Nova Trento³². Foi extraída do jornal "Voce Cattolica" para o qual D. Ganarini escrevia com o objetivo de informar seus compatriotas a respeito das condições e das aspirações dos colonos italianos, emigrados para o Brasil e assim desfazer distorções da propaganda de agentes de imigração de outros países concorrentes.

As impressões foram colhidas durante três anos. Dom Ganarini começa descrevendo as características geográficas das

³⁰ Nova Trento - Impressões de Viagens.

³¹ Não confundir a Colônia Itajaí com Itajaí, cidade da foz do rio que tem este mesmo nome, fundada em 1833. A Colônia Itajaí foi fundada em 1860, às margens do Itajaí mirim. Seu diretor, o Barão Maximiliano de Schneckburg queria dar-lhe o nome do presidente da província Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque (cujo avô era um nobre florentino - Nicola Bruschì - que foi morar em Portugal). O Presidente não consentiu, mas o nome "Brusque" passou a designar a sede da Colônia Itajaí. A Príncipe Dom Pedro (1866) foi localizada poucos quilômetros acima, na foz do ribeirão de Águas Claras. Devido a sérios problemas que levaram os colonos a abandoná-la, a mesma foi anexada a Brusque (1869).

³² Nova Trento era distrito de Tijucas desde 1884, mas como Colônia estava ligada a Brusque. Emancipou-se do regime colonial em 1891. Tornou-se Município em 1892.

colônias. Depois passa ao elemento humano. Até 1876 a Colônia Itajaí era habitada quase que exclusivamente por alemães de Baden e da Alemanha do norte, dedicados especialmente à criação de gado bovino. A Príncipe Dom Pedro foi formada por ingleses, diz o autor, que depois a abandonaram em massa. Mais tarde, vieram os alemães e brasileiros. Esta Colônia teve diversos problemas, inclusive com a administração, que às vezes não saía de mãos limpas" (p.6).

Excetuada a exportação de madeiras pelo rio, a produção destas colônias, no último quarteto de século XIX era de subsistência. As pessoas tinham aspecto muito pobre e doentio, ressaltados estes aspectos por efeito da alimentação (farinha de mandioca). Chamadas da Europa sem nenhum critério de seleção, motivaram-se pela esperança de melhores oportunidades. Ganarini atribui o grande afluxo ocorrido a partir de 1875, principalmente de italianos, ao fato de terem boas informações sobre a Colônia Brusque. Em três anos a Colônia atingiu 11.000 habitantes. Faltaram, porém as estruturas mínimas, inclusive lotes medidos em número suficiente para onde pudessem ser colocados os recém-chegados. Foram improvisados barracos para 50 a 60 famílias que neles ficaram pelo período de até dois anos, trazendo como consequência os descontentamentos, o ócio, os gastos supérfluos do dinheiro público que recebiam, além de acostumarem-se a não fazer nada.

Comparada esta situação a de cinco anos após, é possível notar-se como houve progresso: nas casas, nas igrejas, em outros setores, como correio, tiro de guerra, teatro, fábricas, comércio, estradas etc.

Com a redução das subvenções do Governo, deverá haver

também uma freada no ritmo de desenvolvimento. Mas existe a possibilidade de novos impulsos, como, por exemplo, pela extração do carvão mineral e pela construção de uma estrada-de-ferro.

Quando são distribuídos os lotes, caberão aos colonos italianos os terrenos montanhosos e mais afastados dos centros, uma vez que os alemães haviam chegado muito antes e ocupado os melhores e mais próximos. Por isso, muitos lombardos, principalmente, habituados ao cultivo do milho, trataram de mudar de lugar assim que notaram que os terrenos não eram aptos a esta cultura.

Continuando com sua descrição, Dom Ganarini se refere, ainda que brevemente aos quatro distritos da Colônia Itajaí-Príncipe Dom Pedro: Cedro Grande, Gaspar, Porto Franco e Nova Trento. Sobre este último dedica um capítulo inteiro. Ali foram estabelecidos os primeiros trentinos chegados em 1875, e nos anos sucessivos, muitos outros italianos foram ali localizados. Surgiram logo os estabelecimentos comerciais de produtos de primeiras necessidades e pequenas indústrias. Abriam-se estradas para Brusque e São João, construíram-se pontes, melhoraram-se as moradias.

Na estrada que leva a São João encontra-se uma vilarejo chamado Besenello, do qual diz D. Ganarini: "é um desses lugares que fazem esquecer que se está no Brasil; parece que se respira novamente a atmosfera da terra natal" (p.19). Os elementos culturais aí conservados - língua, assuntos de conversa, lembranças evocadas, práticas religiosas - são idênticos aos que existem na Itália. As poucas famílias aí estabelecidas construíram um capital onde instalaram um sino, coisa ainda

rara nas colônias.

A importância da Religião na vida das colônias, é assim expressa pelo Padre Ganarini: "Não basta um diretor e uma dezena de engenheiros para fazer prosperar uma colônia; é necessário o padre, natural propugnador da moral e da justiça... " (p.21). Por isso dedica ele uma página ao zelo sacerdotal do Padre Jesuíta Giovanni Maria Cybeo, que por mais de dez anos percorreu a Província fazendo pregações. Foi ele que teve a idéia de fundar uma casa de missões de jesuítas em Nova Trento, o que é considerado pelo autor uma grande graça de Deus. Ao final deste capítulo D. Ganarini define, em poucas linhas o que é Nova Trento em 1880: "um pequeno vilarejo com quarenta casas ao todo; pobre, sim, mas com um nome bonito e caro, e com fundadas esperanças de um futuro próspero" (p.24). A população total do distrito em 1880 era aproximadamente três mil pessoas. Dada esta visão geral sobre as colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro e sobre o Distrito de Nova Trento, Dom Ganarini passa a descrever o clima qualificando-o de "agradável" e "saúdável". As doenças mais comuns são febres, "mal da terra", anemia, perebas... Às vezes aparecem casos de varíola que, de preferência ataca os brasileiros e os negros. Dá uma visão geral da distribuição das chuvas no Brasil. Depois se detém algumas páginas a falar sobre o "Reino Animal", enumerando e caracterizando os principais mamíferos, como os símios, a onça, o guaraxaim, a raposa, o guaximim, o porco-do-mato, a anta, o cervo, o tamanduá. Segue falando das aves, dos répteis, dos batráquios, dos insetos etc.

Da mesma forma, citando o "Reino Vegetal", faz inicialmente um apelo aos estudiosos da Europa para que procurem nos

países da América as espécies ainda não descobertas, que aqui há muita riqueza de vegetais com propriedades tintórias, medicinais, ornamentais e bromatológicas. Há madeiras próprias para a construção naval e civil.

Os minérios são também variados e podem se constituir na riqueza da região. Fala-se em carvão fóssil de qualidade superior à encontrada na região de Tubarão. Muitas são as fontes de água mineral.

Voltando-se para a agricultura, o Padre Ganarini constata que o italiano não deve se apegar à cultura do milho como fonte principal de economia. Nos terrenos inclinados que lhe coube seria melhor cultivar a mandioca. É uma constatação feita também pelo jornal "La Patria" que além de informar, procura indicar outras alternativas para o agricultor italiano que insiste em levar adiante os hábitos europeus, na tentativa de que a terra se adapte a eles, antes que eles adaptem-se às possibilidades da natureza. D. Ganarini sugere ainda que, para melhor usufruir dos rendimentos da mandioca seria necessário montar engenhos de farinha. Em seguida refere-se a outros produtos cultivados nas colônias, como feijão, arroz, cana-de-açúcar, café, aipim, batata-doce, mangaritos e taiã, cará, araruta, batatinha, algodão, fumo e parreira, além do bicho-da-seda e das frutas. É interessante notar que nesta seção D. Ganarini registra também suas censuras àqueles que se queixam do Brasil. Ao censurar, ele não confronta o motivo das queixas ao grau de desenvolvimento e progresso das colônias, mas à realidade anterior, vivida na Europa, que era pior. Se aqui os bichos atacam o feijão, é porque o feijão existe e é melhor do que na Itália onde não havia feijão nem para os bichos, nem

para os homens (p.52). Quando fala do milho, termina dizendo que os imigrantes teriam sido "senhores" se na Europa tivessem tido tanta polenta (p.54). Referindo-se à cultura do algodão, escreve textualmente: "Os nossos colonos, ao invés de se lamentarem do preço do vestuário, deveriam imitar o exemplo (das mulheres brasileiras que filam o algodão). Naturalmente que as mulheres a quem toca esta incumbência não poderiam ir dormir com as galinhas e teriam que levantar antes do sol" (p.62).

Em outro capítulo mais adiante (p.95) o autor surpreende quando se refere aos brasileiros. Embora reconhecendo que em matéria de Religião têm "uma ignorância prodigiosa", qualifica o caráter dos mesmos de "excelente", pela hospitalidade, cordialidade, respeito e índole pacífica que possuem. Defeitos certamente eles também têm, reconhece ele, mas acrescenta: "os nossos conacionais se ficassem por igual tempo nas mesmas circunstâncias, seriam muito piores" (p.96).

Antes destas afirmações encontram-se aquelas célebres já referidas, feitas para rebater as objeções dos "descontentes" que são muitos, malgrado o bom clima, a abundância de terras, as variedades de produtos, de frutos e de animais. As censuras são colocadas em forma de respostas ou de atitudes corretivas. As queixas, logicamente, são relativas às deficiências no que tange à saúde, produção e comércio, fatores indispensáveis na geração de riquezas e que, pelas dificuldades apontadas, ao invés do progresso desejado, ocasionam inércia e frustração: o bicho-de-pé, que infesta a região; as febres e a anemia, a inesistência de médicos e de farmácias. Quando um colono adoecer, tem que se resignar a morrer ou a sarar por si mesmo. A produção agrícola encontra dificuldades pelo fato de existi-

rem muitas formigas que atacam todo tipo de cultura; além disto, as terras são montanhosas e não produzem. Não existem estradas nem comércio; o governo diminuiu os subsídios ou cortou-os por completo, e aqui não há centros urbanos - vive-se num deserto.

A estas dificuldades anotadas por ele mesmo, o Padre Ganarini responde:

Os bichos-de-pê são extraídos facilmente com um pouco de prática e uma agulha; varrendo-se a casa todos os dias, evita-se que as crianças os peguem. Os piolhos da Europa são mais molestos.

O clima é muito saudável e com o desmatamento deverá se tornar mais seco e melhor. A mortalidade está decrescendo. Se existem pessoas para as quais o clima não é benéfico, existem por outro lado aqueles que viviam adoentados ou velhos que aqui gozam boa saúde.

Quanto a médicos, na maioria dos casos não são necessários e, mesmo, seus remédios nem sempre são eficazes ou de confiança.

As formigas são uma praga para a agricultura, mas sempre sobra alguma coisa para os queixosos terem polenta três vezes ao dia. Os que já têm pomar, dão um exemplo de que as formigas não estragam tudo: certamente não preservaram os pomares embaixo de campânulas de vidro. Controlam-se as formigas com água, fogo e paciência. Na Europa não havia insetos daninhos? Ou não se perdiam colheitas? - pergunta D. Gararini. E acrescenta: será que o imigrante tem uma memória tão curta?

As terras montanhosas são mais aptas para o cultivo da

mandioca, produto que rende muito, se conserva por muito tempo e é sempre procurado. Basta o exemplo dos brasileiros - avisa D. Ganarini. E continua:

As estradas não podem ser feitas num dia só. Já existem estradas para carros-de-boi. Outras vão sendo feitas. A falta de comércio não é culpa do Governo ou das terras, antes é dos próprios colonos que pouco produziram. "Num país que produz comida e vertuário desde que se queira trabalhar e controlar os gastos, não precisa muito dinheiro para comprar um pouco de sal e querosene" (p.75).

Dinheiro todos receberam durante, pelo menos dois anos, e se tivesse sido bem empregado, teria rendido melhor. O Governo não deve fomentar a preguiça e outros vícios. Ao invés do colono pagar impostos ao Governo, foi o Governo brasileiro que pagou aos colonos e ainda não estão contentes.

Fato de aqui não existirem cidades e de se dizer que se vive como num deserto prova que o homem, por mais que tenha, nunca está contente. Na Europa dizia-se que não dava para viver porque não havia terras. A terra era uma fortuna muito desejada.

Das colocações de D. Ganarini deduz-se o seu modo de pensar com relação ao colono italiano do Norte do estado de Santa Catarina. Muito do que ele diz em relação aos descontentamentos, certamente é bem fundado. Esta visão do homem, no entanto - como ocorre com o Padre Marzano - tem sua dose de superficialidade. D. Ganarini escreve para um jornal católico, num momento em que a Igreja é acusada de não dar assistência aos emigrados que eram seus liderados no norte da Itália. No mesmo momento havia também a propaganda contrária à emigração

para o Brasil, feita por países concorrentes, principalmente a Argentina. Defender o Brasil nesse momento era uma questão de honra. Para cá tinham vindo muitos católicos e era preciso desfazer a idéia do abandono, da exploração e do desespero, idéia esta que se havia propagado, não só através de propaganda intencional mas pelas próprias cartas dos colonos ou por aqueles que conseguiam voltar à Pátria. Logicamente, não se pode desculpar a negligência ainda maior do Governo Italiano. D. Gamarini tinha que mandar notícias que fossem favoráveis à imigração no Brasil. E o fez a partir de seus artigos que eram publicados pela "Voce Cattolica". O que encontrou de negativo procurou atribuí-lo à parte mais fraca, aquela que não poderia contestar. Não estendeu sua visão para as condições históricas e sociais destes colonos, para as relações de classes da Europa desta época e das anteriores, para os mecanismos do exercício de poder que mantêm uns na dependência dos outros sem chances de, pelo menos, se aproximar de suas formas de vida o que faz parte das estruturas feudais, passando, em condições adversas para o capitalismo. Nem se deteve para considerar seu grau de instrução, seu isolamento, sua dependência ideológica, suas suspeitas contra as ciências que poderiam ter-lhes melhorado as condições de vida, ou os preconceitos transmitidos pela própria Igreja, ou a resignação muitas vezes geradora de inércia e podadora de iniciativas. Não se deteve ele, nesta obra, ao modo de recrutamento destes colonos, ao trauma da viagem e da separação, às decepções e enganos de que foi vítima e com os quais se deparou quando já o retorno era impossível. Poderia ter considerado ainda a falta de critérios na colocação das famílias, a falta de líderes, a falta de conhecimentos precisos sobre as condições de vida do país para onde

vinham. Como pensar que os padres tenham esta postura diante do ser humano pobre e desprovido, os padres que vêm, eles mesmos, da classe campestre, trabalhadora, pobre?

Pode-se imaginar que seja uma formação que leva ao convencimento de que o sacerdote ocupa uma posição privilegiada, à consciência de uma "eleição" divina para exercer funções de "ministro" de Deus que os faça ver nos outros homens, embora a eles se dediquem, apenas "homens comuns", em situação de não "eleitos" e pertencentes a uma categoria inferior. Aliada a esta postura do sacerdote, a própria doutrina submete o homem comum às vicissitudes postas em seu caminho. Suportar os incômodos é uma virtude, a virtude da paciência, da resignação à qual D. Ganarini evoca por diversas vezes. É este o caminho que conduz à Salvação. A vida que interessa não é a terrena e a outra pode ser melhorada com o sacrifício aceito. O ser humano pode não querer os benefícios que podem ser alcançados pelas ciências, o bem-estar que pode advir do progresso, se com isto tiver prejuízos espirituais. E pensando que tudo o que acontece concorre para o bem destes mesmos homens, nada mais justo e até necessário que uma boa reprimenda por suas queixas.

Mas se para D. Ganarini o colono italiano do norte de Santa Catarina não pode se queixar da sua situação no que se refere à parte material, poderia fazê-lo no que se refere à instrução e à prática da Religião. Assim, formula ele um de seus mais importantes pensamentos referentes à imigração: "... Porquanto do lado material estejam melhor do que nos nossos lugares, e que, querendo trabalhar podem em poucos anos criar um estado de bem-estar e de independência, não será nunca demais recomendar que não morram de vontade de emigrar para o

Brasil; porque se o homem necessita de pão para viver, não vive, porém, só de pão. Acho que só uma necessidade ingente, que não admita nenhuma outra solução, pode escusar perante Deus o pai de família que se aventura com os filhos numa decisão tão cheia de perigos para a alma" (p.79).

Pode-se dizer que a obra de D. Ganarini não é literária, no sentido estrito do termo. Não houve, por parte do autor, a intencionalidade de dar cunho artístico aos seus escritos. Interessava-lhe registrar os fatos e transmiti-los aos seus conterrâneos. É, pois, uma obra de cunho histórico. Mas seu valor é incontestável porquanto lança luz sobre as colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro, sua formação, seus primeiros desenvolvimentos, suas atividades, a partir de um ângulo que não é o dos relatórios oficiais, mas a partir de dentro, da proximidade do principal elemento constitutivo das mesmas: o imigrante italiano.

Tomando-se os termos num sentido mais amplo, a obra pertence à literatura histórica e tem seu valor também sob este aspecto, aliás de grande importância. A Literatura procura compreender o homem, por que ele age de uma determinada maneira. A História registra o fato realizado pelo homem. Assim ambas se completam. A História alimenta a Literatura. Analisada desta forma a obra de D. Ganarini é muito útil fornecendo dados que podem ser utilizados na realização da Literatura. Diz-se que esta procura explorar as circunstâncias incomuns por que passam os homens, revelando assim algo mais de sua essência. Não seria a imigração uma destas circunstâncias? Certamente, pois tira o homem do estado de normalidade da vida: joga-o para um ambiente novo, muitas vezes traçoeiro. Ali ele

terá que enfrentar uma luta com a natureza, defrontar-se com outras etnias, cujos hábitos e reações desconhece; torna-se vítima da organização-desorganização das companhias de imigração; morre em naufrágios; morre na viagem vitimado por doenças e pela inadaptação à alimentação e bebida inadequada; enlouquece ao deparar-se com uma situação totalmente adversa e inapelável.

Esta obra de D. Ganarini se constitui pelo menos na base de uma grande literatura a ser realizada. Poderá servir de sustentação ou de traço-de-união entre o que de fato aconteceu no tempo e no espaço e o ficcional que poderá surgir no momento em que um artista da palavra queira tornar viva novamente a aventura do imigrante. O mesmo valor têm as duas obras que se seguem, a começar por "Nuova Trento - Impressioni di Viaggio", do mesmo autor da que se conclui aqui.

2.2.2. Nuova Trento - Impressioni di Viaggio (Nova Trento - Impressões de Viagem)

GANARINI, D. Arcângelo. Trento, Stab. Tip. G.B. Monau-
ni, Ed., 1901.

Trata-se, conforme diz o título, de impressões de viagem. Não foi possível encontrar o original, que foi escrito em língua italiana. Dispôs-se de uma tradução do Prof. Giovanni P. Faraco publicada pelo Prof. Walter F. Piazza em apêndice ao seu livro "Nova Trento" - Florianópolis, 1950 - Edição comemorativa ao 75º aniversário da colonização italiana, 1875-1950 - p.139 a 154.

Neste texto de 15 páginas o Padre Ganarini registra suas impressões ao retornar a Nova Trento após 16 anos de ausência, período durante o qual fez um breve retorno em companhia do Bispo, cinco anos antes de fazer estes registros. Por ocasião desta viagem (1900) teve ele o cuidado de fazer apontamentos sobre o que lhe chamou atenção. Impressionaram-no as mudanças ocorridas tanto no campo como na cidade. Naqueles são os terrenos desmatados, destocados e cultivados; as novas casas feitas de tábuas, a instalação de pequenas indústrias e a criação de animais. As famílias não são ricas, no entanto verifica-se a ausência de famílias esqueléticas que, na Europa, necessitavam do amparo do poder público principalmente durante o inverno. A maioria dos colonos têm os terrenos pagos e são, portanto, proprietários independentes. Na cidade melhoraram tanto as moradias que as melhores casas de seu tempo tornaram-se de segunda ou de terceira perto das que surgiram depois. Esta volta após um espaço de tempo considerável, faz notar que também as pessoas (inclusive o autor) mudaram pela ação dos anos.

Na sua descrição, o Padre Ganarini refere brevemente a ação de uma cooperativa e se detém nalguns parágrafos a falar sobre a cultura da videira e do bicho-da-seda, este com melhores resultados do que aquela, atingida pela doença da peronospora.

Abrindo parêntesis, relata o que chama de "aventura de uma excursão à localidade chamada Pinheiral". É uma localidade povoada por 47 famílias, na maioria polonesas, distante 36 quilômetros de Nova Trento. Treze pessoas vão em missão pastoral, entre padres, freiras e irmãos Robertinos. Os meios de transporte utilizados são o cavalo e o carro-de-boi. Formava-se uma

"caravana sui generis naquela hora matutina (que) poderia ter fornecido um tema bem interessante ao gênio inspirado de um poeta ou de um pintor". A estrada é estreita e em subida, penetrando na mata virgem, não dispensando armas para a defesa contra possíveis ataques de bugres.

Fechando parêntesis, o autor volta a Nova Trento e se detém de modo especial no aspecto moral e religioso, dando especial realce à ação dos jesuítas, como causadores do desenvolvimento, inclusive material, da região. Compara Nova Trento a um oasis espiritual, e o Brasil, a um deserto, dada a escassez de sacerdotes.

As mudanças ocorridas são para melhor em todos os aspectos e no religioso se constata pelo Apostolado da Oração, com 1200 associados; pela União das Filhas de Maria, com 250 inscritas; pela Ordem Terceira de São Francisco, com cem inscritos; pelo nascimento da congregação das Irmãs da Imaculada, com 14 irmãs, 9 noviças e 3 candidatas; e pela nova instituição dos Robertinos.

Grande parte deste documento é dedicada à descrição das atividades destas entidades e dos benefícios que proporcionam, do ponto de vista do autor, para Nova Trento e adjacências. É interessante notar que o jornal "La Patria" de Urussanga, na edição número 34, de 12 de janeiro de 1902, apresenta, através de trechos de um discurso do senador Villari, pronunciado em Verona a 27 de setembro de 1901, as constatações do Cônsul Gherardo Pio di Savoia referente à ação dos jesuítas de Nova Trento. Suas conclusões são praticamente opostas às de Don Gagnarini. O que um descreve como exagero, para o outro é ação edificante. Não cabe aqui um julgamento sobre as razões de um

e de outro. Interessa dizer que este documento revela, logicamente a partir de um determinado ângulo, a imagem "por dentro" de uma colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina e isto é de importância fundamental também para a Literatura.

O que fez Dom Ganarini nas duas obras que foram vistas, um outro sacerdote o fez na sua, que trata das colônias do sul do Estado. É o Padre Luigi Marzano, cuja obra é da maior importância para a compreensão do homem, das circunstâncias e da paisagem que aparecem em grande parte das Histórias de Brenta.

2.2.3. Coloni e Missionari Italiani Nelle Foreste del Brasile³³

Marzano, Padre Luigi

1.ed. Firenze. Tipografia Barbèra, 1904. 335p.

O Autor

Padre Luigi Marzano - como ele mesmo deixou escrito em sua obra - era de um "paesetto" ("pequena vila" - p.13) denominado "Botigliera di Asti" e, como sacerdote pertencia à diocese de Turin. Foi ordenado a 31/05/1896. Partiu da Itália a 15 de novembro de 1899, chegando a seu destino, Urussanga - SC, a 22 de dezembro daquele ano. No dia em que foi criada a paróquia, 17 de julho de 1902, o Padre Marzano foi nomeado primeiro pároco. Desenvolveu sua atividade com muito dinamismo, estendendo sua ação a todos os setores: religioso e pastoral, educativo, da saúde, político e cívico. Como historiógrafo deixou este "Coloni e Missionari Italiani Nelle Foreste del Brasile", obra que bem demonstra seu espírito de iniciativa, sua

³³ Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil.

vasta cultura e dinamicidade. Foi pessoalmente à Itália em junho de 1903 a fim de conseguir que uma congregação religiosa feminina viesse trabalhar no setor da saúde e da educação em sua paróquia. Aproveitou a viagem para ordenar seus apontamentos e publicar seu trabalho, que acabou sendo impresso em Firenze pela Tipografia Barbèra, em 1904. O Padre Marzano foi pároco de Urussanga até 1909.

A Obra

O livro de autoria do Padre Luigi Marzano, intitulado "Coloni e Missionari Italiani Nelle Foreste del Brasile", compõe-se de 335 páginas (20 x 13 cm), divide-se em três partes e um Apêndice que pode ser considerado uma quarta parte, se levada em conta sua extensão. Foi editado uma única vez em língua italiana e uma vez, recentemente, em língua portuguesa³⁴. Para este trabalho utilizou-se a edição original.

O Padre Marzano descreve o desenvolvimento das colônias italianas do sul do estado de Santa Catarina, a partir de 1878, ano da fundação de Urussanga. Embora o enfoque principal seja o desenvolvimento religioso, não deixa de abordar todos os aspectos: o político, o social e o econômico, daquela data até 1903.

A primeira parte enfoca a ação da Igreja em relação à assistência ao emigrante, seja temporário como permanente. Destaca a iniciativa principalmente do cônego Sorásio que desenvolve um programa denominado "Prete torinesi al Brasile" (Padres turineses ao Brasil), mercê do qual o próprio Padre Mar-

³⁴DALL'ALBA, Padre João Leonir. Fls. UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.

zано veio a Urussanga. Esta ação assistencial, no entanto, só muito tardiamente aconteceu, em relação à vinda dos primeiros imigrantes. Estes foram abandonados completamente durante mais de vinte anos, tanto pela organização política e social de seu país de origem, quanto pela Igreja que os liderava e orientava em sua terra natal. Uma vez sensibilizados para a necessidade desta ação, os homens da Igreja são os primeiros a tomarem alguma iniciativa. Decidido também de participar desta ação, o autor descreve seus contatos com autoridades eclesiásticas, os preparativos, as etapas da viagem, com seus principais acontecimentos e a chegada ao lugar de destino. Reapresenta um rápido percurso da viagem que faz o imigrante, de sua terra natal ao país hospedeiro, quando, inclusive, transcreve o Regulamento das colônias do Estado - Decreto Imperial nº 3.784, de 19 de janeiro de 1867. Uma vez constituída a colônia, são narrados cronologicamente os fatos principais que se referem ao seu desenvolvimento, enfocando principalmente o espírito de religiosidade, laboriosidade, amor ao país de origem e aos valores lá cultuados.

A adaptação ao novo ambiente não aconteceu gratuitamente. Houve reações físicas e ataques da natureza ainda em estado selvagem. E à situação econômica deplorável somou-se a exploração e a desorganização daqueles que os atendiam. Para solucionar sua situação, muitos colonos saem à procura de trabalho quer nas colônias alemãs do norte do Estado, quer na construção da estrada-de-ferro das Minas, que estava sendo construída pelos ingleses. Mas há também os que procuram soluções montando moinhos e alambiques, provocando o nascimento de uma pequena indústria. O desenvolvimento religioso vai se concre-

tizando na construção de uma igreja de madeira, coberta de palha; depois na de outra, de pedra, já bem melhor que a primeira. Mas passado o momento em que os ingleses faziam bons pagamentos aos trabalhadores da estrada-de-ferro, voltaram a se intensificar as dificuldades de toda ordem, agravadas principalmente pelo confronto com os selvagens que vai fazer vítimas de ambos os lados. A já limitada liberdade restringe-se ainda mais. E às ocupações soma-se aquela de afugentar ou destruir o inimigo.

Mas nem por isto a Colônia deixa de prosperar e produzir e em meados de 1885 começou a funcionar uma fábrica de produtos suínos em Pedras Grandes, que exportava para o Rio de Janeiro.

Como os bugres ainda insistem em atacar, pede-se socorro ao Governo, que manda, primeiro alguns soldados, depois um missionário. Nem os primeiros, nem o segundo alcançaram resultados. E assim os anos vão se sucedendo: 1888, com a abolição da Escravatura, que repercutiu principalmente nas fazendas de café de São Paulo; 1889 com a Proclamação da República, que repercute de modo especial na vida das colônias. Introduzido o sistema de eleições (1890), Urussanga consegue 148 títulos, malgrado os desentendimentos havidos entre Tubarão e Araranjá pela hegemonia sobre a Colônia. Em consequência, conseguem-se melhorias sociais, como escolas pagas pelo Governo do Estado³⁵, Juiz de Paz e Delegado de Polícia.

A Lei Glicério de 28/06/1890 vem dar novo impulso à

³⁵ O primeiro professor de Urussanga pago pelo Governo foi Giovanni Salvador, que forneceu ao Padre Marzano as datas e os fatos narrados em seu livro, de 1878 a 1899 (Marzano, 148).

imigração. Cria-se o núcleo de Acioli de Vasconcellos (Cocal), e um convênio do Governo com Angelo Fiorita e Cia. faz surgir a colônia Nova Veneza, e, em consequência, Nova Treviso, Nova Belluno e Belvedere, depois São Bento e, mais tarde, Rio Jordão.

Por causa de problemas no contexto político nacional acontece a Revolução de 1893, com passagens seguidas de Maragatos e Picapaus nas colônias italianas, onde roubam, sequeiam e matam. A 30/10/1895 o Governo Central passa os assuntos de imigração para a competência dos Estados. Em Santa Catarina (que não possui recursos), cessa a imigração. No entanto, por inspiração do cônsul Roti criava-se a "Federação das Colônias Italianas do sul de Santa Catarina" com moldes italianos e objetivos de mútuo apoio que provocou reações de políticos brasileiros. Dois anos depois dissolvia-se a Federação.

Em vários capítulos o Padre Marzano se detém sobre o fato religioso, dando grande enfoque ao desejo que têm os colonos de possuírem um sacerdote "italiano" entre eles. É ele próprio que vem, em fins de 1899, realizar este sonho em Urussanga.

Narrados os fatos até o ano de sua chegada, o autor passa à terceira parte da obra onde narra suas primeiras impressões, seu trabalho ministerial, o ambiente e, principalmente, o estágio em que se encontravam os seus conacionais: sua fé, superstições, abusos, mistura de linguagem etc. Dedicar diversos capítulos à agricultura, aos animais domésticos e selvagens.

No Apêndice, que intitula também "Ultimi Svalgimenti" (Últimos Desenvolvimentos) o Padre Marzano fala da emancipa-

ção política de Urussanga (06/10/1900), da fundação das escolas italianas (1901), da criação da paróquia (17/07/1902), além de outros fatos, como o surgimento do jornal LA PATRIA (maio de 1901) e a morte trágica do Padre Vittorio Pozzo, de Rio Pinheiros (1902).

Detém-se ainda em aspectos gerais de saúde e higiene, nova aparição dos bugres e necessidade de alguém que se dedique idealisticamente à educação e à saúde da população da colônia. Por isto, em junho de 1903 parte para a Itália com o objetivo de trazer uma congregação de freiras. É quando organiza seu livro e encaminha sua publicação.

Embora sendo uma obra de cunho histórico, podem ser feitos alguns breves comentários referentes a alguns aspectos críticos.

Como historiador o autor descreve os fatos e, como italiano vindo ao Brasil, se insere ele também no próprio contexto da imigração. Daí faz ele constatações sobre o abandono em que, por tanto tempo, ficou jogado o imigrante italiano que, além disto, foi expulso, embora com modos enganosos, porque sua Pátria via nele um entrave para o progresso, quando não, um inútil que em nada contribuía para os cofres públicos. Tão execrado foi que com ele não veio nenhum intelectual: professor, sacerdote ou cientista. Percebendo esta situação o Padre Marzano evoca constantemente o exemplo de outra nação que fornece imigrantes para Santa Catarina: a Alemanha. Esta manda intelectuais, sacerdotes cientistas, líderes e técnicos que fazem o progresso das suas colônias e, mais tarde, causam inquietações aos governantes brasileiros; temor projetado injustificadamente, muitas vezes, sobre todos os estrangeiros. Mas

de Giovanni Ferraro.

2.2.4. Caderno de Memórias da Família Ferraro

Inédito

O Autor

O imigrante Giovanni Ferraro é proveniente do Vêneto onde nasceu em 12 de novembro de 1851 (Bragança). De família tradicionalmente dedicada à agricultura. Estudou até o terceiro ano primário. Veio para o Brasil em 1891. Estabeleceu-se em Belvedere, Urussanga. Dedicou-se à agricultura, mas também ao ensino. Dava aulas na própria casa, passando depois para a igreja de São Bernardo, que foi construído logo depois da chegada. Durante a semana lecionava para crianças; aos domingos após a reza do terço, ou à tarde, fazia "escola festiva" para os moços, e três vezes por semana, à noite, lecionava para adultos. A "escola festiva" existiu em Belvedere, pelo menos até 1901, conforme se lê no jornal "La Patria", nº 22, de 20/10/1901. Lecionava em italiano.

Quando, em agosto de 1901, se constituiu uma comissão composta pelas mais importantes personalidades de Urussanga, para preparar a vinda do Cônsul Gherardo Pio di Savoia, o nome de Giovanni Ferraro figura no elenco juntamente com o Dr. Giuseppe Caruso Macdonald, Secretário da Prefeitura de Urussanga e Diretor do jornal "La Patria", os Padres Luigi Marzano, Michele Pizzio, Vittorio Pozzo, Antonio Manno e Lodovico Cocolo; e os senhores Luca Bez Batti (presidente da sociedade local "Dante Alighieri"), Giacinto de Bida (Superintendente), Torquato Tasso (oficial de registro), Pietro Damian, Giacomo De

Brida, Andrea Tezza, Sebastiano Fontana, Gregorio Bosa, Antonio Remor e Giovanni Pescador.

A Obra

O caderno consta de duas partes. A primeira foi escrita em 1921 por Giovanni Ferraro, imigrante que veio de Schio (Vêneto) em 1891 e se estabeleceu em Belvedere (Urussanga). Na década de 1970 Olindo Ferraro, neto de Giovanni, copiou a primeira parte e continuou a história da família. O caderno pesquisado é, portanto, uma cópia do original, escrita em português, acrescida de uma segunda parte. Foi paginada a fim de facilitar as referências. Não foi possível saber se o original de Giovanni Ferraro foi escrito em português ou em italiano.

Giovanni Ferraro escreve inicialmente a História remota da família, possivelmente descendente de Giacinto Galvani. A mudança do sobrenome deste ter-se-ia dado em virtude da mudança do lugar de moradia: de Ferrara para Vicenza. Trata-se de uma família de agricultores. Giacinto (Galvani) "requisitou uma área de terra de 22 campos vicentinos com 3.862m^2 cada, perfazendo 84.964m^2 (p.5), em Monte Gaggio. Seus descendentes transformaram aquele terreno num "excelente jardim, com muitas oliveiras, parreiras e de todas as espécies de frutas, fizeram uma boa casa de material, com muito conforto, sem se importar em legalizar o terreno... ficando o Governo sempre como dono" (p.6). Nesta situação permaneceram por centenas de anos, até que, pelo tratado de Viena (1815) o Vêneto passou novamente ao Império Austríaco, que "já bem desfalcado com as despesas de guerra entendeu de leiloar todas as terras que os colonos não

as tivessem pagas e legalizadas" (p.7). Desta maneira a família perde a propriedade e passa a agregada ora de um, ora de outro patrão, "daí a família começou a se espalhar de um canto para outro do rio Brenta, Bassano e Citadella..." (p.8). Sofreu despejos e conheceu o arrasamento da cultura da parreira e do bicho-da-seda, as duas mais importantes atividades econômicas campesinas de meados do século XIX, na região: "Em 1851 ... surgiu uma doença nas parreiras, um mofo cor cinza, que a uva caia toda. Em consequência não fabricava-se mais vinho..." (p.13). Alguns anos depois, a outra calamidade: "Em 1857 deu a doença no bicho-da-seda, outra calamidade que atingiu a todos" (p.14). Ainda um ano antes de emigrar as coisas continuavam da seguinte maneira para a família Ferraro: "por todos os azares, veio uma chuva de pedra na primavera que acabou-me com todas as folhas de gelso (árvore essa que fornece o sustento ao bicho-da-seda)... era este o serviço que tinha me dedicado, tendo assim que comprá-la a 12 liras por 100 quilos, assim a entrada nem deu para encobrir as despesas, mas depositava toda esperança nas verduras, mas uma longa estiagem acabou com esta também, e vencia-se o segundo prazo do aluguel e eu estava com as mãos cheias de vento" (p.34-35).

A situação política da região vem entremeada na narrativa de Giovanni. Quando deixa de falar dos antepassados para enfocar os acontecimentos da própria vida, escreve: "A primeira minha lembrança em 1855, isto é, com a idade de 5 anos, minha avó me levou consigo até a vila. Tinha lá uns cartazes com muitos soldados e navios de guerra. Perguntei a ela o que era aquilo. Então explicou-me que era a guerra na Criméia e Sebastopoli..." (p.14). E logo mais adiante uma nova referência: "Dia 6/8/1859, me recordo, encheu-se de soldados austríacos, que

batiam em retirada, batidos na Lombardia pelas forças italianas" (p.15). Esta situação exerceu muita influência nos ânimos dos italianos, como é de se supor. Giovanni Ferraro : escreve, referindo-se aos fatos de 1866: "Em 23/04 todos os nossos caros soldados saíram para guerra contra os nossos próprios irmãos italianos, por estar nossa província ocupada pelo maldito governi austríaco que dominava todo o Vêneto. Assim os nossos, sob pena de fuzilamento, tinham que marchar em primeira linha..." (p.19). Segue-se um testemunho pessoal: "Desde 1859 eu tinha começado a compreender as coisas e nutria um ódio de morte ao governo austríaco" (p.19).

Não eram só os momentos de confronto que oprimiam o cam-pesino e o operário. A situação como um todo levava a uma o-pressão insustentável, detectada por este imigrante. Diz ele: "Aqueles tempos eram críticos aos pobres operários e não po-diam nem se quer abrir (a) boca. Se algum o fazia era logo pre-so pela polícia..." (p.26-27).

Dentro destas circunstâncias, os fatos vão se suceden-do, narrados com simplicidade, mas com muito realismo.

No decorrer dos anos acontecem na família nascimentos, casamentos, mortes. Em 1880, Giovanni fez uma primeira tenta-tiva de emigração para a América do Sul, mas, diz ele, não ti-nha recursos, pois "não estava aberta a emigração e quem qui-sesse emigrar teria que fazê-lo por conta própria e eu não es-tava de jeito nenhum com tal possibilidade. Além disso teria que fazer um depósito de fiança para poder voltar se o caso o exigisse, ficando o governo italiano fora de qualquer respon-sabilidade" (p.28-29). Tendo que permanecer na Itália, a vida continuou no mesmo ritmo. Em janeiro de 1882 Giovanni alugou 6

campos por 360 libras, mais as despesas de contrato pagas antecipadamente, "mas quando chegou o mês de abril descobri que as terras e casas iam ser postas em leilão público pela dívida que este senhor tinha" (p.29-30).

Dez anos após a primeira tentativa, decide novamente trocar a Pátria pelo Brasil. Desta vez "a viagem ao Brasil era gratuita desde a estação ferroviária mais próxima até o fim da viagem" (p.36). Mas a guarda das bagagens por 39 dias custou-lhe 304 libras, não sobrando nada para fazer frente a possíveis necessidades. Antes, porém, da partida, Giovanni teria ainda mais dissabores: "Na manhã do dia 7 de julho foi à Prefeitura para obter o dito passaporte, mas qual (não) foi a minha angústia quando me cientificaram que só me entregariam para 9 pessoas e não para dez, sendo que o filho Antônio deveria ficar para o serviço militar" (p.36-37). Esta angústia tinha um motivo especial: "... Neste tempo a Itália estava em guerra com a África, a qual com toda a certeza tão logo tivesse sido adestrado nas armas, o mandariam para lá" (p.37).

Finalmente, superadas todas as dificuldades, puderam todos juntos enfrentar a viagem que durou de 25 de setembro a 31 de outubro, iniciando em Schio, com o embarque do trem, terminando em Urussanga-SC. Após alguns dias de estadia nesta cidade, por causa do mau tempo, seguiram para Belvedere, lugar de destino. "O dia 11 seguimos para Belvedere aonde requeri logo 2 lotes de terra de 33 hectares cada um, de mata virgem. Assim desde aquele momento tornei-me proprietário, que nunca teria conseguido isto na minha velha Pátria" (p.42).

A narrativa prossegue descrevendo a nova terra, as habitações primitivas fechadas com troncos de palmito e cobertas

de folhas amarradas em ripas de palmito feito esteiras; o trabalho, as culturas, os perigos, os novos sacrifícios, enfrentados porém com outra disposição. "A nossa nova vida era cheia de peripêcias, trabalho e perigos, porém alegre porque não se conhecia sombra de patrão. Todos éramos senhores. Nada de jogo patronal. Estávamos na terra de Santa Cruz, na terra da liberdade" (p.46). Possuir terra e ser livre correspondia a um dos maiores anseios do imigrante, e era conseguido com relativa facilidade. Como o trabalho é um dos valores cultuados pelo italiano, daí para produzir o indispensável à vida, era apenas uma questão de pouco tempo. "A vida era dura, mas a sorte compensava os nossos sacrifícios" (p.48). Esta vida dura, mas feliz, segundo Giovanni, que tivera tantas vicissitudes no Velho Continente, transcorre sem fatos marcantes, até 1906 "ano de grande desventura". Era o dia do casamento do 5º filho, Napoleão, com a senhorita Matilde Barichello. "Como era costume de dar uns tiros em sinal de alegria, é o que fez o filho João³⁶ logo na saída³⁷. Este montava um fogoso cavalo, que ouvindo o primeiro estampido... ficou furioso. Tendo que dominá-lo pelas rédeas e com a arma na mão (uma pistola 44) saiu acidentalmente o segundo disparo que foi atingir a noiva mortalmente... (p.50-51). Esta história, escrita por quem viveu o drama é contada pelas pessoas idosas da região de Urussanga, que ignoram ter sido ela registrada, e pode-se dizer que faz parte do terceiro grupo da literatura contada: histórias acontecidas no Brasil.

Como na Itália, aqui também um fato de grandes propor-

³⁶ João: trata-se do filho mais jovem. Tinha 18 anos a completar.

³⁷ Saída da igreja de Urussanga, após as cerimônias.

ções faz a família se dispersar: "Deste dia em diante minha família debandou. O Napoleão foi para o Rio Grande do Sul levando consigo o filho João, que, coitado, vivia desesperado... André não demorou muito, seguiu o mesmo caminho" (p.51).

Retrocedendo aos primeiros anos Giovanni vai se referir à construção da casa, à construção de uma igreja dedicada a São Bernardo e a Nossa Senhora das Graças. Relata que percorria de dez a doze quilômetros para conseguir moer o milho a fim de conseguir a farinha tão necessária ao sustento da família. Como tinha-se que andar por picadas no interior da mata, as pessoas se reuniam e iam em grupo. "Não podíamos ainda adquirir um cavalo" (p.53).

O lazer que Giovanni praticava era a caça.

As roças eram muito prejudicadas pelos bichos da floresta e pelos bugres. Estes foram "afastando-se cada vez mais para longe porque tinha uns colonos que davam caça sem trêgua, especialmente os Baldessar, os Coral, Os Fressa e outros" (p.57).

A narrativa de Giovanni termina à página 60 do caderno, dando o local onde moram os filhos, com quem se casaram, quantos netos lhe deram.

A história da família continua sendo narrada por Olindo João Domingos Ferraro, filho de Eduardo e neto do imigrante Giovanni. O que mais ressalta da narrativa de Olindo é o fenômeno da migração temporária que passa a acontecer aos membros desta família a partir de 1923, com maior frequência. Este fenômeno é comum às outras famílias conforme contam inúmeros filhos e netos de imigrantes do Sul de Santa Catarina.

Olindo escreve referindo-se ao pai (Eduardo): "... Em 1923 saiu para o vizinho estado do Rio Grande do Sul, com uma turma numa construção de estrada-de-ferro..." (p.70). Trabalhou em Cruz Alta, depois em Cachoeira do Sul. Mais tarde vão também os filhos: "... Em 1927, voltou a trabalhar no Rio Grande... Aí fomos eu e o Flávio também" (p. 70). Desta feita trabalharam primeiro em Vacaria. Depois vão para Marcelino Ramos, daí passando para Caxias do Sul e ainda para a estrada que liga Matos Costa em Santa Catarina, a Palmas no Paraná. Trata-se de trabalho braçal ora em estrada-de-ferro, ora em estradas de rodagem (O conto "Un viaio per Ndar Sempre Avanti" - Uma Viagem para ir Sempre à Frente -, que é apresentado no 2º volume, tem sustentação real neste fenômeno migratório).

Os pagamentos aos trabalhadores (turmeiros) eram feitos com atraso e através de "vales", conta Olindo, e se o trabalhador quisesse descontar o vale, encontrava quem o fizesse - talvez em combinação com o administrador - mediante um desconto que ia de 2 até 6%. Revoltados, os trabalhadores pararam. A reação dos patrões foi quase imediata: "... Como na cidade tinha um destacamento da brigada, formado de provisórios e outro em Lagoa Vermelha, perfazendo 260 homens, e, em combinação com o Comandante, que residia em Vacaria, mandaram toda esta força em cima de nós pobres operários..." (p.80).

Tal como acontecera na Itália, aqui, após quase 50 anos, a antiga moradia é abandonada: "Em 1938, dia 6 de dezembro, mudei-me de Belvedere a Treviso. Neste dia a família Ferraro dava um definitivo adeus à primeira morada, que tantas recordações me traz, especialmente de minha infância" (p.90).

Será interessante notar que a felicidade do senhor Gio-

vanni Ferraro, que se estabeleceu como agricultor em Belvedere, não passa sequer à geração de seus filhos. Embora tradicionalmente dedicados à agricultura e ainda que donos de um terreno relativamente grande, os filhos de Giovanni, também imigrantes, procuram outro tipo de trabalho. Antônio, o mais velho, é comerciante, depois trabalha nas linhas do Telégrafo Nacional. Napoleão, André e João migram definitivamente para o Rio Grande do Sul onde vão exercer atividades ligadas a serviços de prefeituras. Das filhas, Ana casou com Torquato Tasso, farmacêutico e oficial de Registro. Giovana casou com Pedro Trento e foi a única a permanecer sempre na agricultura. Antônia casou com jornalista e químico.

Eduardo, que foi o que continuou a administrar o patrimônio do pai, exerceu a profissão de sapateiro, para a qual foi preparado. Mas abandona-a e em 1923 vai se empregar também na construção de estradas.

O mesmo acontece com as gerações seguintes: poderão ser encontrados dentistas, farmacêuticos, médicos, funcionários públicos, uma religiosa, um aviador. Somente os descendentes de Giovana, já com outro sobrenome, continuam como agricultores.

Olindo, narrador da 2ª parte do caderno das memórias da família, começa como mecânico da Companhia Carbonífera Urussanga. Depois acompanha o pai a Vacaria, Marcelino Ramos e Caxias do Sul. De volta a Santa Catarina trabalha na construção e reforma de linhas de telégrafo. Por fim trabalha como ferreiro em Treviso, e com caminhão para a Companhia Siderúrgica Nacional, em Siderópolis. Já aposentado, estabelece-se com uma fabriqueta de sabão em Criciúma.

Não resta dúvida de que o caderno em questão é um documento importante para a imigração italiana do sul de Santa Catarina. Primeiro: é um exemplo prático de como viviam os camponeses no norte da Itália, à época da imigração; Segundo: prova que, de certo modo, o imigrante consegue os seus objetivos; Terceiro: decorridas algumas décadas, os filhos e netos de imigrantes vão se encontrar frente a uma situação que, sob certos aspectos é igual à existente no norte da Itália no fim do século passado. Como pontos de aproximação pode-se citar: a) existência de revoluções como a de 1893 (não referida no caderno) e a de 1923/24 (esta, citada como causadora da doença de Eduardo Ferraro), sem falar da Guerra de 1914/18 que levou de volta muitos imigrantes para combaterem em defesa de sua pátria nativa; b) migração temporária, motivada pela busca de trabalho remunerado, com o conseqüente estabelecimento da relação patrão-trabalhador; c) procura de trabalho nos centros urbanos com a conseqüente mudança dos valores tradicionais; d) abandono do local tradicional de moradia da família.

É o sistema capitalista que força, senão a uma mudança radical, pelo menos a uma adaptação.

Diz-se adaptação porque, no âmago da alma italiana, permanece algo imutável, algo que se confunde com sua própria essência. São as canções que, embora esquecidas no lugar de seu nascimento, no Brasil permanecem provocando vibrações na alma, mesmo após um século de permanência na memória do imigrante e de seus descendentes.

Três são também as coletâneas de canções das quais se tratará, a começar por "Cantavam Così", seguindo com "Canções Italianas" e depois com o "Cancioneiro do Imigrante Italiano".

2.3. Livros de Canções Italianas

2.3.1. Cantavam Così³⁸

Rio dos Cedros, 1875-1975

VICENZI, Padre Víctor e BONA, Prof. Venício.

Paróquia Imaculada Conceição, 1974.

Páginas: VI-69.

O livro é mimeografado à tinta, em papel tamanho ofício, escrito de um lado só das folhas. Contém apresentação do Padre Mário Bonatti e introdução dos autores. Registra 63 canções quase todas acompanhadas de melodia e escritas em italiano ou dialeto vênето. Versam sobre temas diversos: amor, guerra, mar, religiosidade, natureza, vinho, pobreza, alimentação, emigração. Este conteúdo encerra, sem dúvida, a alma das raízes do imigrante italiano de Santa Catarina, o principal traço cultural por ele trazido do norte da Itália.

O amor é cantado nas mais diversas formas: amor impossível, desenganado, desprezado, traído, prestimoso, platônico, desencantado, dramático, fiel, irreverente, salvador, interesseiro, reconciliador. A guerra é dos elementos mais constantes nas canções e vem, geralmente, relacionado com amor fiel ou traído.

A presença da mãe é, nesta coletânea, índice de censura. Representada por uma figura forte, tem a função de preservar os costumes principalmente quando se trata das filhas. Mas o amor, que é mais forte do que a morte, principalmente no coração do italiano, faz a moça dar-lhe vasão às escondidas, ou, quando não, rompe com a mãe: "farò de manco della vostra dota/son giovinotta, me là farò" (renunciarei ao teu enxoval/ sou

³⁸ Cantavam Assim.

jovem, eu mesma o farei - p.30), para citar apenas um exemplo.

A beleza física é muito celebrada, principalmente na mulher, mas quando faltam certas qualidades, não adianta esta beleza. São prendas como costurar, "filar", trabalhar no campo, não ter preguiça, não ter exigências na comida, etc.

O pai está bastante menos presente nas canções. O elemento masculino tem sua presença marcada por outras circunstâncias. É representado pelo "soldà" (soldado) ou "bersagliere" (guarda); "marinar" (marinheiro); "barcarol" (barqueiro); "rimator" (remador); "gingin" (querido) ou, com menos freqüência, pelo caçador, pescador, príncipe, capitão, "cavagliere" (cavalheiro) ou até pelo "bel moretto" (moreninho bonito) que são objeto de paixão da mulher. Quando a mulher é objeto de atração masculina, as expressões são: "figlia del paesan" (filha do camponês); "bella mia" (minha bela); "bimba mia" (minha menina); "dileta" (amada); "morosa" (namorada); "tesoro" (tesouro); "verginella" (virgenzinha); "bionda" (loura) ou "biordina" (lourinha); "putela" (menininha) ou simplesmente "ragazza" (moça).

As circunstâncias de um encontro podem ser "sú la finestra" (à janela); "in barchetta" (no barquinho); "sulle rive del mar" (na praia); "sù un leto di fiori" (num leito de flores); "alla fontanella" (junto à fontezinha) ou "al bal" (no baile), com manifestações que vão do abraço ao suspiro, do "bacin d'amore" (beijinho de amor) ao convite "per fare l'amore" (convite para fazer amor).

O mar, como já se pôde notar nas expressões acima, é um elemento que está tão presente quanto a guerra, e exerce um

fascínio sobre o espírito do italiano que vive com o mar e por ele chegou à península. Vive com o mar, e se salva fugindo pelo mar, que encerra a força, a grandeza, o mistério, mas também é tranqüilo e embala os momentos mais íntimos. É no meio da água que se gera o homem e nela ele se forma, exatamente num momento em que se sente seguro. A expulsão desse meio começa pela ameaça, pelo trauma.

O vinho é mais um elemento líquido de valor terapêutico para o *tônus vivendi*. Vem associado às festas, aos agrupamentos de homens que se associam para se contagiarem mutuamente de alegria. Comer e beber são atos coletivos seguidos sempre do ato de cantar e, finalmente, de dormir tranqüilamente. Esse costume é expresso em muitas passagens: "hoggi mangiamo, beviamo, cantiamo; e a dormire contenti si vâ" (hoje comemos, bebemos, cantamos; e vamos dormir contentes - p.23). Até o Patriarca Noé foi salvo na arca em recompensa por ter inventado o vinho (p.16)!

Talvez porque o espírito do italiano vibra quando se encontra em companhia de seus semelhantes, porque gosta de festas e alegria, ele também é profundamente religioso. E, dentro das manifestações de sua religiosidade, um momento que particularmente se afina com sua ternura, é o Natal, tornado presente nesta obra pelo canto "La Santa Notte"³⁹. O sino se interpõe como elemento indicador do religioso, mas também do musical e do telúrico. O eco se faz ouvir nos vales e montes, impregna o começo de cada novo dia, reverencia o anoitecer, acompanha com gravidade os momentos de luto e participa da musicalidade de um dia de festa. Para desempenhar bem esta

³⁹ A Santa Noite.

função é que o "sacro" Frã Martino é "campanaro" (sineiro). Além do sino, o sol, com sua luminosidade, calor e vida, faz parte indispensável da paisagem alpina, onde as montanhas dominadoras ou aconchegantes constituem mais um dos amores do espírito itálico, incluídos no "Il Testamento del Capitano"⁴⁰. Estando para morrer, o capitão faz seu testamento. Divide seu corpo em cinco pedaços: o primeiro, para ser doado à Pátria; o segundo, ao batalhão; o terceiro, à mãe; o quarto, à namorada; e o quinto "alle montagne" (às montanhas). Da leitura das canções italianas contidas neste volume, ressalta a presença palpitante dos elementos: Fogo, Água, Ar, Terra. O Fogo é representado pelo sol, pela luz, pela força do vinho e pelo amor; a Água, principalmente pelo mar (Mediterrâneo e Adriático) e pela neve branca dos Alpes; o Ar, pela atmosfera que se respira, que se sente, que envolve; a Terra, pelo apego à Pátria e ao que ela significa, pelo campo, pelos lugares de origem, sempre lembrados pelos imigrantes.

As figuras humanas que integram as canções pertencem a diversos níveis sociais, prevalecendo o ser humano mais chegado à natureza, em que o telúrico é muito forte. A natureza (sol, lua, mar, montanhas, campo, floresta...) é indicador de saúde, beleza, capacidade para um amor mais intenso e felicidade. O castelo (nobreza) aparece raramente, bem como "i signori" (os senhores). O camponês, o soldado, o marinheiro, o pescador e o caçador estão muito mais presentes e como população pobre, antes que abastada ou média. A visão da América, como solução para uma difícil situação é representada uma vez

⁴⁰ O Testamento do Capitão.

com intenção de dissuadir; "Oi cara mamma, voi cento lire/ che in Merica voglio andar./ Le cento lire mi te le dago/ ma in Merica, ô figlia nò./... Quando sarò in fondo al mare/ i pesciolini mi magneràn" (Ô querida mamãe, quero cem liras porque quero ir para a América./ Ô, eu te dou cem liras, mas para a América, ô filha, não.../ Quando eu estiver no fundo do mar, os peixinhos me comerão - p.28). Outra faz lembrar o momento da despedida, a viagem e os sacrifícios de um começo que partiu do nada, que exigiu muito trabalho e tenacidade até se formar a afirmar uma nova sociedade num novo meio.

Pode-se ainda falar da canção "I Gobetti" (Os corcundas) que explora a degradação do ser, o caricatural, estado em que o homem se representa em situação anormal para rir de sua própria realidade. É uma forma de responder a um problema insolúvel, a uma realidade muito adversa. Não sendo uma resposta completa, final, ou, melhor, não sendo uma solução, fornece as condições psicológicas para suportar o problema. A situação é criada a partir, talvez, de um estado onírico, quando se afigura uma família inteira de pessoas corcundas, inclusive as pessoas e ela relacionadas, com "il servo e la servente" (o servo e a servente). Mas a excepcionalidade física não pára aí. São ainda: "Tutti zoppi e senza denti" (todos coxos e sem dentes). Além disto o defeito físico não tem tanta importância quanto a semelhança moral, dada a situação de miséria em que grande parte das pessoas se encontra. Sendo todos coxos, sem dentes e corcundas, o melhor mesmo é tomar um bom vinho para cantar!

2.3.2. Canções Italianas

Cultura Popular Catarinense

(Título da contracapa: Folclore Catarinense - Caderno 1
Canções italianas)

SANTANA, José Acácio

Universidade Federal de Santa Catarina, 1982. Não paginado

(As canções são numeradas)

O Autor

José Acácio Santana nasceu em São Pedro de Alcântara, descendente de açorianos. Desde muito cedo estudou órgão e canto. Possui diversos cursos superiores na área da música. Regeu inúmeros concertos e ministrou centenas de cursos de Canto Coral, no Estado. Mantém contato de assistência com os 1026 corais catarinenses existentes atualmente e com bem três centenas de corais de outros estados. Suas obras ultrapassam a 2.500 composições, destacando-se os Oratórios: Moíses, Natividade, Paixão de Cristo, A Última Ceia, O Contestado, Paz na Terra, Vale das Graças e o Rosário. Compôs missas e publicou coleções de cantos religiosos, noções de teoria musical e uma série de outras obras. É de sua autoria a Ópera "O Imigrante". Produziu 12 LPs com o Coral da UFSC além de ser colaborador de diversos outros que foram produzidos por corais de outras cidades do Estado.

Em 1982 participou, como convidado especial, do Seminário Internacional de Regentes, realizado na Alemanha quando lançou o LP Mit Freude Dienen, com produções suas traduzidas

para o alemão. É também autor das letras das suas composições.

Atualmente coordena o Projeto Procanto, da UFSC que envolve todos os corais de Santa Catarina.

A Obra

O livro contém uma apresentação do Prof. Hamilton Savi (Pró-Reitor de Assuntos Culturais e de Extensão da UFSC, à época em que a obra foi editada) e uma introdução do autor José Acácio Santana, além das cem canções musicografadas.

As primeiras 79 canções são de cunho profano, as 21 restantes são de cunho religioso. Praticamente tudo o que foi dito na abordagem sobre o conteúdo do livro "Cantavan Cosi" de Rio dos Cedros vale também para este "Canções Italianas". No entanto podem ser ressaltadas algumas diferenças. Antes, porém, de enunciá-las, é preciso notar que, das 79 canções profanas deste livro, 32 também se encontram naquele e 47 são diferentes. Enfocando estas (as diferentes) pode-se notar que os assuntos que abordam o tema "guerra" referem-se a batalhas históricas e têm sua motivação num sentimento nacionalista. Encerram mais realismo do que espírito romântico e lamentam a perda de vidas jovens. Ir para a guerra é visto como algo destruidor. Enquanto antes via-se o "giovisionotto" convidando sua "bella" para acompanhá-lo, nestas há um convite para acabar com a guerra, como nos versos: "Prendi il ficile / e butalo giù per terra / voglian la pace / mai più la guerra" ("Toma o fuzil e joga-o por terra / queremos a paz / nunca mais a guerra" - nº 16). A guerra destrói os lares, deixa mães e crianças abandonadas.

Às vezes datas históricas compõem os títulos, como "Il

Ventinove "Luglio" ("O vinte e nove de Julho" - nº 23) ou no corpo da canção aparecem citadas datas e acidentes geográficos: "spunta l'alba del sedici giugno / comincia il fuoco l'artiglieria, / Terzo Alpini, è sulla via / Monte Nero a conquistare" ("Surge a aurora de dezesseis de junho / começa o fogo a artilharia / Terzo Alpini está a caminho / Monte Negro a conquistar" - nº 71). O nacionalismo é evidente em várias canções e a mais bela bandeira, obviamente é "La Bandiera dei tri Colori" ("A Bandeira das Três Cores" - nº 67).

A presença da mãe, nas canções que só constam deste livro, liga-se ao sentimento de dor pela separação e à promessa do retorno em breve para consolar. O amor filial é analtecido e a mãe é amorosa e transmite felicidade.

A natureza associa-se à alegria e à vitalidade que nasce do despertar da Primavera, a estação das flores e da revitalização que chega após o inverno.

As canções religiosas são expressões populares de estados de espírito próprios do homem cristão prostrado diante d'Aquele que o criou, diante d'Aquele que o redime, intermedia e pode salvar. Manifestam adoração, laudação, súplica, júbilo ou consternação. Outras tantas canções expressando sentimentos de veneração, louvor e súplica são dirigidas a Maria, a figura humana feminina que ocupa o primeiro lugar, depois do Criador, na devoção cristã. Identifica-se perfeitamente com a natureza humana, mas por ser a mãe do Homem-Deus, é tida como poderosa intercessora diante do mesmo. Ela corresponde ao ideal humano de beleza feminina, tanto exterior (física), quanto interior (moral, psíquica, espiritual).

Outros cantos relembram o momento histórico-bíblico do Natal ou as circunstâncias do nascimento do Messias: "Ecco Natale con neve e gello" ("Eis Natal com Neve e Gelo"). O espírito natalino reveste-se de sentimentos de gratidão e de fraternidade.

Um dos cânticos é uma oração ao Anjo da Guarda (nº 86), devoção nascida no decurso da História da Igreja, segundo a qual Deus teria encarregado um anjo para cuidar do destino de cada pessoa, influenciando sobre suas ações e até sobre seus pensamentos, na luta contra o mal.

Tanto do ponto de vista da mensagem das letras (quer de cunho profano, quer de cunho religioso) quanto sob o aspecto da arte musical, o livro do Professor José Acácio Santana (bem como o "Cantavan Così" de Rio dos Cedros) resgata e registra valores culturais inestimáveis. As canções aí transcritas revelam um modo particular de ver o mundo e expressam, pela música, os sentimentos de um povo diante do mundo assim percebido. É nelas que se encontra a mais forte manifestação cultural da corrente imigratória italiana do estado de Santa Catarina.

2.3.3. Cancioneiro do Imigrante Italiano

(LEDRA, Dr. Victório, Brusque, ed. da Gráfica Mercúrio Limitada (Composição: Editora Mendes), 1975. Não paginado (As canções são numeradas).

O livro foi lançado por ocasião do centenário da chegada dos primeiros imigrantes italianos em Santa Catarina. Contém uma introdução do autor com justificativas, método empregado no trabalho, fontes de pesquisa, considerações sobre a

língua, pronúncia e acentuação gráfica. No final, em apêndice, o autor se detém em considerações específicas sobre a Imigração Italiana em Santa Catarina: causas em relação ao Brasil e à Itália, viagem, chegada e estabelecimento e zonas ocupadas por eles. O livro não contém a transcrição melódica como os outros dois. Também não há uma ordem determinada referentemente aos assuntos ou temas, conforme o próprio autor avisa. Na pesquisa, Ledra formou grupos de pessoas em Batuverã, Ascurra, Brusque, Nova Trento e Siderópolis. Fez gravações e posteriormente transcreveu a letra das canções. Das cento e cinco apresentadas, 95 foram coletadas por este método e as dez últimas foram tomadas da capa de um disco do folclore italiano, gravado pela cantora Gigliola Cinquetti.

Do método de coleta do Dr. Ledra resulta grande espontaneidade da letra das canções bem como, às vezes, diferenças de letra da mesma canção que sobreviveu a estes cem anos de Brasil em localidades diferentes. Outras vezes se encontram acréscimos, geralmente de tonalidade jocosa que, possivelmente, teriam sido contribuição do meio brasileiro.

Interessante é notar que neste livro aparece um novo assunto em duas canções (nº 4 e nº 33): o anticlericalismo, acentuado pelo confronto das idéias dos partidários da Unificação Italiana com as oposições do Papa Pio IX. Lê-se na canção "L'Antonietta", colhida em Brusque: "In Roma, in Roma, c'è guerra de un Papa/ e lu di nome, si chiama Pio IX./ Noi non vogliamo vederlo sul trono./ Noi non vogliamo che il Papa sia ré" ("Em Roma, em Roma há a guerra de um Papa/ e ele de nome, se chama Pio IX./ Nós não queremos vê-lo no trono./ Nós não queremos que o papa seja rei" - nº 4). Esta outra colhida em

Siderópolis é mais irreverente: "Il Papa Pio IX andava su pel muro/ Se volê che l venga zô, pianteghelo ntel muso...L'Italia lê malata, tuta piena di difêti./ Se volê guarir l'Italia, taiêghe la testa ai preti" ("O Papa Pio IX anda sobre o muro/ Se querem que ele desça, dêem-lhe um soco./ A Itália está doente, toda cheia de defeitos./ Se quiserem curar a Itália, correm a cabeça dos padres" - nº 33).

Muitos aspectos podem ser abordados num estudo sobre o folclore italiano contido nestas canções, aspectos de linguagem, mensagem, história, autoria, etc. O objetivo aqui é conhecer melhor a alma do imigrante e informar a existência desta literatura em Santa Catarina além de dar seu conteúdo de maneira sucinta. Fica registrada a sugestão para estudos mais aprofundados e abrangentes.

Neste trabalho a tarefa deve prosseguir com suas características próprias, aproximando-se cada vez mais daquele que é o objetivo principal: a criação ficcional. Assim, nas próximas páginas, serão vistas obras literárias escritas em italiano e em dialeto vêneto, começando pela poesia de Fioravante Valentino Ferro.

2.4. Obras Literárias

2.4.1. Grafico Impercettibile - Gráfico Imperceptível

Autor: FERRO, Fioravante Valentino.

(Bellosguardo) Florianópolis, 1967, 252 p.

É uma publicação bilíngue italiano/portuguesa.

Apresentação (orelha) de Silveira Lenzi.

Contém um prefácio do próprio autor: "A chi legge" -
"Aos que me lerem".

O Autor

Nasceu em Verona (Itália) e veio ao Brasil em 1958. Professor de Filosofia Romântica desde 1962. Lecionou ainda Língua e Literatura Italiana na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFSC, bem como História da Arte. Naturalizou-se brasileiro. Dedicou-se ao estudo da Poesia, da Pintura, da Escultura, da Cerâmica e da Música. Recebeu condecoração do "Ministero degli Affari Esteri" (Ministério das Relações Exteriores) por sua ação de difusão da cultura de seu país em Santa Catarina. Além deste "Grafico Impercettibile" escreveu "In Memoriam di Martin Luther King, di Robert Francis Kennedy" (Florianópolis, ed. do autor, 1968).

A Obra

São cem títulos de poemas líricos, quase todos muito breves, agrupados em três seções: "Gráfico do Tempo", "Gráfico do Coração" e "Gráfico da Alma". Escrevi "quando o íntimo fervor malcontido forçava a explosão" (p.I). Publico "para subtrair (...) à asa voraz do tempo estes fragmenta mei, ne pereant. Por nenhum outro motivo" (p.I). Estas as suas razões

para tornar o espírito produtivo, antes árido porque aprisionado por velhos princípios e técnicas ultrapassadas. Esta lírica é "Gráfico imperceptível de momentos que o meu sentir traçou sobre a areia do tempo... explodia dentro dos penetrais do espírito sempre em revolta por um dualismo incomponível..." (p. II e III).

Mesmo numa leitura que tem por objetivo conhecer apenas superficialmente a obra de Ferro para captar as impressões mais latentes do espírito, percebe-se de imediato (principalmente na primeira parte), a presença de uma alma inquieta, voltada para dentro de si mesma, mas em sintonia com a natureza em revoadas surrealistas de estados oníricos ou de inquietação existencial. Os elementos naturais, principalmente relacionados às idéias catalisadoras do poeta, relativas ao cosmos (sol, lua, estrelas, ocaso, noite, dia, universo, imensidão) servem de suporte aos "fantasmas do coração" que inquietam o espírito do Poeta-Filósofo. Surgem, em consequência, as antíteses denunciadoras do profundo dualismo captado principalmente em momentos como o do ocaso, ou quando a noite vai dormir dando lugar a um novo dia; ou quando se aproximam idéias tais como alegria e dor, noite e dia, vida e morte, tûmulo e festa, a idéia futurista de automóvel veloz e a paz que a alma procura.

Os animismos são significativos, com o "misterioso sorrir de estrelas na abóbada virginal..." (p.42), ou "chora o inverno os sonhos de verão" (p.60).

Na segunda parte, "Gráfico do Coração", a tônica é o amor, cujo veículo são as palavras transformadas pelo poeta em incandescente luz. Os pequenos poemas desta seção são a forma

concretizadora de desejos e paz, de descanso, de libertação, de vigília. O homem está sozinho frente a si próprio, com sua solidão e seu problema de existir, à procura de eternalidade salvadora, que não encontra. Apenas existe uma esperança de que chegue alguém para preencher o vazio e amadurecer o amor que dá vida no dia em que "ri por todas as janelas o sol" (p. 148).

Na terceira parte, "Gráfico da Alma" a tônica é a religiosidade. O homem se encontra frente a uma realidade adversa que exige renúncia, que desilude, culmina fatalmente com a morte. Aí o poeta se inclina perante uma vontade suprema e expressa seu contentamento alinhando-se à mensagem evangélica: "Tenho a felicidade perfeita/ de ser amigo de Deus" (p.207).

O livro de Ferro é bastante recente e é a última obra escrita em italiano. As que se seguem são em dialeto vêneto, a 1ª do Padre João Leonir Dall'Alba e as outras duas do Prof. José Curi.

2.4.2. Stianni in Colônia⁴¹

DALL'ALBA, Padre João Leonir, 1.ed. Caxias do Sul/Florianópolis, EDUCS/Lunardelli, 1986, 176 p.

O Autor

João Leonir Dall'Alba nasceu no distrito de Ana Rech, município de Caxias do Sul em 1938. Pertence à congregação dos Padres Josefinos de São Leonardo Murialdo. Como é praxe desta congregação de religiosos, mudou diversas vezes de residência.

⁴¹Os Primeiros Tempos nas Colônias.

Em 1959 veio para Santa Catarina (Orleans). Três anos depois seguiu para a Itália (Viterbo) onde permaneceu até 1966, quando foi ordenado sacerdote. De volta daquele país, estabeleceu-se novamente em Orleans onde residiu até 1981, quando foi transferido para Caxias do Sul. Em 1985 voltou a Santa Catarina (Araranguá) e em 1987 foi transferido para Tena, no Equador.

Além de Teologia possui curso superior em Filosofia e Letras. Em Orleans criou a Fundação Educacional Barriga Verde (FEBAVE), o museu do Imigrante e o Museu ao Ar Livre. Organizou um Museu em Ana Rech. Suas publicações são quase todas de cunho histórico.

- Pioneiros nas Terras dos Condes, História de Orleans, Vol. I, Florianópolis, IDESC, 1971.
- O Vale do Braço do Norte, Ed. do autor, 1973.
- Laguna Antes de 1880, Florianópolis, Ed. Lunardelli/UDESC, 1979.
- O Cantar do Colono, Edição especial de "Sinos de Orleans", 1980.
- Imigração Italiana em Santa Catarina, EDUCS/EST/Lunardelli, 1983.
- Colonos e Missionários nas Florestas do Brasil, trad. da obra do Padre Marzano, UFSC/Pref. M. Urussanga, 1985.
- História do Povo de Ana Rech, (com outros). Caxias do Sul/EDUCS, 1987.
- Os Dall'Alba, Cem anos de Brasil, Caxias do Sul/Porto Alegre, EDUCS/EST, 1984.

- Colonos e Mineiros na Grande Orleans, Ed. do autor, 1986.
- Stiani in Colônia, EDUCS/Lunardelli, 1986.

A Obra

O livro contém uma introdução do autor seguida de setenta poemas escritos em dialeto. São poemas de cunho narrativo e conteúdo histórico. O autor deixa neles registradas as suas recordações trazendo tipos e pessoas, animais ou coisas que, de alguma forma, deixaram-lhe impressões peculiares. Mas é também a visão da saga de uma coletividade inteira, que deixou o velho mundo e procurou construir seu novo ambiente no Rio Grande do Sul. Ressalta como qualidades preciosas do imigrante, a disposição para o trabalho, a religiosidade, a solidariedade. Descreve usos, costumes, lazer, etc. Da leitura destes poemas depara-se que o autor reputa como valores para o ser humano, além dos já citados, o elevado número de filhos para cada família e o contacto com a natureza como índice de felicidade, de saúde física e bem-estar. Olvida, porém, a crueza do sacrifício imposto pela natureza agreste, pelo abandono completo a que os deixou o país de origem e a desorganização do país hospedeiro. Adota uma postura cristã (obviamente) frente a este sacrifício que, uma vez desejado por Deus, deve ser suportado com resignação e até com alegria, o que tem em comum com as obras dos outros sacerdotes já referidos. Também aponta para os confrontos do progresso com a vida campesina, cujos reflexos se fazem sentir irradiados desde a cidade. Chama atenção daqueles que se queixam das crises modernas e se esquecem de que a vida dos antepassados tinha menos conforto. E adverte: "Desso i me tira le redene/ Ma semo

ancora de trote. / Lamentarse zê un pecã" (Agora puxam as ré-deas/ mas ainda vamos a trote. / É pecado se queixar. - p.138). A linguagem é realista e direta, sem entrelinhas nem transcendências. A preservação do vocabulário do dialeto vênето usado pelos imigrantes e o registro de usos, costumes, modos de vida, utensílios, etc. é um valor indiscutível da obra.

A inclusão neste trabalho do "Stianni in Colônia" que foi escrito no Rio Grande do Sul e que se refere a fatos relacionados com a infância do autor passada em Caxias do Sul (São Valentim e Ana Rech) se deve ao fato do mesmo ter vivido mais de uma década em Santa Catarina (Orleans e Araranguá) e ter publicado aí a maioria de suas obras. Seu nome consta, portanto, no rol dos escritores (historiôgrafos) catarinenses.

Outro livro escrito em dialeto vênето é o "Resta Quã con Noaltri" de José Curi, que será abordado nas próximas páginas.

2.4.3. Resta Quã Con Noaltri⁴²

Autor: José Curi

Florianópolis, Ed. da UFSC, 1987, 56 p.

Dimensões: 14,2 X 21 cm.

O Autor

José Curi é natural de Rio dos Cedros, filho de pai árabe e mãe italiana. Inicialmente só falava o dialeto vênето, aprendendo o Português aos sete anos. Estudou com os salesianos de Ascurra, Lavrinhas, Pindamonhangaba e Lorena. Formado em Le-

⁴²Fique aqui conosco.

tras e Filosofia, trabalhou no Liceu Salesiano de São Paulo. Em Blumenau, para onde foi em 1958, lecionou no Colégio Pedro II. A partir de 1962 tornou-se catedrático de língua italiana da Faculdade de Letras e Filosofia em Florianópolis. Depois conquistou a cátedra de Filologia Romântica. Em 1971/72 fez Pós-Graduação na UFSC. Em 1973 fez curso de Letras na Faculdade de Bolonha. Em 1974 defendeu a tese de doutorado: "A intensionalidade do Signo Lingüístico". Pesquisou também em Pádua. Faz parte da Academia Catarinense de Letras ocupando a cadeira nº 18. Editou diversas obras didáticas individualmente ou em parceria com o Prof. Celestino Sachet. No campo da Literatura é autor de Juca Jacu e Cia (Ed. Lunardelli/UFSC, 1979), Traze-me o Girassol (Co-ed. Ed. Lunardelli/UFSC, 1982); Cassoga Capital Cassoga (FCC, 1982); Raconti de Rio Cedro (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, 1984); Resta Quà Con Noaltri (Ed. UFSC, 1987); A Volta de Juca Jacu (em execução).

A Obra

São 25 poemas que tratam da vida dos imigrantes e filhos de imigrantes de Rio dos Cedros-SC. Do ponto de vista técnico, há poemas metrados com predileção do autor para versos longos (eneassílabos, decassílabos e dodecassílabos), alguns são mistos, isto é, possuem dois ou mais tipos de metro, e outros são livres. Quanto à rima, podem ser encontradas emparelhadas e cruzadas, mas a maioria dos poemas tem versos brancos. Quanto à estrutura, existem estrofes com número variado de versos; alguns poemas não têm estrofes, outros têm estrutura fixa: quartetos (Gesù)⁴³, oitavas (Fior e Spada)⁴⁴, e sone-

⁴³Jesus.

⁴⁴Flor e Espada.

tos (Zugatoli e La Rendera)⁴⁵.

O sabor clássico é sentido nos assuntos eivados de bucolismo, nas referências à mitologia e às personagens da História, no modo de construir o poema (oitavas), e nos versos de nove, dez e doze sílabas, bem como na terminologia.

Os assuntos são próprios da vida simples dos homens de Rio dos Cedros-SC. Os valores giram em torno da mulher (com predileção especial pela "bionda"), da tradição, do homem imigrante, da religiosidade, da criança, da paisagem, da natureza e dos sentimentos propriamente ditos - assuntos comuns aos "Raconti de Rio Cedro".

"Resta Quã con Noaltri" é o poema que empresta o título ao livro e, por si só, já é um resumo daquilo que vai no espírito dos homens de Rio dos Cedros, ameaçados e indefesos. Precisam de uma alma solitária. Você, que é doutor e também riocedrense, por favor, "resta quã con noaltri" para nos ajudar, para matar a saudade contando e ouvindo histórias de quarenta anos atrás.

A verdadeira liberdade e felicidade não se conquista sendo doutor (com a ciência ou a riqueza). Se conquista, antes, na manutenção de valores tradicionais entre os quais se encontra a língua falada pelo imigrante porque ela transmite os sentimentos ou talvez a essência do ser imigrante que foi violentado e arrancado de sua terra. Criando aqui a sociedade desejada, de repente percebe uma nova ameaça que, aos poucos, se concretiza: o "paeselo" (vilarejo) morre porque morrem os dialetos. Afirmação algo parecida com a do Padre Marzano que

⁴⁵ Brinquedos e A Rendeira.

se preocupa com a conservação da língua-pátria do imigrante. Segundo ele, ao se perder a língua, facilmente a fé cristã se perderá (Marzano-31). E com as mudanças que vão ocorrendo, nasce a saudade das chaminés (símbolo poético de todo um passado) que já não fumegam mais porque o gás do progresso as substituiu.

Resta Quã con Noaltri registra um momento em que o poeta se volta para trás para interpretar a tristeza de seus conterrâneos que sentem (embora não o saibam talvez exprimir) que as veredas pelas quais o mundo caminha não são as veredas por ele pretendidas. Sentado à beira do caminho, feita uma cruz com o cabo da enxada, com prego e martelo na mão, o imigrante não encontra quem o queira crucificar "dopo una triste passion" (Depois de uma triste paixão) evidenciando que seu destino é a continuidade do sofrimento e a luta, mas é também a persistência e a esperança. O sistema capitalista dominante não pode mais ser vencido, no entanto não pode ser o dominador absoluto. É é nesta encruzilhada que se encontra o imigrante ou seus filhos e netos que seguem os mandamentos milenares encarnados na raça italiana, principalmente no campesino. A saída é a mesma que o autor encontrou em Raconti de Rio Cedro: a convivência, naquela obra muito bem evidenciada em Fonso, e nesta, no poema Florianópolis.

Em revoadas pela atmosfera da filosofia o Autor aproxima sentimentos opostos em que se vê o homem frente ao absurdo ou ao dualismo existencial. Uma cabra balindo diante de uma favela pode despertar a atenção do ser humano para a situação em que vive seu semelhante. Pelo menos faz o espírito balançar entre o idealismo de quem vive e conserva seus valores e

a realidade mais dura de um sistema bem menos comprometido com a essência do homem, e, por isso, mais incoerente. Esta incoerência não percebida pela maioria das pessoas, gera a insatisfação, e o homem do campo que ainda tem um pouco de tranqüilidade vai em busca da paz (da felicidade) ameaçada, mas aquele que se deixa arrastar pelas novas formas de vida andarão por caminhos errados que se concretizam na oferta que gera necessidades indefinidamente, quando, na prática, o amor é a chave que pode abrir a porta desta paz. Não só o que faz um voltar-se para o outro, mas aquele que satisfaz também a ansiedade do transcendental, sentimento tão forte na alma do italiano; aquele que se doa à filha pequena; aquele que une dois seres até voltar-se a página da vida para um deles.

Uma vez diante desta transcendentalidade, são abordados temas bíblicos e verdades teológicas ou ainda os assuntos cantados pelos magos das idéias. E tudo converge para a necessidade de salvar o homem. Salvação que só se dará, segundo o autor, em outro mundo, onde impera a justiça incontestável. Adversário desta salvação é, paradoxalmente, a oferta de salvação desta vida terrena, o bem-estar que pode ser alcançado pelo acúmulo de riqueza, mas que, via de regra, produz o desequilíbrio e conseqüentemente a injustiça. Daí nasce, como exemplo, a cena triste de crianças abandonadas nas ruas das cidades.

Mas ainda ali acena-se para algo simples e puro, alguma coisa que pode simbolizar o "ganharás o pão com o suor de teu rosto" (Gen, 3-19). É o trabalho da rendeira. Depois dela, a visão da cidade grande também se transforma, quebra-se o preconceito. A cidade pode ser um lugar onde a beleza faz seu

ninho. A beleza natural, que, portanto, salva, é boa. Então o autor pode trocar seu pequeno Rio dos Cedros pela Capital. Alguma coisa condiz, se identifica, preserva.

2.4.4. Raconti de Rio Cedro⁴⁶

Autor: José Curi, 1.ed.

Florianópolis, Edição da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, 1984, 66 p.

São dez contos narrados em dialeto (o de Rio dos Cedros), com uma característica própria: "è una lingua del SCI", como afirma o próprio autor. José Curi conseguiu criar o clima próprio das colônias italianas do sul do Brasil, com a linguagem, usos e costumes da convivência agrária. Preserva, com nitidez a imagem do "prete" (padre), do "nono" (avô), do "zio" (tio) e outras. Elementos como instrumentos de cozinha, da roça, da cavalgada, contribuem para a formação deste ambiente. Chamam atenção as canções que manifestam o espírito festivo ou os valores do vinho, da polenta e do amor.

O primeiro conto "Fonso"⁴⁷ retrata o homem, provavelmente filho (ou neto?) de imigrante italiano. Homem que vive de trabalhar a terra e por isso ele mesmo transformado num ser identificado com o ambiente. É tradicionalista, dono de pequena propriedade rural. Dedicar-se à cultura de subsistência.

⁴⁶ Contos de Rio dos Cedros.

⁴⁷ O conto "Fonso" obteve o primeiro lugar no III Concurso de Contos da Fundação Educacional da Região de Blumenau - 1978. Foi editado em Português no livro "Os Contos da FURB". Ed. Acadêmica 1979 - p. 109-117.

Pai de muitos filhos, católico. Projeta as ações de sua vida à conquista de um Bem Supremo em outro mundo. Identifica-se com as pessoas com quem se relaciona de imediato.

Contrastando, porém com seus parâmetros sociais, o ambiente das cidades que já se formaram, exerce influências sobre ele. E a cidade significa aqui o sistema capitalista—selvagem. Fonso decide-se, então, ajudado por um cunhado, que vive na cidade, a procurar o banco. Quer conseguir um empréstimo para montar uma granja, ou seja, para ingressar ele também no sistema de produção de capital. Empenhando duas escrituras e o gado consegue oitenta contos com o que alcançaria seu objetivo. No entanto, dívidas contraídas anteriormente, outros descuidos próprios da inexperiência e o início da obra consomem o dinheiro antes de se criarem as condições de produção. A estrutura bancária, fornecedora dos recursos, passa a exigir a compensação. Impossível pagar. Ainda por cima, o pouco que Fonso consegue tem que ser gasto em hospital ou no sustento da própria família. Outras desgraças arrasam-no. A realidade é dura e contrasta com o sonho. Fonso perdeu as terras e o caso suscita comentários no lugar. Isto o envergonha e abala profundamente. Afinal, possuir a terra era o objetivo supremo do imigrante; era a forma pela qual podia-se gozar a independência e a liberdade. Agora que ela estava em seu poder, há poucas décadas da realização deste sonho supremo, ele a deixa escapar por incompetência e volta ao estado que todos execravam. Não só ele, mas jogava também a família nesta triste situação. "Vergonha! Vergonha!". Só uma feliz casualidade poderia criar uma situação favorável.

O cunhado resgatou uma das escrituras, sem maiores pre-

tensões, a que referente à terra boa, onde também se encontra a casa. O senhor Matt (este maldosamente), adquiriu em leilão a outra, por engano, as terras do morro e das pedras. Desta forma Fonso pôde readquirir praticamente tudo o que possuía antes.

Retrata-se no conto a mesma situação social em que, algumas décadas antes, vivia o agricultor de subsistência do norte da Itália. Explorado e abandonado pelo poder público, liberado pela Igreja, tentou transplantar sua cultura católica, tradicionalista, feudal para o ambiente "seguro" da natureza agreste do Brasil. Conseguiu-o por algum tempo, mas formaram-se as cidades e o "monstro" do capitalismo exerce sua influência e força a mudança dos valores e dos costumes. Fonso atendeu ao apelo, mas a força de sua cultura o impediu de ter sucesso. Ele é, antes de tudo, um "puro", homem sem artificialidades que se vê, de repente, frente às afabilidades das maneiras do homem de negócios, do rendimento certo, do direito e das técnicas de cobrança do sistema financeiro e do oportunismo de Matt. Frente a esta armadilha do capital, Fonso está nu. Pode contar apenas com a solidariedade do cunhado e com a coragem da mulher. E só não mais um arruinado porque o acaso o ajudou. Mas teve que recuar. Não realizou o sonho, não conseguiu penetrar no sistema e acabou reconhecendo que estava preparado, não para lutar, mas apenas para continuar a ser o que era antes: "colono". Ainda assim é melhor que ser frustrado e residir à periferia do progresso capitalista onde arriscou de ficar. Conseguiu ainda "conviver com", e se "submeter a".

Fonso continua sendo um residual do sistema feudalísti-

co, mas não se sente marginalizado pelo capital burguês. Subordinando-se à terra, beijou-a e beijou os instrumentos tradicionais do trabalho agrícola. Com este gesto reconcilia-se com a terra que sempre o sustentou, com os outros (próximos) e consigo mesmo. O mundo se dividiu em dois: um cheio de formalismos, de engodos, de artifícios, de dominação e de necessidades criadas; o segundo, onde ainda sobrevive a solidariedade, a autosubsistência e, apenas, para serem satisfeitas, as necessidades básicas da sobrevivência. Fonso encerrou-se neste. Para sempre.

Em "La Maestra e el Mulo"⁴⁸ o ambiente se equilibra entre o rústico e interiorano e o sofisticado e progressista. Entram em cena uma mistura de personagens e, em consequência, aproximam-se níveis diferentes de linguagem. Mas todos estão igualmente interessados num mesmo objeto. Ninguém questiona o outro. A convivência é possível e pacífica. Ninguém precisa quebrar seus padrões, como tentou fazer o Fonso. Já em "El Sogno de Bepi"⁴⁹ o autor vai mais longe: aproxima outros elementos denunciadores de uma possível convivência dos dois mundos sociais. Na mesma casa coexistem fogão de lenha e fogão a gás; ferro de brasa e ferro elétrico; geladeira e gavetas; zorra e carroça; uísque e cachaça e até o dialeto vênето e o português. "Forsi per alcoanti ani ancor" (Talvez por muitos anos ainda), confessa a personagem, denunciando que também o mundo agrário se inclina cada vez mais para uma adaptação aos benefícios do progresso.

⁴⁸ A Professora e o Burro.

⁴⁹ O Sonho de José.

Em "El Robo Dele Angurie"⁵⁰ personagens do mesmo nível social se aproxima e se relacionam em perfeita sintonia. O homem pratica pequenas maldades, mas, consideradas grandes pela vítima. A tentativa de conseguir vantagens e, ao mesmo tempo, o cuidado em evitar uma possível tragédia (o nono Ostí está com a espingarda na mão) acabam criando um novo elemento: a comicidade que nasce do absurdo dramático e trágico próprio de uma situação em que se encontra o imigrante italiano.

"La me Gente ai Ani de Terci"⁵⁴ é uma história que engloba uma sequência de estórias, muitas narradas em volta de uma mesa de jantar. É o momento em que todos se encontram, festivo e quase sacramental para os italianos. É aí, em torno de uma mesa, que se realiza, de maneira completa, a expressão da felicidade. O ser humano se relaciona com seus semelhantes, perfeitamente integrados entre si e agregados ao meio. sentem-se as (boas) qualidades do homem agricultor, seus costumes, seus valores, os elementos de seu relacionamento com a natureza que, harmoniosamente, satisfaz todas as suas necessidades. Com abundante cor local, muito sentimento telúrico, é a realização dos sonhos que tiveram o imigrante e a Igreja Católica quando, sentindo ameaçado seu sistema tradicional de vida pelas influências do capitalismo, resolvem transplantar para a América sua cultura soberana, independente, auto-suficiente e fechada em si mesma. Seria a concretização do que Renzo M. Grosselli afirma: o camponês do norte da Itália prefere mudar de sociedade a tentar mudar a sociedade, e, em parte, o conseguiu⁵².

⁵⁰O Roubo das Melancias.

⁵¹Minha Turma no Aniversário de Terci.

⁵²Ver nota nº 6.

Em "Cascui e Pensieri"⁵³ Rondelo expressa numa frase os objetivos de sua vida: "ghen la testa e la pansa piena" (temos a cabeça e a barriga cheia - p.43), o que pode ser interpretado como a satisfação das necessidades da vida material e garantia da outra vida como objetivo supremo desta e avalizada pela tranqüilidade de consciência, garantida através da moralidade das ações praticadas (anteriormente definida pelos princípios anotados pelo professor Caneta em seu caderno).

"Na Bela Siomegã"⁵⁴ retrata a sabedoria popular na boca do respeitável "nono" que, para tudo, tem um provérbio.

O uso de provérbios para transmitir sabedoria, experiências, e resumir situações, é uma característica inerente ao linguajar do italiano e é próprio de sua psicologia. Daí que o "nono", pouco antes de morrer, possivelmente motivado pela loucura, adquire a mania de só falar através de provérbios.

E assim os demais contos: "La Bionda"⁵⁵, "I do Araboti e Torna a Rio Cedro"⁵⁶, e "La Madonina"⁵⁷, acontecem no mesmo ambiente, com o mesmo nível de linguagem, com os mesmos valores, embora no segundo apareçam personagens de origem árabe e se ponha em contraste a vida da cidade e a do interior.

A obra é bastante autobiográfica e, na linguagem, se o veículo de comunicação é o dialeto vênето, às vezes nota-se a presença do professor universitário de língua italiana. Mas, sobretudo, o autobiografismo se mostra no cenário, Rio dos Cedros-SC, terra natal do autor.

⁵³Cascudos e Pensamentos.

⁵⁴Uma Boa Indigestão.

⁵⁵A Loura.

⁵⁶Os Dois Árabes Retornam a Rio dos Cedros.

⁵⁷Nossa Senhora.

CONCLUSÃO

Neste primeiro volume procurou-se conhecer o homem que saiu do norte da Itália e veio dar sua contribuição ao desenvolvimento do estado de Santa Catarina. Uma vez conhecido este homem, suas características econômicas, sociais e políticas, fez-se um itinerário que incluiu todas as obras escritas na sua língua (italiano ou dialeto), incluindo-se livros e jornais produzidos no lugar onde o imigrante se estabeleceu.

Ao passar para o segundo volume, ver-se-á, através do resultado de pesquisa, a contribuição que pode ser dada pela linguagem oral ainda conservada. Nesta linguagem têm realce especial os provérbios e frases que expressam os mais variados sentimentos que revestem a comunicação humana.

Em seguida faz-se uma referência breve à teoria dos contos para depois, e finalmente, ir-se às "Histórias de Brenta".